

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA GABRIELA SIMÕES BORGES

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO TELEVISANDO O  
FUTURO NA ESCOLA

CURITIBA

2012

ANA GABRIELA SIMÕES BORGES

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO TELEVISANDO O  
FUTURO NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Educação na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Maria  
Cardoso Dalla Costa

CURITIBA

2012

Catálogo na Publicação  
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Borges, Ana Gabriela Simões

Televisão e educação: um estudo sobre o projeto televisando o futuro na escola / Ana Gabriela Simões Borges. – Curitiba, 2012.  
140 f.

Orientadora: Profª. Drª. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação,  
Universidade Federal do Paraná.

1. Televisão na educação. 2. Comunicação na educação.  
3. Ensino fundamental – Tecnologia educacional. 4. Comunicação e cultura. I. Título.

CDD 371.3358

**DEDICO** a todos os professores. Àqueles que reconhecem ou não a importância do uso da mídia no ambiente escolar, e àqueles que desejam refletir sobre sua atuação e buscam compreender melhor a convergência entre as áreas da comunicação e educação.

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, que meu saúde e disposição para os estudos e por me guiar a todo momento.*

*À Professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa pela sua orientação, amizade, apoio, compreensão, confiança e também pelos “puxões de orelha” quando foram necessários.*

*Às professoras Susana da Costa Ferreira e Kelly Prudêncio por aceitarem participar da banca de qualificação e defesa da dissertação e por contribuírem tão significativamente com esta pesquisa.*

*À Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu, pelos dados fornecidos, por ter aceitado a realização da pesquisa em suas escolas e por reconhecer a importância da cientificidade para a produção do conhecimento.*

*Às amigas Lúcia Maia, Elaine Tezza, Iris Tomita, Andressa Grilo, Viviane Ongaro e Paula Reis que de uma forma ou de outra contribuíram para as reflexões e resultados desta pesquisa.*

*Aos professores que em meio a tantas outras atividades, responderam os questionários e entrevistas, garantindo o andamento e conclusão da pesquisa.*

*Ao meu marido e meus familiares, que sempre acreditaram na relevância deste trabalho e me apoiaram durante toda a caminhada.*

## RESUMO

Pesquisa qualitativa que investiga a aproximação entre a televisão e a educação por meio do projeto Televisando o Futuro em escolas de Foz do Iguaçu. Tem como objetivo principal verificar como os professores que lecionam nas primeiras séries do Ensino Fundamental utilizam a televisão na escola. A pesquisa justifica-se pela relevância e atualidade do tema, tendo em vista o crescente número de projetos que trabalham com a premissa da educação aliada à comunicação e a presença e influência da televisão na vida dos brasileiros. Para dar embasamento teórico ao tema foram consultados principalmente os autores Belloni (1998; 2001), Citelli (2004; 2011), Dalla Costa (2004; 2006; 2008), Martín-Barbero (1995; 1997; 2001) e Soares (1999; 2011). A proposta da pesquisa empírica foi a de analisar como o projeto Televisando o Futuro foi abordado em sala de aula pelos professores e de verificar a aproximação das ações com o conceito de educomunicação de Soares (2011). Para coletar dados sobre o desenvolvimento do referido projeto nas escolas, foram utilizados instrumentos de inquérito (entrevistas e questionários), assim como a análise documental. Os instrumentos e as diferentes fontes escolhidas para coleta tiveram o intuito de verificar de que forma a televisão esteve presente no cotidiano escolar e como foi trabalhada em sala de aula. As informações coletadas foram sistematizadas e analisadas seguindo os princípios da pesquisa qualitativa, que teve como base os autores Alves-Mazzotti (2001), André (2001), Brandão (2002) e Lessard-Hebert et al (1990). O estudo revela a preocupação das escolas em cumprir a grade curricular anual. Avalia também que as ações que envolvem a televisão e a educação nas escolas, podem ser aprimoradas para que sejam consideradas educacionais, e para que vençam os obstáculos que dificultam a ampliação do diálogo entre a comunicação e a educação.

Palavras-chave: Educomunicação. Televisão. Escola. Telejornal.

## ABSTRACT

Qualitative research which investigates the proximity between television and education by means of the Project Televising the Future in Schools of Foz do Iguaçu. Its main objective is to verify how teachers who teach in the first grades of the Elementary School use television at school. Such a research is justified due to its relevance and the timeliness of the theme, regarding the growing number of projects which work with the premise of having education connected with communication and the presence and influence of television on the lives of Brazilian people. As to the theoretical background Belloni (1998; 2001), Citelli (2004; 2011), Dalla Costa (2004; 2006; 2008), Martín-Barbero (1995; 1997; 2001) and Soares (1999; 2011) were the main authors cited. The proposal of the empirical research was to analyze how the Project Televising the Future was approached by the teachers in the classrooms and to verify the proximity of the actions with the concept of educommunication by Soares (2011). In order to collect data as to the development of the project in the schools, instruments of search inquiry (interviews and questionnaires) and documentary analysis were used. The instruments and the different sources chosen to collect data aimed to verify in which way television was present in the quotidian of the school and how it was worked in the classrooms. The information collected was systematized and analyzed according to the principles of the qualitative research, which had the following authors as its basis: Alves-Mazzotti (2001), André (2001), Brandão (2002) e Lessard-Hebert et al (1990). The study reveals the worry of the schools in fulfilling the tasks concerning the annual curricular program. It also evaluates the fact that the actions which involve television and education at schools can be improved so that they can be educommunicative and overcome the obstacles which make the dialogues between education and communication difficult.

**Keywords:** Educommunication. Television. School. Telejournal.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – PERCEPÇÃO DO TELESPECTADOR.....	43
QUADRO 2 – SISTEMATIZAÇÃO DE OBJETIVOS E AÇÕES.....	55
TABELA 1 – PERFIL DOS ELEITORES DE FOZ DO IGUAÇU.....	58
TABELA 2 – PERFIL DA POPULAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇUI POR IDADE.....	58
TABELA 3 – PERFIL DA POPULAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU.....	58
TABELA 4 – ECONOMIA FAMILIAR EM FOZ DO IGUAÇU.....	59
QUADRO 3 – APROVEITAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS.....	69
GRÁFICO 1 – FORMAÇÃO DOS DOCENTES.....	70
GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS DOCENTES.....	70
GRÁFICO 3 – TEMPO DE DOCÊNCIA.....	71
GRÁFICO 4 – TURMAS EM QUE LECIONAM.....	71
GRÁFICO 5 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES SOBRE MÍDIA E EDUCAÇÃO.....	71
GRÁFICO 6 – ACESSO A EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS.....	72
GRÁFICO 7 – EQUIPAMENTOS AOS QUAIS OS DOCENTES TÊM ACESSO.....	72
GRÁFICO 8 – LOCAIS ONDE OS PROFESSORES MAIS ACESSAM OS EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS.....	72
GRÁFICO 9 – OS PROFESSORES ASSITEM TELEVISÃO?.....	73

GRÁFICO 10 – COM QUE FREQUÊNCIA?.....	73
GRÁFICO 11 – CANAIS MAIS VISTOS.....	74
GRÁFICO 12 – GÊNEROS QUE MAIS GOSTAM.....	74
GRÁFICO 13 – A TV TEM INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLA?.....	75
GRÁFICO 14 – A ESCOLA DEVE DISCUTIR A MÍDIA?.....	75
GRÁFICO 15 – OS PROFESSORES PRECISAM DE APOIO PARA TRABALHAR COM AS MÍDIAS NA ESCOLA?.....	76
GRÁFICO 16 – CONCEITO ATRIBUÍDO AO PROJETO.....	76
GRÁFICO 17 – FIZERAM CURSOS PELO PROJETO?.....	77
GRÁFICO 18 – SABE O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?.....	77
GRÁFICO 19 – FAZ EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA?.....	78
GRÁFICO 20 – ATIVIDADES FEITAS A PARTIR DO PROJETO.....	78
GRÁFICO 21 – BENEFÍCIOS DO PROJETO.....	79
GRÁFICO 22 – DIFICULDADES DO PROJETO.....	79
GRÁFICO 23 – FREQUÊNCIA DO TRABALHO COM TV EM SALA DE AULA.....	88
GRÁFICO 24 – APROVEITAMENTO DAS REPORTAGENS.....	88
GRÁFICO 25 – DIFICULDADES PARA DESENVOLVER O PROJETO.....	89

## **LISTA DE SIGLAS**

GRPCOM – Grupo Paranaense de Comunicação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

MEC - Ministério da Educação

OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios

PPP – Projeto Político Pedagógico

UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA .....</b>	<b>18</b>
2.1	A escola, a cultura e os meios de Comunicação.....	19
2.2	Educomunicação: o conceito que chegou pra ficar.....	23
2.3	Televisão e escola: primeiras aproximações.....	26
2.4	O fenômeno chamado televisão e sua história.....	31
2.5	O projeto televisando o futuro.....	36
2.6	O telejornal e as reportagens no projeto Televisando o Futuro.....	40
2.7	Informação e mediação: a vez do sujeito.....	44
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>49</b>
3.1	Questões e sub-questões de investigação.....	51
3.2	Técnicas de pesquisa.....	51
3.3	Delimitação do ambiente de pesquisa.....	52
3.4	Relato da coleta de dados.....	53
3.5	Etapas da pesquisa.....	56
<b>4</b>	<b>CONTEXTO.....</b>	<b>57</b>
4.1	O município.....	57
4.2	As regiões.....	60
4.2.1	Região Central.....	60
4.2.2	Região Porto Meira.....	61
4.2.3	Vila C.....	61
4.2.4	Região Morumbi / São Francisco.....	61
4.2.5	Região Três Lagoas.....	62
4.3	As escolas.....	63
4.3.1	Escola Municipal Jardim Naipi.....	63
4.3.2	Escola Municipal Frederico Engel.....	64
4.3.3	Escola Municipal Altair Ferrais da Silva (Zizo).....	65
4.3.4	Escola Municipal Cora Coralina.....	66
4.3.5	Escola Municipal João Adão da Silva.....	67

<b>5 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
5.1 Resultados: aplicação dos questionários.....	69
5.2 Resultados: aplicação das entrevistas.....	81
5.3 Resultados: análise documental.....	87
<b>6 CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A interface entre as áreas de educação e comunicação tornou-se um dos objetos de grande preocupação de pesquisadores e formadores de opinião, especialmente de professores, dada a influência que os meios de comunicação - principalmente a televisão - exercem sobre o cotidiano e cultura da escola e da sociedade em geral.

Existe certo consenso de que a televisão é hoje um dos meios de comunicação mais populares, e que tem uma participação decisiva na formação das pessoas, o que a torna praticamente indispensável para a maior parte da população, afinal, como aponta Barbero (2001) “na América Latina é nas imagens da televisão que a representação da modernidade se faz cotidianamente acessível às grandes maiorias”. A partir desse ponto de vista, é que alguns pesquisadores como Soares (2011) e Belloni (2001) enaltecem sua importância e defendem seu uso pedagógico, ao mesmo tempo em que outros criticam, a “improdutividade” dos conteúdos da mídia para a educação, como os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer faziam a seu tempo.

Em meio a essa polêmica, e diante do fato de que não mais se pode negar a necessidade de aproximação existente entre a Educação e a Comunicação, o objeto proposto para estudo nesta dissertação é o projeto “Televisando o Futuro”, como interface entre as áreas citadas.

Esta dissertação apresenta um estudo qualitativo sobre o projeto Televisando o Futuro realizado com professores da Rede Municipal de Ensino de Foz do Iguaçu. Presente em 22 municípios paranaenses, esse projeto é uma iniciativa da RPC TV – emissora afiliada da Rede Globo de Televisão no Paraná – e teve início em 2008 no município de Foz do Iguaçu com o propósito de colocar a comunicação a serviço da educação por meio de reportagens produzidas com fins pedagógicos e sociais.

Sua presença nas escolas e sua significativa expansão indicam que pode estar começando uma mudança no que diz respeito aos preconceitos em relação aos meios de comunicação, que predominaram por décadas, e que ainda pairam sobre o pensamento de alguns educadores. Em outras palavras, o discurso de que os meios de comunicação de massa são destruidores da cultura e veiculam conteúdos sem qualidade para a educação, manipulando e alienando a população em geral, parece dar lugar a uma nova maneira de ver e perceber a televisão.

O que provoca uma reflexão acerca dessa mudança, e faz acreditar que ela esteja acontecendo, é o fato de que os meios de comunicação têm conquistado espaço e reconhecimento como parte integrante do processo educacional, e aos poucos se passa a perceber certo entendimento de que existe uma relação direta entre a escola e sua realidade exterior, e de que a mídia pode ser um dos principais agentes de ligação e mediação entre o cotidiano e a escola.

Um avanço educacional no contexto escolar requer também um entendimento de como a mídia funciona e influencia a sociedade. A Teoria das Mediações de Jesus Martín-Barbero (1997) e Orózco-Gomez (1991) será explicitada e defendida neste trabalho por seu poder desmistificador e pela sua contribuição para uma sociedade que deseja evoluir não apenas “demonizando” a mídia, mas entendendo-a e fazendo uma leitura crítica da mesma

Serão apresentadas nesta pesquisa, que investiga a interface entre as áreas da Educação e da Comunicação - definida por Soares (2011) e Citelli (2011) como Educomunicação - as atividades realizadas por professores nas escolas de Foz do Iguaçu a partir de matérias jornalísticas produzidas pelo projeto Televisando o Futuro e veiculadas nos telejornais da RPC TV.

Foram quatro os motivos que deram início a esta pesquisa. O primeiro deles deve-se à presença e influência da televisão no contexto social brasileiro, assim como à relevância e atualidade da temática, tendo em vista que projetos que aproximam as áreas de Educação e Comunicação estão se expandindo pelo Paraná, pelo Brasil, América Latina e por todo o mundo, e que, por esse motivo, não podem ficar de fora da discussão e da prática escolar e acadêmica. O Televisando o Futuro é um exemplo dessa expansão em um curto espaço de tempo, visto que a cada ano aumentam o número de cidades e de escolas que aderem ao projeto.

O segundo motivo deve-se à expectativa de verificar se as práticas docentes refletem ou mantêm algum vínculo com o conceito de Educomunicação defendido pelos teóricos com os quais manteve-se diálogo nesta dissertação, como Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli.

O terceiro fator baseia-se na tentativa de entender os possíveis motivos que geram rejeição ou aceitação por parte dos professores, às iniciativas que aproximam os campos da Educação e da Comunicação. Afinal, existe uma hipótese de que a Teoria Crítica – que teve como principais representantes os teóricos Adorno e Horkheimer que escreveram nos anos 40 sobre a Indústria Cultural e sobre os

efeitos nocivos dos meios de comunicação - esteja aos poucos sendo superada, e que o potencial pedagógico dos meios de comunicação, esteja sendo de fato, mais explorado pela escola.

E em quarto e último lugar, o interesse pela pesquisa partiu da curiosidade pessoal de uma educadora, que acredita que, utilizar a televisão na escola na perspectiva da educomunicação, pode ser uma prática significativa, tanto para os professores quanto para os alunos, visto que pode contribuir para a formação de receptores mais críticos e autônomos frente aos conteúdos veiculados pela televisão, exercendo, portanto, influências positivas tanto no ambiente escolar, quanto fora dele.

A forma com que iniciativas como essa - que promovem a interface entre as áreas anteriormente citadas - estão sendo levadas às escolas pelos seus principais representantes, que são os professores, é a principal questão que norteará a trajetória de toda a pesquisa.

Com isso, a intenção é de também poder auxiliar profissionais da área de educação, levando informações e análises que expliquem, mesmo que parcialmente, a inserção da mídia na escola, e que contribuam para que sua abordagem na sala de aula seja mais produtiva, esclarecedora e emancipatória.

O estudo proposto está diretamente ligado à linha de Cultura, Escola e Ensino, e à temática “Novas tecnologias, os meios de comunicação e o ensino”, que faz parte do Programa de Pós Graduação em Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, e que objetiva refletir sobre a cultura e as práticas que são construídas no cotidiano escolar, tendo como prioridade a escola.

Em termos de relevância científica, após revisão da literatura interna da UFPR dos últimos quatro anos, constatou-se que ainda são poucos os estudos qualitativos no Setor de Educação, que abordem o uso pedagógico da televisão.

Os percursos metodológicos entre as áreas de comunicação e educação vêm sendo trilhados há muito tempo, de forma paralela, sem que os especialistas desses campo de conhecimento consigam chegar a um denominador comum para a interface necessária no uso adequado da mídia na escola. Nas sociedades modernas em que os meios de comunicação interferem diretamente na formação/deformação das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos, não há mais como negar a importância de pesquisas integradas entre esses dois campos de estudo para resultados mais eficazes nos procedimentos pedagógicos nas escolas. (CALDAS, 2006 pág. 2)

A partir da análise de todo o contexto e da crença de que os professores são os principais mediadores sociais em relação aos meios de comunicação na escola, foi que se levantou o problema desta pesquisa. E foi a partir da definição desse problema, que se tornou possível analisar a realização do projeto sob a ótica da televisão e da escola - que por sua vez será representada pelos professores -, o vínculo do projeto com a educomunicação, e, também, a mudança ou permanência da cultura presente na escola no que diz respeito à aproximação entre os meios de comunicação e a educação.

Para tanto, partir-se-á da hipótese de que os professores que participam ou já participaram do Televisando o Futuro, usam ou já usaram conteúdos e reportagens produzidos pelo projeto e veiculados na televisão em suas aulas. Pressupõe-se ainda, que os métodos utilizados pelos professores para a abordagem da televisão na escola, não estão em total consonância com o conceito de educomunicação defendido por Soares (2011) e Citelli (2011) e que as ações educacionais e os meios de comunicação (em especial a televisão), apesar de garantirem diversas possibilidades, ainda são pouco ou inadequadamente exploradas no ambiente escolar. Não por culpa ou desleixo dos professores ou da escola, mas por desconhecimento de suas possíveis abordagens.

Com o propósito de responder às questões apresentadas, e de atender à metodologia proposta para as pesquisas qualitativas, foram delineados alguns objetivos, sendo que o primeiro deles e também o mais abrangente, consiste em verificar como os professores da rede municipal de Foz do Iguaçu, desenvolvem o projeto televisando o futuro no ambiente escolar.

Analisar as atividades que são realizadas em sala de aula a partir do projeto, verificando de que forma se relacionam ou não com o conceito de educomunicação, também é uma das intenções da pesquisa, que pretende ainda, investigar o perfil dos professores que participam do Televisando o Futuro, suas relações com a televisão e com o projeto, e opiniões sobre o mesmo. Por fim, pretende-se identificar o sentido do uso da TV nas escolas pesquisadas, bem como sua influência na cultura escolar.

Para que as respostas às questões apresentadas acima fossem total ou parcialmente respondidas, propôs-se uma abordagem qualitativa, que prevê análises e contextualizações criteriosas dos sujeitos e locais escolhidos para pesquisa empírica.

Esse método foi escolhido por privilegiar uma análise dos meios de comunicação em um processo de interação social, em que não há espaço para os determinismos, mas para a análise e compreensão do contexto, e para os sujeitos.

A intenção, com isso, não é de explicar ou dar soluções mágicas para a educação a partir dos resultados da pesquisa, afinal a temática proposta neste estudo é altamente complexa, e de certa forma, recente nos debates acadêmicos e principalmente escolares. Porém, é possível provocar reflexões acerca da convergência entre dois campos bastante complexos e interdisciplinares: o da comunicação e o da educação, representadas nesta abordagem pela televisão e pela escola, e expor algumas possibilidades de conciliar a educação e comunicação de forma benéfica para todos.

Nesse sentido, a pesquisa e seus conteúdos serão explicitados em seis capítulos. O primeiro, ao qual este tópico está subordinado, diz respeito à introdução, na qual foram apresentadas as razões e a justificativa social e acadêmica da pesquisa, as questões que provocaram a curiosidade e a inquietude da pesquisadora, ou seja, o problema e os objetivos, e a forma e sequência em que serão abordados os conteúdos da pesquisa.

O segundo capítulo aborda a cultura e a forma com que permeia a educação e a comunicação. Também serão apresentadas no segundo capítulo, a visão de diversos autores sobre as interfaces entre os campos da educação e da comunicação, a teoria das mediações, as características do telejornal, a linha editorial adotada pelo Grupo de Comunicação que realiza o projeto, o Televisando o Futuro sob a ótica da educomunicação, e o surgimento da televisão no Paraná, bem como sua inserção no contexto escolar. Em suma, este capítulo explicita o referencial teórico que subsidia a temática em questão e as ações realizadas no campo empírico.

O contexto em que a pesquisa empírica foi realizada, a metodologia e as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento da mesma, são apresentadas no terceiro capítulo. O quarto capítulo descreve o contexto da pesquisa, detalhando e contextualizando social, política e economicamente o local onde foi realizada. O quinto capítulo descreve e analisa os dados coletados na pesquisa; e para finalizar, as considerações finais são apresentadas no capítulo 6.

## 2 EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Quer se tome a palavra “**educação**” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém para alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a **comunicação**, a transmissão a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação. Devido ao fato de que esse conteúdo [...] que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de **cultura**. (FORQUIN, 1993, p.10, grifo nosso).

A abordagem de Forquin sobre as três áreas que intitulam esse capítulo, mostram que a educação, a comunicação e a cultura estão profundamente interligadas. Isso porque, as três áreas acabam sendo responsáveis, mesmo que não intencionalmente, pela formação e socialização das pessoas, por educar, ensinar e ditar valores, comunicar e transmitir conhecimentos e comportamentos que perpassam as gerações.

Assim como é irrefutável a relação entre os três conceitos citados acima, é também improvável, que se perceba a cultura e a educação, dissociadas da comunicação e de suas formas de propagação.

Não há como negar, que a dinâmica cultural que reflete no nosso cotidiano, está imersa nos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, e que esses propagadores de informações e entretenimentos influenciam, de alguma forma, o cotidiano das pessoas. É a comunicação em suas diversas formas, que nos permite hoje democratizar informações para quase todo o território brasileiro. Como afirma Martín-Barbero (2001, p. 41) “na América Latina, é nas imagens da televisão que a representação da modernidade se faz cotidianamente acessível às grandes maiorias”. É a comunicação também responsável pela unificação de muitos dos discursos que circulam na sociedade instituindo, assim como a educação, diferentes e novas culturas.

A palavra “cultura”, definida por Forquin (1993) como um “patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular.”, leva a refletir sobre o papel da educação e da comunicação nesse processo tão complexo. Leva também a pensar se não há uma lacuna entre a

cultura que vem sendo ensinada pela escola, e a cultura que os estudantes realmente aprendem e levam para o seu cotidiano.

(...) a escola do futuro tem de realizar a promessa moderna, iluminista, de emancipação, integrando-se ao universo da cultura pós-moderna: isso significa escola para todos com qualidade, isto é, com tecnologia e com educação para o uso das mídias. (BELLONI, 1998, p. 6)

A opinião da autora sobre o compromisso da escola significa, em outras palavras, que a integração entre os campos da educação e da comunicação, que antes de qualquer coisa são campos culturais, faz-se a cada dia mais necessária, afinal, é na intersecção entre esses campos, que se dá o processo de socialização das gerações, e também a apropriação da cultura.

As inúmeras mudanças culturais e avanços tecnológicos que a sociedade vem atravessando não mudaram, ou mudaram pouco, a forma com que a escola e os professores têm lidado com tantos elementos que condicionam o ensino e a aprendizagem. A dinâmica da maioria das escolas ainda é a mesma de décadas, ou até de séculos atrás, e isso se deve, em parte, à dificuldade das escolas para integrar os bens culturais produzidos pela mídia, aos bens culturais produzidos e perpetuados há anos pelo sistema educacional.

Esse fato não dispensa a escola de aprender a lidar com as mensagens e linguagens midiáticas. Pelo contrário, acende a luz de alerta para a educação, mostrando que não se faz educação de qualidade ignorando aquilo que se passa fora dos muros da escola, e que não se faz educação de qualidade sem inserir professores e estudantes nesse novo universo educacional, permeado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação e pelas particularidades de um mundo globalizado e altamente informacional e informatizado.

## **2.1 A escola, a cultura e os meios de Comunicação**

Cada escola é um espaço único, com uma comunidade única, com um currículo único, com experiências e pessoas únicas. Arrisca-se fazer essa afirmação, apesar de as diretrizes educacionais serem para todos, de o currículo ser padronizado, das pessoas serem de faixas etárias similares, ou de estarem localizadas em um mesmo bairro, cidade ou estado. O que se quer dizer com isso, é

que por mais que existam padrões educacionais, curriculares e de comportamento, cada escola em seu interior será absolutamente única, ou seja, cada escola tem a sua cultura. Umas mais integradas ao que se passa no mundo exterior à escola, outras preocupadas em seguir em currículo inflexível e a ensinar coisas que nem elas mesmas saberiam justificar o motivo de estarem ensinando.

Ora, mas elas não estão sujeitas às mesmas diretrizes de ensino, não sofrem igualmente influências da família, dos meios de comunicação, das esferas econômicas, políticas e sociais? Esta questão tem duas respostas: sim, elas estão sujeitas às mesmas influências. E a outra resposta é não, se considerarmos que as influências não são iguais, afinal, a escola é um ambiente de cultura híbrida, onde segundo Canclini (2003), circulam influências de inúmeras instituições, como a família, a igreja, o bairro, os meios de comunicação, entre outras.

O próprio Ministério da Educação (MEC), responsável pelas políticas educacionais no Brasil, reconhece a importância de formar professores para o trabalho com as mídias em sala de aula. Por isso, desenvolve há anos, um Programa de Formação de Professores chamado Mídias na Educação, que tem como principais objetivos:

“destacar as linguagens de comunicação mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem; incorporar programas da Seed (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived), das instituições de ensino superior e das secretarias estaduais e municipais de educação no projeto político-pedagógico da escola e desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias”. (Portal MEC - Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681&id=12333&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681&id=12333&option=com_content&view=article)>. Acesso em 21 Fev. 2011)

E essa não é a única iniciativa do Ministério, que mais recentemente lançou o Programa Mais Educação. Esse programa criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, traz a educomunicação como uma das temáticas a serem abordadas em escolas de educação integral, ou seja, em escolas em que o estudante fica o dia inteiro. O programa tem como principal objetivo:

“ (...) aumentar a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.” (Portal MEC - Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com_content&view=article)>. Acesso em 6 Fev. 2012)

Mesmo que haja uma preocupação evidente do MEC com a aproximação entre os campos da educação e comunicação e que alguns programas já estejam institucionalizados e acessíveis aos professores, ainda há poucos docentes no Brasil qualificados para o trabalho com a mídia. E mesmo aqueles que conhecem as metodologias possíveis para inserir a mídia em suas aulas, por vezes resistem alegando falta de tempo, pressa para cumprir o conteúdo programático previsto para o ano, desinteresse dos alunos, falta de apoio da escola, escassez de recursos, entre outros.

Sabe-se que não existe receita, nem passo a passo para começar um trabalho pedagógico envolvendo os meios de comunicação na escola, mas mesmo que existisse, dentro da sala de aula, cada professor atua de uma forma e tem a sua maneira de trabalhar os conteúdos a serem ensinados, ao mesmo tempo em que cada aluno traz a sua experiência de vida. São esses os fatores que fazem com que cada escola tenha suas especificidades e que a educação por ela propagada, seja única também.

(...) a escola, é também um mundo social, que tem suas características próprias, seus ritmos, e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta “cultura da escola” (no sentido em que se pode também falar da “cultura da oficina” ou da “cultura da prisão”) não deve ser confundida tampouco com o que se entende por cultura escolar, que pode se definir como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente, o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas. (FORQUIN, 1993 p. 167)

Essa denominação feita pelo autor, de que a escola é um mundo social, com uma cultura própria, que ele chama de “cultura da escola”, retrata também a complexidade dessa instituição, que tem como grande objetivo a formação integral de cidadãos. Integral no sentido de não formar apenas para o vestibular ou para o mundo escolar ou do trabalho, mas sim de formar para a vida, preparando o indivíduo política, cultural e socialmente, para que entenda sua realidade e nela possa interferir, evoluindo, de fato, para um processo emancipatório.

Na literatura não é difícil encontrar opiniões divergentes sobre a influência dos meios de comunicação na cultura e na educação. Forquin (1993) mostra como os autores Raymond Williams e Geoffrey H. Bantock são exemplos claros de teorias divergentes. Enquanto o primeiro acredita em uma nova forma de comunicação

social, e também, que os meios de comunicação por si só são neutros, importando apenas o uso que será feito dos mesmos, o segundo reforça a cultura dos meios de comunicação como sendo totalmente maléfica à educação.

Mas esta não é a questão central desta pesquisa, tendo em vista que há inúmeras teorias “do contra” e “a favor”. A questão que se coloca em evidência diante dos fatos apresentados é a de que o ideal de escola e de formação integral do indivíduo, sem dúvidas passa pela compreensão dos meios de comunicação.

A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos a literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente de ser realizada nestes dois níveis: enquanto *objeto de estudo*, fornecendo às crianças e aos adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem; e enquanto *instrumento pedagógico*, fornecendo aos professores suportes altamente eficazes para a melhoria da qualidade do ensino, porque adaptados ao universo infantil. (BELLONI, 2000, p. 46)

Mesmo concordando com a autora, ainda acrescentaria mais um nível em que a mídia deve ser explorada, por isso além de objeto de estudo, que educa para a mídia e instrumento pedagógico que educa com os recursos midiáticos, vale acrescentar mais um elemento: o da educação pela mídia, ou como diria Fantin (2006), o da educação através da mídia, que dá voz aos sujeitos e permite que os mesmos não sejam apenas leitores, mas criadores e integrantes da mídia. A autora vai além ao afirmar:

Diante dessas questões, diversas experiências têm demonstrado que é possível não só ensinar *com, sobre e através* dos meios, mas formar espectadores/produtores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e que interagem de diversas formas. (FANTIN, 2006, p. 36)

Ao andar por qualquer escola, ouvem-se comentários sobre o capítulo anterior da novela, os vídeos mais acessados na internet, as notícias dos telejornais, as músicas da moda e as últimas novidades ou padrões propagados pelos meios de comunicação. É esse o contexto em que as escolas estão inseridas, e é esse contexto que comprova a intersecção entre as áreas da educação, cultura e comunicação.

Não é possível, nos dias de hoje, negar o potencial que os meios de comunicação têm ao aliarem-se aos objetivos educacionais e culturais da escola. Eles já estão por toda parte, agora resta aos educadores e à escola, capitalizar esse

potencial de forma a garantir a educação integral com vistas à emancipação, afinal, tanto a escola quanto a televisão implicam em uma produção cultural.

## **2.2 Educomunicação: o conceito que chegou pra ficar**

Com base na premissa de que tanto a educação quanto a comunicação são ferramentas eficazes para a definição da estrutura social, é que muitos teóricos têm dedicado seus estudos à interface entre essas áreas. Essa interface ganhou diversas nomenclaturas, como por exemplo, *Mídia-Educação*, *Educomídia* e *Educomunicação*, mas é sobre esta última, que a pesquisa está ancorada.

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011 p.15)

O termo *Educommunication*, foi citado pela primeira vez na década de 80 em publicações realizadas pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO). Seu significado na época estava atrelado aos efeitos que os meios de comunicação causavam no público infanto-juvenil e na forma como a educação poderia combatê-los.

No Brasil o termo Educomunicação nasceu no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP) na década de 90, e ganhou corpo e significado a partir de 1997, ano que deu início a uma série de posteriores publicações sobre o tema que futuramente se tornaria uma nova área. A revista Comunicação e Educação contribuiu muito para a evolução e consolidação desse novo conceito, reunindo artigos e pesquisas de diversos especialistas e publicando no ano 2000, o primeiro texto sobre a temática.

Em um primeiro momento a palavra educomunicação soa como uma mistura entre duas áreas por nós conhecidas, a educação e comunicação, mas não é. Basta perguntar a uma pessoa que nunca ouviu a palavra antes e a resposta provavelmente girará em torno dessa mistura entre as duas áreas acima citadas. Esse senso comum vem aos poucos sendo superado, pois a educomunicação, mais do que uma mistura, é uma interface entre as referidas áreas. Interface que estimula

o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos em espaços educativos e que passa a ganhar corpo também como uma nova área.

Ecossistema comunicativo nos dizeres de SOARES (2011, p.44) é um termo usado como figura de linguagem para nomear as ações coletivas que favorecem a expressão, o relacionamento e o diálogo social. Essa proximidade com o termo oriundo da Biologia, não é à toa, pois assim como o ecossistema na natureza significa uma comunidade de organismos que interagem entre si e com o meio no qual estão inseridos, na comunicação ecossistema designa o ambiente que envolve pessoas em relações dialógicas e comunicativas entre si e com o meio ao qual pertencem.

Soares (2011) nos fala ainda, sobre as seis áreas de intervenção da educomunicação, o que chama de subcampos voltados a favorecer ações que viabilizem o diálogo social:

A primeira destas “áreas” – mais antiga e fundante – é a própria (1) educação para a comunicação. Seguem outras, como (2) a *expressão comunicativa através das artes*; (3) a *mediação tecnológica nos espaços educativos*; (4) a *pedagogia da comunicação*; (5) a *gestão da comunicação nos espaços educativos* e, como não poderia faltar, (6) a *reflexão epistemológica* sobre a própria prática em questão. (SOARES, 2011 p. 47)

Mas como um dos objetivos desta pesquisa é o de também verificar as práticas educomunicativas no espaço escolar, optou-se por manter o foco na proposta de Soares (2011, p.19) para que a relação desse novo conceito com a escola seja vista sob diferentes ângulos: o da gestão escolar, o disciplinar e o transdisciplinar.

O primeiro deles, o da *gestão escolar*, sugere que a escola perceba as formas de comunicação existentes em seu ambiente, e que avalie as necessidades e possibilidades não só de ampliar, mas de melhorar os coeficientes comunicativos e o diálogo social ali presentes.

O âmbito *disciplinar* reconhece e propõe que a comunicação e suas facetas, sejam estudadas enquanto Linguagem. Quase que como uma nova disciplina na grade curricular. O Brasil ainda está caminhando a passos lentos para que a sociedade perceba e reconheça a importância de inserir estudos sobre a mídia no aprendizado, enquanto que outros países, como por exemplo a Argentina, já possuem políticas públicas para atender tal necessidade.

A última forma de intervenção da educomunicação na escola, a qual o autor denomina *transdisciplinar*, sugere que os estudantes se apropriem dos instrumentos midiáticos presentes na escola, e que reflitam sobre como a comunicação pode ser usada como um elemento de compreensão e até de transformação da sociedade.

Mas não poder-se-ia concluir esse subcapítulo, sem citar o papel do professor nesse contexto. Formar um profissional educador na atualidade vai muito além de instrumentalizá-lo em oficinas para dominar os recursos da mídia. A complexidade da formação desse novo profissional, e a necessidade de sua atuação na interface da educação e comunicação, deram origem ao primeiro curso de Licenciatura em Educomunicação, hoje ofertado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Pode-se dizer que tal feito é um enorme avanço para a prática da educomunicação no cenário nacional e para a consolidação do novo conceito/área no meio acadêmico, social e cultural.

Acredita-se que esse cenário favorável para as futuras ações educacionais, ainda não reflita o dia a dia das escolas, pois para os professores já atuantes, que em grande maioria não contaram com uma formação acadêmica e/ou prática favorável ao exercício da educomunicação, essa é uma tarefa um tanto difícil. Como disse (DUBET, 1997, p.226) “(...) quando se pede a um professor para mudar o seu método, não se pede apenas que mude de técnica, pede-se para que ele próprio mude”. Em outras palavras, o que Dubet quis dizer é que as práticas pedagógicas e metodologias estão tão arraigadas na essência do professor e nas suas formas de trabalho, que pedir para mudar as técnicas seria o mesmo que pedir para que o professor reaprendesse a ensinar.

Pode-se afirmar que há um número considerável de docentes que refletem sobre suas práticas, acompanham as tendências educacionais e buscam um diferencial em atividades que possam dinamizar e inovar suas aulas, na perspectiva de formar pessoas aptas para exercer a plena cidadania. No entanto, apenas a boa vontade desses profissionais, não garante que o diálogo social esteja presente no cotidiano da escola, afinal, a educomunicação não pode acontecer de forma espontânea e sem o conhecimento técnico desse profissional.

Segundo a pesquisadora Geneviève Jacquinot (1998) o Educador não é um professor especialista em educação midiática, mas sim um profissional que sabe integrar as mais diversas mídias em sua ação docente.

Em entrevista concedida à professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa (*apud* Citelli, 2011) a autora diz ter participado pessoalmente de quatro domínios que compõem as pesquisas nessa área. Tais domínios que serão citados a seguir complementam as abordagens já citadas de Belloni (2001) e Fantim (2006). O primeiro domínio é o da *educação para os meios*. Ou seja, a mídia apresentada como um objeto de estudo, que estimula o pensar sobre as especificidades da linguagem midiática, e a análise crítica de seus conteúdos. Em seguida, aponta a *educação pelos meios*, que dá voz aos sujeitos escolares e permite que os mesmos não sejam apenas leitores da mídia, mas utilizem os suportes midiáticos para sua expressão. O terceiro domínio consiste na *gestão dos processos midiáticos e o papel do educador*, que define as práticas educacionais como estratégia das instituições e/ou de educadores, para criar e estimular os fluxos comunicativos em ambientes educativos. Por fim, o quarto e último domínio diz respeito à *reflexão de natureza epistemológica*, ou seja, ao estímulo frequente ao pensar e discutir a temática, principalmente no âmbito acadêmico.

Pode-se concluir, com o avanço das pesquisas na área e com o reconhecimento desse novo conceito/área, que existe uma aceitação da sociedade sobre a importância da educação, no entanto, a difusão de ações voltadas à aproximação entre a mídia e a escola, ainda não está tendo o alcance esperado, e que, portanto, ainda há muitos passos a serem dados nessa direção.

### **2.3 Televisão e escola: primeiras aproximações**

A criança chega à adolescência depois de ter assistido a 15 mil horas de televisão e mais de 350 mil comerciais, contra menos de 11 mil horas de escola. A televisão é agradável, não requer esforço e seu ritmo é alucinante. É sua primeira escola. Quando chega aos bancos escolares, já está acostumada a esta linguagem ágil e sedutora. E a escola não consegue chegar perto dessa forma de contar. A criança julga-a a partir do aprendizado da televisão. (MORÁN, 1993, p.61)

Que a televisão ocupa atualmente um lugar expressivo na sociedade, não é novidade para ninguém. Mas o lugar que ocupa na educação formal, mais especificamente na escola, ainda é motivo de desconfianças, embates teóricos e pesquisas, principalmente na América Latina, onde a importância dada à televisão é maior que em muitos outros lugares do mundo.

Não por acaso temos importantes contribuições teóricas latino-americanas para os estudos nessa área. E não por acaso, as pesquisas que procuram entender melhor o processo comunicativo nas práticas culturais e educacionais, ganharam força nas últimas décadas. São essas contribuições teóricas, que ajudam a consolidar as inter-relações entre os campos da comunicação e da educação e é a partir dessas contribuições e da aproximação entre os referidos campos, que serão traçadas as linhas a seguir.

[...] a TV e o rádio cobrem 98% do território brasileiro, levando informação, entretenimento, valores éticos e políticos aos mais distantes recantos do país. Portanto, não há escola, por mais distante e diversa que seja, que conviva sem a presença de alguma influência da cultura das mídias. (OROFINO, 2005, pág. 40)

A citação acima confirma a abrangência e influência da televisão na escola, afinal, os vínculos entre as práticas educativas e processos comunicativos estreitaram-se consideravelmente no mundo contemporâneo, muitas vezes até confundindo e misturando a realidade do cotidiano e a ficção mostrada nas telinhas.

Sabe-se que a escola enquanto espaço formal de aquisição e produção de cultura e aprendizagem, ainda possui resistência a certos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. Essa resistência é baseada em diversos fatores, sendo que um deles é que a escola não é mais a única a formar opinião e produzir conhecimento e cultura. Os meios de comunicação - em especial a televisão - vêm sendo fortes concorrentes nesse processo, e mesmo que não intencionalmente, acabam influenciando comportamentos, culturas e democratizando informações e novos saberes. Libâneo reconhece que a prática educativa não se reduz à escola e salienta o poder pedagógico dos meios de comunicação ao afirmar:

Está se acentuando o poder pedagógico dos meios de comunicação: televisão, rádio, revistas, imprensa escrita e quadrinhos. (...) Vemos diariamente a veiculação, a disseminação de saberes e modos de agir, por meio de programas, vinhetas, e chamadas sobre educação ambiental, AIDS, drogas, saúde. (LIBÂNEO, 1998, pág. 57)

A escola que por muitos anos contou apenas com quadro negro e giz, depara-se hoje com a TV entre outras tecnologias, e muitas vezes as vê como grandes concorrentes. Segundo BACCEGA (2003, p.55) “desde que os meios de comunicação, em especial a televisão, expandiram-se, instalou-se uma disputa

acirrada entre as agências de socialização - família e escola - e a televisão”. Por esse e outros motivos, boa parte dos educadores ainda não percebe de forma positiva a aproximação entre as áreas da comunicação e da educação.

Outro fator importante, que muitas vezes se coloca como obstáculo para que essa aproximação aconteça de fato, é o olhar desconfiado das pessoas no que diz respeito aos meios de comunicação. Sobre essa desconfiança da mídia que muitas vezes ainda se faz presente no ambiente escolar e na sociedade em geral, Soares explica:

(...) constatamos que, a partir dos meados do século, o foco da preocupação dos educadores passou a ser a ideologia e os conteúdos políticos implícitos na cultura de massa. O uso do próprio termo “massa” demonstrava a submissão presumida dos usuários em relação aos veículos e suas mensagens. A escola de Frankfurt e seus desdobramentos fizeram parte da manifestação crítica de desconfiança em relação ao sistema de meios de comunicação. A aproximação entre a Comunicação e Educação era, pois, vista a partir da suspeita de violenta manipulação e dominação das consciências e das vontades, que passariam a ser “administradas” pelos centros de decisão econômica e política que detinham em mãos os poderosos veículos de comunicação. (SOARES, 1999, pág.21)

Nessa perspectiva, a suspeita de manipulação e dominação que os meios de comunicação poderiam exercer sobre a sociedade leva a crer que os usuários desses meios não teriam capacidade de refletir criticamente sobre os conteúdos da mídia, deixando-se manipular e alienar facilmente. Essa manipulação passa a ser questionável, se for levado em conta que existem inúmeros fatores que condicionam a leitura e interpretação do que é veiculado na mídia, e também o fato de que o telespectador pode estar preparado para ler criticamente os meios, afinal, ele pode adquirir essa capacidade e habilidade.

Esses dados mostram que apesar da percepção de alguns educadores de que a mídia em geral é maniqueísta e alienante, aos poucos uma nova reflexão vem ganhando espaço, e que não só a televisão, mas diversos meios de comunicação vêm aos poucos integrando o processo educacional.

Começa-se a perceber que não é possível apenas criticar os efeitos maléficos da televisão, enquanto nada é feito para formar telespectadores mais críticos e mais preparados para ler e interpretar a televisão além das suas imagens e de seu mundo editado.

O entendimento de que existe uma relação direta entre a escola e sua realidade exterior, e de que a mídia é uma das principais formadoras da cultura, fazem com que sua presença na sala de aula cresça cada dia. Percebe-se que a

escola começa a trazer os conteúdos da televisão para serem discutidos em sala de aula. A respeito disso, Dalla Costa afirma que:

À escola – que prepara os indivíduos para serem autônomos e sujeitos ativos dessa sociedade – cabe inserir a discussão desses meios no seu cotidiano, que também é caracterizado pela maneira como os alunos e professores recebem e interpretam as mensagens midiáticas. (DALLA COSTA, 2008 pág. 96)

Sabe-se, no entanto, que apesar de necessária, essa não é uma tarefa fácil, pois envolve mudanças nas relações de ensino e aprendizagem, de currículo e didática, historicamente consolidados na escola, e que até o momento - apesar da indissociabilidade entre as áreas de comunicação e educação - não preveem o estudo das mídias em sala de aula.

Conforme Forquin:

Vê-se, ao caminhar por esta trilha, a proliferação das linguagens e dos conhecimentos não-formais, que auferem os interesses e continuam sendo marginalizados pela acomodação didática aos conteúdos programáticos. Nota-se a importância de reconhecer que há uma “tensão frequentemente observada entre a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana” (FORQUIN, 1993, p.169).

Um outro ponto que merece reflexão é o fato de que a escola dedica bastante tempo para ensinar algumas atividades que acredita serem importantes para a vida do estudante, como por exemplo a leitura das palavras, e praticamente nenhum tempo para ensinar a leitura do mundo. Mas isso não é o que acontece no dia a dia das pessoas, e prova disso é que não é preciso nem se fazer pesquisas para constatar que a maioria das pessoas passa muito mais tempo assistindo televisão do que lendo. Afinal, como afirma Ferrés:

Dedica-se muito mais tempo a ensinar a ler do que depois será dedicado à leitura. Dedicar-se muito mais tempo a ensinar arte, do que será dedicado depois para contemplar a arte. No entanto, a televisão que se tornou o fenômeno cultural mais impressionante da história da humanidade, é a prática para a qual os cidadãos estão menos preparados. (FERRÉS, 1996, p.9)

A citação leva a refletir sobre o motivo de se ensinar pouco ou nada sobre a televisão. Por que o ensino das mídias ainda não foi consolidado na realidade escolar brasileira? Ainda não se tem a resposta para essa pergunta, mas certamente um dos motivos é que discutir as mensagens da mídia requer certos conhecimentos ainda não dominados pelos professores, e isso acaba sendo mais um obstáculo

para a difusão de ações que aproximem de forma pacífica, a comunicação e a educação. Como já dito anteriormente, essa é uma ação que para estar à altura das novas exigências da sociedade, requer formação para os docentes e não pode partir apenas da boa vontade e espontaneísmo.

Paulo Freire (2003) ao ser entrevistado pelo seu colega Sérgio Guimarães, comenta a aproximação entre os meios de comunicação e escola, afirmando que esta, deve estar atenta às novas demandas sociais e históricas. Ele afirma que o ideal seria:

(...) uma escola que não tivesse, inclusive, medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação. Uma escola sem medo de conviver com eles, chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: “vem cá, televisão, me ajuda! Me ajuda a ensinar, me ajuda a aprender!” (FREIRE, P. pág. 37)

Considerando-se que atualmente, “o número de horas em que as crianças e adolescentes passam diante das mídias é sem dúvida superior ao tempo em que passam na escola” (OROFINO, 2005. pág. 51), aprender a “ler a televisão”, conhecer sua linguagem audiovisual, bem como compreender os mecanismos usados pelas emissoras de TV na elaboração de determinados conteúdos, tornaram-se pontos de partida para formar cidadãos críticos e autônomos. Mesmo que a mídia não faça parte do currículo formal da escola, está fortemente presente em seu contexto. Sobre isso Citelli afirma:

Tanto discentes como professores revelam suas relações com a TV nos momentos informais vividos na escola. Assim, nos intervalos, quer no pátio, quer na sala dos docentes, o tema pode ser o capítulo da novela, a notícia que causou alguma comoção, o acontecimento esportivo, o inusitado de uma entrevista, etc. (CITELLI, 2004, pág. 166)

Diante da complexidade do tema em questão, percebe-se que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que a escola supere a rejeição, ou ainda, a visão simplesmente funcional dos meios de comunicação. E durante o percurso que vem sendo traçado nessa direção, foram e continuam sendo quebrados alguns paradigmas em relação à importância e influência dos meios de comunicação e à forma com que os sujeitos eram vistos, ou melhor, não eram vistos nos estudos dessa área.

Isso começa a mudar, quando novas teorias que iniciaram com os estudos culturais, e ganharam força nos anos 80 na América Latina, passaram a considerar o sujeito no processo de recepção e significação das mensagens midiáticas, além de

chamarem a atenção para aspectos técnicos, econômicos, sociais e culturais que permeiam as relações entre a comunicação e a educação, e que até então eram um “ponto cego” na teoria da comunicação.

As primeiras aproximações não foram e continuam não sendo tão fáceis como se imagina, mas as novas teorias, as exigências tecnológicas, culturais e a necessidade de mudanças no meio educacional para que se atinja um patamar de excelência, provocaram e continuarão provocando as escolas para que se abram às demandas impostas pela sociedade. Nesse sentido, vislumbra-se uma tendência de que a escola esteja cada vez mais próxima dos meios de comunicação, que se familiarize com suas mensagens e linguagens e que e que saiba extrair o que há de bom nos seus veículos.

Em uma pesquisa realizada com professores, estudantes jovens e seus familiares, (COGO; GOMES, 2001, p. 94) concluíram que “(...) as diferentes posturas diante da TV explicitadas pelos entrevistados revelam que pais e educadores, a exemplo do que foi observado entre os adolescentes, reconhecem o papel educativo exercido pela televisão”.

Apesar de a televisão como meio tecnológico ter ficado relativamente ultrapassada e superada pela rapidez e alcance da internet, a realidade no Brasil mostra que ela ainda está no topo. A televisão é e continuará sendo por mais algum tempo, um dos principais meios de informação, entretenimento e quem sabe até de educação da atual geração.

## **2.4 O fenômeno chamado televisão e sua história**

Os tempos de glória do jornal impresso e dos folhetins começaram a ficar ameaçados com o surgimento de um fenômeno sobre o qual se dedica esse sub-capítulo: a televisão. A televisão sem dúvidas consolidou uma cultura audiovisual que já vinha tendo sucesso com o rádio e com os filmes. Segundo Castells (1999, p. 414) a televisão “pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana”.

Mesmo levando vantagem em relação aos outros meios de comunicação que a antecederam, a televisão não os tirou de circulação, mas provocou mudanças em seus papéis.

O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou penetrabilidade e flexibilidade, adaptando modalidades e temas ao ritmo da vida cotidiana das pessoas. Filmes foram adaptados para atender às audiências televisivas, com exceção da arte subsidiada pelo governo e espetáculos de efeitos especiais das grandes telas. Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos e enfoque de sua audiência, apesar de se manterem atentos no fornecimento de informações estratégicas ao meio televisivo dominante. Quanto aos livros, eles continuaram sendo livros, embora o desejo inconsciente atrás de muitos deles fosse tornar-se roteiro de TV. (CASTELLS, 1999. P. 416)

O fato de a televisão ter se tornado predominante na comunicação, a colocou também no alvo de muitas pesquisas, elogios e críticas. Não é a toa que a palavra televisão permite uma série de possíveis interpretações. Pode-se pensar na TV apenas como um aparelho de transmissão de imagens, em um objeto que propaga informação e entretenimento, companheira para os solitários, passatempo para crianças, instrumento a serviço do capitalismo, máquina com alto potencial de alcance que aliena e manipula a sociedade.

Um conceito mais científico sobre a televisão, que trata mais especificamente do contexto brasileiro, foi apresentado por Eugênio Bucci da seguinte forma:

A televisão é muito mais do que um aglomerado de produtos descartáveis destinados ao entretenimento da massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, seria quase impossível o entendimento nacional. (BUCCI, p.10, 1997)

A abordagem do autor faz refletir sobre o espaço ocupado pela televisão no Brasil. Faz pensar de que forma a televisão ganhou a predominância que possui na atualidade. O que o autor quer expressar é que as coisas parecem ser legítimas, apenas quando passam na televisão, pois do contrário, é como se não existissem.

A abordagem de Fischer (2001) complementa a de Bucci (1997) sobre a importância da televisão na sociedade e sobre o papel que vem desempenhando de “validar” de certa forma o que acontece no cotidiano. Para a autora a televisão é uma forma de expressão cultural própria do nosso tempo e influencia a vida das pessoas, afinal ela não apenas reflete o que ocorre na sociedade, mas é um lugar privilegiado de aprendizagens diversas.

A TV opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma, que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela. (FISCHER, 2001, pág. 16)

Poder-se-ia continuar uma lista de conceitos e atributos remetidos à televisão, mas o que se pretende aqui, não é definir nem conceituar a televisão, e sim, retomar um pouco de sua história, trazendo-a para o contexto da pesquisa e para o que representa na vida das pessoas.

Sem pretender elaborar uma nova teoria sobre os porquês de a televisão estar tão presente na vida dos brasileiros, e entre os inúmeros motivos que a tornaram um fenômeno no século XX e também do século XXI, dois fatos parecem ter grande relevância e por isso serão explicitados. O primeiro deles é que em um país emergente economicamente, onde grande parte da população ainda não tem acesso ao teatro, cinema, museus entre outros espaços culturais, a televisão acaba sendo uma das poucas opções de entretenimento possível, rápido, fácil e barato. Afinal, como afirma segundo Bucci (1997) a importância dada à televisão é proporcional às condições socioeconômicas da população. Dados divulgados no site da UNESCO mostram que:

A minoria dos brasileiros frequenta cinema uma vez no ano. Quase todos os brasileiros nunca frequentaram museus ou jamais frequentaram alguma exposição de arte. Mais de 70% dos brasileiros nunca assistiram a um espetáculo de dança. Grande parte dos municípios não tem salas de cinema, teatro, museus e espaços culturais multiuso. (UNESCO - Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/access-to-culture>>. Acesso em 22 Fev. 2012)

O segundo fato se deve a sua popularidade, abrangência e fácil acesso, o que não deixa de ser um fator positivo em se falando de democracia. Para entender melhor como tudo começou no Brasil e no Paraná, falar-se-á um pouco sobre a sua história.

No Brasil, o pioneirismo do jornalista Assis Chateaubriand, um homem considerado visionário e arrojado para sua época, permitiu que em 18 de setembro de 1950 fosse inaugurada a primeira emissora de televisão no país, a PRF-3, TV Tupi em São Paulo. Foi a partir dessa iniciativa de Chateaubriand que a televisão conquistou seu espaço no cenário brasileiro.

Ninguém imaginava que em poucas décadas após sua chegada no Brasil, a televisão se transformaria numa espécie de epidemia nacional e que conquistaria

uma audiência fiel. Em 1950, quando a primeira emissora foi ao ar, existiam apenas 200 televisores na cidade de São Paulo. Vinte anos depois, o censo de 1970 apurou 4 milhões de lares brasileiros e mais 25 milhões de telespectadores. Dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2009 mostraram que o aparelho de TV está em segundo lugar no *ranking* dos eletrodomésticos mais presentes nos domicílios brasileiros. De acordo com o realizador da pesquisa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 95,1% dos lares possuem ao menos um aparelho de televisão.

No Paraná ainda houve uma espera de três anos - em relação à criação da primeira emissora de televisão em São Paulo - até que fosse criada a Rádio e Televisão Paraná S.A., uma associação integrada pelo advogado Nagibe Chede Abrahão, e pelos empresários Raul Vaz, Alexandre Gutierrez, Mário Hipólito, Gastão Chaves e Benjamin Malucelli. Inconformado pela demora das transmissões televisuais no Paraná em relação a outros estados, o grupo iniciou os primeiros acordos com Chateaubriand e, um ano depois, usando equipamentos cedidos pela TV Tupi, realizou a primeira transmissão no estado.

Após o sucesso das primeiras transmissões, a TV passou por um período de estagnação, que se deveu pelos interesses de Chateaubriand em implementar uma outra emissora própria no estado do Rio Grande do Sul, o que seria mais lucrativo e vantajoso do que investir em uma sociedade paranaense que pertencia a um grupo independente. Foi a partir daí, que Nagibe Chede, então proprietário de duas rádios de sucesso no estado, resolveu alçar voos sozinho. Dissolveu a sociedade da Rádio e Televisão Paraná S.A., desligou-se de Chateaubriand e pediu a concessão de um novo canal para Curitiba, onde voltou a transmitir imagens a partir de 1958.

Com um futuro promissor para o seu projeto, Nagibe providenciou um novo local para funcionamento da emissora, em frente ao Largo Frederico Faria de Oliveira, a construção do prédio mais alto da cidade, o Edifício Tijucas, na Rua Cândido Lopes esquina com Ermelino de Leão no Centro de Curitiba. Foi nesse endereço, que após alguns meses de ajustes técnicos e espera pela autorização do Ministério das Comunicações, passou a funcionar, em 29 de outubro do ano de 1960, a TV paranaense canal 12, hoje, Rede Paranaense de Comunicação (RPC TV), emissora proponente do projeto proposto para estudo: Televisando o Futuro.

Em uma época em que quase 100% das residências brasileira possuem aparelho de televisão, e em que a tecnologia digital já faz parte da vida dos

paranaenses, é quase impossível imaginar que a televisão no Paraná começou em um pequeno apartamento no Centro de Curitiba. No entanto, na década de 60, a capital do estado tinha aproximadamente 360 mil habitantes, mas apenas 200 aparelhos de televisão.

No início, todas as transmissões eram feitas ao vivo, mas devido à falta de equipamentos, e a inexperiência dos profissionais aconteciam imprevistos e erros graves nos momentos de transmissão. O imprevisto e a qualidade dos equipamentos, que ainda necessitavam de ajustes, foram os principais motivos das falhas técnicas que aconteciam com frequência nesse período. Tal situação foi se modificando logo que os equipamentos foram sendo aperfeiçoados, a tecnologia evoluiu e finalmente, em 1965, a TV conta com um marco de qualidade técnica: a aquisição do equipamento de videotape, que permitia gravar e editar os programas, evitando que falhas técnicas e humanas fossem ao ar como de costume.

No final da década de 60, mais precisamente em 1967, chega ao Paraná a segunda emissora de televisão. A TV Iguaçu, canal 4 do Grupo Paulo Pimentel entrou em cena, acabando com a até então exclusividade do canal 12, que no mesmo período projetava sua expansão para as cidades do interior do estado. De acordo com Mazânek:

Por exigência do público, as telemissoras da capital começaram a se preocupar com a ampliação de suas áreas de alcance, plantando repetidoras em todo o Estado. Algumas delas assumiram, inclusive, a condição de geradoras de programas com o propósito de atender os interesses regionais. (MAZÂNEK, 2004. p. 125)

A evolução da televisão no Paraná e no Brasil estava apenas no início. Surgiram novos programas e as pessoas foram adquirindo novos equipamentos, que no início eram privilégio da alta camada da sociedade. Mas as mudanças não pararam por aí. Em 1972 a primeira exibição colorida no Paraná deixou os telespectadores fascinados, e como não podia deixar de ser a concorrência também cresceu, e muito. Conforme Dalla Costa:

Com o aumento de aparelhos receptores em todo o país e o crescente investimento publicitário nas emissoras, a televisão não pára de se desenvolver, absorvendo todas as inovações tecnológicas que aparecem no mercado. A década de 70, marcada pelo início das transmissões em cores, é caracterizada pela consolidação do Sistema Nacional de Telecomunicações que permite a integração de todo o território nacional a partir da programação televisiva. (DALLA COSTA, p. 436, 2004)

A história da televisão no Paraná se funde com a história da RPC TV, antigo Canal 12, pioneiro na televisão paranaense. Dalpícolo (2010) conta que desde que compraram a concessão de Nagibe e assumiram a direção da emissora em 1969, Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski, deixaram claro o seu compromisso com a comunidade e afirmaram que a partir daquela data, o Canal 12 estaria à disposição do povo, do qual esperavam honestamente as críticas e sugestões.

Essa aproximação criada com a comunidade refletiu-se anos mais tarde na criação de um Instituto de Responsabilidade Social, que nasceu em 2001 com o propósito de gerenciar os projetos sociais das empresas do Grupo. Projetos esses, que acabaram tendo como foco as áreas de mídia e educação. Em 2008 o Instituto passou a desenvolver o projeto Televisando, que será apresentado no próximo capítulo.

## **2.5 O projeto Televisando o Futuro**

O Televisando o Futuro, objeto escolhido para estudo, está apresentado em seu site da seguinte forma:

Televisando o Futuro é um projeto de Responsabilidade Social, que por meio de reportagens exibidas na programação da RPC TV, busca aproximar as áreas de educação e de comunicação. Sua proposta é a de colocar a força da televisão a serviço da educação e levar educadores, educandos e suas famílias a refletirem sobre temas sociais relevantes, mobilizando-os para a busca de soluções éticas, sustentáveis e transformadoras. Desenvolvido em pelas emissoras RPC TV e Instituto GRPCOM em parceria com Secretarias de Educação e Instituições de Ensino Superior, o Televisando o Futuro propõe iniciativas de reflexão e ação que, por suas características, contribuem com a formação crítica de crianças e jovens, alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental em Escolas públicas Municipais e Estaduais situadas na área de abrangência do projeto. (TELEVISANDO O FUTURO - Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/rpctv/televisandoofuturo>> Acesso em 06 Fev. 2012).

Como dito acima, o projeto é uma iniciativa das emissoras RPC TV e Instituto GRPCOM. Tanto as emissoras RPC TV, quanto o Instituto GRPCOM fazem parte do Grupo Paranaense de Comunicação, sendo a primeira afiliada da Rede Globo de Televisão no Paraná e emissora pioneira na transmissão televisiva no estado, e a

segunda, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que realiza projetos na área social, educacional, cultural e ambiental.

Importante ressaltar que o Instituto GRPCOM realiza as ações do projeto e as parcerias para a RPC TV, por contar com um Núcleo de Educação e com uma equipe de educadores especialistas em projetos que aproximam as áreas de educação e comunicação.

O Grupo Paranaense de Comunicação, ao qual as empresas citadas estão vinculadas, é considerado atualmente o maior Grupo de Comunicação do estado, tanto em abrangência, quanto em audiência, e é composto por dezessete empresas, sendo oito emissoras de TV aberta afiliada à Rede Globo, uma emissora de TV a cabo, três rádios, quatro jornais impressos e online e um Instituto de Responsabilidade Social.

O Televisando o Futuro foi idealizado por uma ex-colaboradora da RPC TV, Denise Alves dos Santos, que depois de concluir seus estudos sobre mídia e educação na França, voltou para o Brasil com a vontade de implementar um projeto de televisão e educação. A ex-colaboradora criou então uma consultoria em projetos organizacionais, a Arca Consultoria, e em 2007 cedeu os direitos do projeto para uma emissora que pudesse realizá-lo, no caso a RPC TV. A proposta inicial da consultoria foi adaptada pela emissora e pelo Instituto GRPCOM, para que se tornasse viável, e em 2008 foi posta em prática com o nome que permanece até hoje: Televisando o Futuro.

Segundo a equipe de educadores do Instituto GRPCOM, em seu primeiro ano de realização, apenas o município de Foz do Iguaçu participava do projeto. Cenário que se modifica em 2009 com a ampliação para os municípios de Toledo e Londrina. A partir de 2010 o aumento foi de três para dez municípios. A saber: Foz do Iguaçu, Medianeira, Pato Branco, Francisco Beltrão, Londrina, Apucarana, Maringá, Guarapuava, Toledo e Cascavel. E a edição de 2011, contou com o acréscimo de mais 12 municípios além dos já citados: Cambé, Irati, União da Vitória, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Paranavaí, Cianorte, Umuarama, Ivatuba, Campo Mourão e Marechal Cândido Rondon.

No período de realização desta pesquisa o Televisando o Futuro aconteceu em sete das oito regiões paranaenses em que a RPC TV está presente e só no ano de 2011, mobilizou 508 escolas. Esse número corresponde a 80,5% do total de escolas de todos os municípios acima citados. Os números comprovam que não só

os municípios que já participavam do projeto em anos anteriores renovaram seus Convênios de Cooperação Técnica e Termos de Adesão, como a demanda aumentou, e a adesão que antes não ultrapassava 60%, cresceu significativamente a cada edição do projeto.

Segundo dados extraídos do site [www.rpctv.com.br/televisando](http://www.rpctv.com.br/televisando), o Televisando o Futuro apresenta quatro grandes objetivos:

1 - Colocar a força da comunicação a serviço da comunidade escolar, dando visibilidade a boas iniciativas educacionais e mostrando exemplos a serem seguidos;

2 - Promover reflexão sobre temas educacionais e sociais relevantes no ambiente escolar e familiar, com vistas ao exercício da cidadania e participação efetiva na sociedade;

3 - Incentivar a expressão de alunos e professores por meio de concurso de cultural que valoriza os trabalhos realizados a partir da inter-relação educação e comunicação.

4 – Aproximar as áreas da educação e da comunicação de forma pacífica, explorando o potencial pedagógico da TV e dando significado aos conteúdos curriculares.

Para viabilizar o projeto e para que a comunidade escolar pudesse se engajar nas ações previstas pelos idealizadores foi feita uma parceria entre o Instituto GRPCOM, a RPC TV e a Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu. Essa parceria previa que a Secretaria de Educação mobilizasse escolas e professores para que aderissem ao projeto, e ainda que enviasse pautas para o jornalismo da RPC TV, informando sobre ações exemplares que poderiam ser mostradas em reportagens especialmente produzidas para o projeto. Enquanto isso, o Instituto ficaria responsável por elaborar e organizar material didático para as escolas sobre o uso pedagógico da TV em sala de aula, e ainda por realizar curso de capacitação em mídia e educação e linguagem televisiva para os professores que participassem do projeto. A RPC TV por meio de sua equipe de jornalistas ficaria incumbida de escolher as pautas, gravar nas escolas e produzir as reportagens para veiculação na programação, atendendo aos objetivos do projeto.

A proposta desde o início era a de que após a exibição das reportagens, os estudantes, seus familiares, professores e escolas, debatessem a temática abordada, e que, a partir disso, produzissem trabalhos (ilustrações, redações,

relatos de práticas pedagógicas e atividades realizadas na escola) para um concurso cultural.

De acordo com a Diretora do Instituto GRPCOM, Clarice López de Alda, essa proposta sofreu alterações ao longo de quatro anos de existência do projeto, e no ano de 2011, está estruturada em sete macro ações:

1 - As primeiras ações realizadas para que o projeto aconteça são as parcerias com Undime PR, Secretarias Municipais de Educação e com Instituições de Ensino Superior. Tais parcerias são formalizadas por meio de um termo jurídico feito pelo Instituto GRPCOM, que prevê as responsabilidades das partes para que o projeto aconteça com qualidade.

2 – Após o fechamento dessas parcerias, sem as quais o projeto nem poderia acontecer, o Instituto GRPCOM e a RPC TV realizam eventos nos municípios, para apresentar a proposta do projeto e a temática anual, a fim de que as escolas façam adesão voluntariamente, e não por imposição da Secretaria de Educação. Para isso, as escolas interessadas assinam um Termo de Adesão Voluntária ao projeto e participam das ações previstas para acontecerem ao longo do ano.

3 – Após a adesão das escolas, a equipe pedagógica do Instituto GRPCOM promove cursos de Mídia e Educação para os professores das escolas participantes.

4 – Na sequência são gravadas e exibidas as reportagens especiais com duração de três minutos e meio, para veiculação nos telejornais da emissora durante um mês. As reportagens veiculam no PR TV 1ª e 2ª edição, que vão ao ar às 12 e 19h, respectivamente, e no dia seguinte, no jornal Bom Dia Paraná, que vai ao ar no início da manhã, mais precisamente às 06h30.

5 – Em paralelo, as escolas desenvolvem o projeto, envolvendo professores, alunos e seus familiares em debates sobre o conteúdo das reportagens, e realizando trabalhos na escola para participação no concurso cultural.

6 – A avaliação dos trabalhos que são apresentados para o concurso é feita por especialistas das Instituições de Ensino Superior parceiras, em conjunto com a equipe da RPC TV e do Instituto GRPCOM.

7 – O projeto encerra suas atividades fazendo uma avaliação das ações realizadas ao longo do ano junto às escolas, secretarias de educação e Instituições de Ensino Superior, e realizando premiações municipais, regionais e estadual, para reconhecer e valorizar os trabalhos concretizados sobre a temática do ano.

Nesses quatro anos, o projeto já trabalhou com os temas: Família na escola (2008); Valores (2009); Escolha Consciente, Escolha Inteligente (2010) e Meio Ambiente (2011). E segundo os realizadores do projeto, já existe um planejamento para a temática de 2012, que terá como pano de fundo o combate à violência e a cultura da paz, a fim de acompanhar as iniciativas editoriais dos veículos do Grupo Paranaense de Comunicação e de abordar uma temática que aflige toda a sociedade, e logo, também preocupa a comunidade escolar.

A escolha da temática também mudou de forma durante a existência do projeto. Em 2008 e 2009 os temas eram escolhidos em parceria com as Secretarias de Educação. Essa situação foi ficando inviável na medida em que vários municípios ingressaram no projeto, e que o consenso pela temática foi ficando cada vez mais difícil, dadas as divergências de interesses e necessidades dos municípios participantes. Foi a partir de 2010 que a RPC TV e o Instituto GRPCOM decidiram ter uma temática comum para todos os municípios, que trabalhasse em consonância com a linha editorial da RPC TV e das bandeiras encabeçadas pelo Grupo.

Do ponto de vista da realização do projeto, a decisão tomada pela sua equipe gestora, de ter um único tema para todos os municípios integrantes, sem dúvidas facilita a operacionalização, no entanto, vai contra a proposta de atender as necessidades e especificidades das diferentes regiões paranaenses. Não está em discussão a relevância dos temas trabalhados pelo projeto até então, mas sim a preocupação e conexão com a cultura de cada local onde o projeto está presente.

## **2.6 O telejornal e as reportagens no projeto televisando o futuro**

Antes de qualquer outra coisa, cabe neste sub-capítulo, explicar como o telejornal, programa por meio do qual o projeto Televisando o Futuro é realizado, se estrutura.

A produção de uma notícia que é exibida em um telejornal sofre influências de diversos fatores e condicionamentos. Segundo Vizeu (2006) alguns desses condicionantes que pesam na hora de construir uma notícia, ou até de decidir se ela irá ou não ao ar são: a linha editorial do Grupo de Comunicação, a visão dos editores, a faticidade, a noticiabilidade, os dados recolhidos pelo repórter, o tempo, as audiências, as questões comerciais e outros aspectos mais subjetivos. Tudo isso influi sobre o que vemos todos os dias na televisão, mais especificamente no

telejornal. Ainda segundo o autor (2006, p.25), todas as etapas que antecedem a produção de uma notícia “funcionam no sentido de descontextualizar os fatos do seu quadro social, histórico, econômico, político e cultural em que são interpretáveis”, para depois se ajustarem às rotinas da produção jornalística e tomarem o corpo editorial do veículo que a notícia, corpo no qual será recontextualizada.

Vizeu faz um paralelo interessante entre o jornalista e o professor e entre o jornalismo e a educação em um sub-capítulo de seu livro intitulado “Os jornalistas e a função didática”. Talvez o autor tenha feito esse paralelo despreziosamente, mas optou-se por expô-lo à medida que é pertinente para esse estudo.

Nas suas práticas diárias, o jornalista, na produção das notícias, se coloca como um professor a explicar determinados fatos à audiência, idealizada e presentificada nos textos como alguém que não sabe. (VIZEU, 2006, p.35)

Importante abrir um parênteses para comentar a citação do autor, que mesmo sem ser da área de educação, toca num ponto importante de convergência entre o que acontece na comunicação e o que acontece nas escolas. O jornalista parte do princípio que a audiência não entende do assunto que lhe será exposto, assim como muitas vezes o professor parte do princípio que os alunos nada sabem a respeito de um tema. Nos dois casos – da audiência e dos alunos – essa estratégia pode dar certo, como pode não dar, pois os referidos públicos podem estar mais informados do que se imagina.

Outra contribuição interessante para analisar a construção de uma notícia de telejornal veio da análise de Coutinho (2006) que compara o telejornal a uma narrativa dramática. Dramática porque conta sempre com a presença de personagens ilustrando dramas cotidianos. A autora alerta para o fato de que nos telejornais existe uma hierarquização de notícias, encadeamento de mensagens, escolha de linguagens, de ênfases, de conflitos sociais, questões éticas e editoriais que precisam ser lidas em suas entrelinhas e levadas em conta pelos telespectadores. No entanto, tem-se a noção de que essa dinâmica do meio jornalístico e a forma e rapidez com que são noticiados os fatos, muitas vezes impossibilitam que as audiências façam uma análise mais profunda dos conteúdos.

As reportagens produzidas para o projeto Televisando o Futuro acontecem de forma muito particular. Diz-se isso, pois diferem da dinâmica e da rotina dos jornalistas a partir do momento em que têm mais tempo para serem produzidas

(cerca de 2 meses), e principalmente porque as pautas são enviadas pelas próprias audiências, ou seja, pelos professores alunos e escolas que participam do projeto.

Primeiramente ocorre uma reunião envolvendo as áreas de jornalismo da RPC TV e de educação do Instituto GRPCom. Juntas as áreas definem a temática anual e os conteúdos das reportagens a serem exibidas para o projeto, seguindo as orientações editoriais, princípios e valores do GRPCom que serão expostos a seguir.

Em seguida, a emissora recebe as pautas oriundas da comunidade escolar sobre a temática já pré-definida pelo projeto e comunicada às escolas participantes. Na sequência, faz-se a seleção da pauta que melhor ilustra a temática e vai à campo para a produção da reportagem.

O GRPCom publicou neste ano de 2011 em seu relatório de Sustentabilidade, que acredita que os meios de comunicação não devem em nenhum momento esquecer de sua função social, pois além de informar e entreter, devem esclarecer, formar opinião e ajudar o público a compreender seu papel e capacidades individuais e coletivas na construção da sociedade.

O Grupo expõe em seu relatório anual de Sustentabilidade que:

(...) a maior parte da movimentação econômica gerada pela atuação comercial, projetos sociais e de marketing desenvolvidos pelo grupo, também é resultante do impacto direto e indireto da nossa atuação e presença nas comunidades que integram nossa área de abrangência. Numa leitura ampliada, todos os recursos que aplicamos em qualificação, tecnologia e infraestrutura devem ser entendidos como elementos que garantem melhorias permanentes na qualidade da informação, atuação social e interação efetiva com a sociedade paranaense. (Relatório GRPCom, 2010, p.19)

Esse dado leva a crer que as empresas do GRPCom acreditam na relevância dos meios de comunicação para a sociedade, e que demonstram certa consciência da influência e impacto que os seus conteúdos podem ter sobre a vida das pessoas..

O relatório de Sustentabilidade mostra ainda, que todos os veículos de comunicação do Grupo devem seguir os Princípios Editoriais e Normas Éticas que foram construídos e consolidados nos últimos anos, em respeito à cultura paranaense, à democracia, ao Estado de Direito, aos valores e à dignidade humana.

Entre os princípios editoriais dos veículos de comunicação do GRPCom podemos destacar três itens: a decisão de repelir qualquer forma de engajamento

econômico ou governamental - com ênfase no período eleitoral; a busca pela transparência e equidade no tratamento editorial; e o não-recebimento de qualquer ajuda financeira de órgãos governamentais, o que garante sua independência.

Os princípios Editoriais e Normas éticas do GRPCom valorizam:

“Respeito à inteligência, à sensibilidade, e aos conceitos medianos de moral, bom gosto e bons costumes do leitor/telespectador/ouvinte, rejeitando-se todas as formas de sensacionalismo, vulgaridades, detalhes escabrosos e chocantes, mesmo que tais abordagens sejam aceitas por parte do público”. (Princípios Editoriais e Normas Éticas GRPCom – Item 2.5.)

Todos os anos o GRPCom realiza uma pesquisa para entender melhor como o público percebe seus veículos de informação (rádio, jornal, internet e televisão). E sobre a Televisão, e mais especificamente sobre o jornalismo, os resultados da pesquisa em 2009 e 2010 que mostram a percepção do público em relação à RPC TV e aos seus telejornais foram:

<b>QUADRO 1 – PERCEPÇÃO DO TELESPECTADOR</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Tem personalidade, coragem e independência	81%	90%
Tem credibilidade	84%	88%
Respeita o telespectador e o cidadão	79%	90%
Contribui para o desenvolvimento	77%	91%
É atraente	82%	90%
É indispensável	65%	83%
<b>Média Geral</b>	<b>78%</b>	<b>88,67%</b>

Fonte: Relatório de Sustentabilidade GRPCOM, 2010, p.33.

O telejornal na RPC TV é veiculado em três momentos do dia: de manhã o Bom Dia Paraná, de tarde o Paraná TV 1ª edição, e no início da noite o Paraná TV 2ª edição. O Televisando o Futuro é veiculado nos três telejornais do dia.

Para o Televisando o Futuro a equipe de jornalismo faz questão de que as reportagens sejam gravadas nas próprias escolas participantes do projeto, pois acredita na importância de dar visibilidade às boas ações que acontecem nas escolas e na conexão que criam com a comunidade a partir dessas reportagens.

A equipe de jornalismo recebe orientações dos profissionais de educação do Instituto GRPCOM sobre como deve ser a abordagem nas escolas, e procura segui-las alinhando-as aos princípios editoriais do GRPCOM. Todas as reportagens

exibidas nos telejornais para o projeto Televisando o Futuro ficam disponíveis no site do projeto: [www.rpctv.com.br/televisando](http://www.rpctv.com.br/televisando).

Depois de conhecer os princípios que estruturam o jornalismo na RPC TV e o projeto Televisando o Futuro, é importante conhecer o papel da informação, da mediação, da recepção e dos sujeitos no processo de comunicação e educação em destaque nesta pesquisa.

## **2.7 Informação e Mediação: a vez do sujeito**

No meio educacional existe uma convicção de que nem todos os alunos aprendem do mesmo jeito, e que por esse motivo, os professores devem lançar mão de metodologias e formas de ensinar diferentes. Apesar de a mensagem ser a mesma, nem sempre será entendida por toda uma turma de alunos da mesma forma. O que explica essa situação é o fato de que os alunos são oriundos de classes sociais, culturais e econômicas diferentes, e que por isso, atribuem diferentes significados àquilo que lhes é ensinado.

Se na educação acontece assim, os fatores culturais históricos e socioeconômicos são levados em consideração na aprendizagem e recepção dos conteúdos, o que dizer da comunicação? É no mínimo coerente pensar o mesmo sobre a comunicação e suas mensagens, pois se os receptores é que dão significado aos conteúdos propagados pela mídia, não faria sentido dizer que a televisão ou qualquer outro meio tem tanto poder para fazer dominar a mente das pessoas. Isso seria o mesmo que admitir que um professor tem o poder de fazer com seus alunos apreendam e aceitem todos os conteúdos de forma homogênea.

Como já dito anteriormente, durante muitos anos na América Latina predominou a Teoria Crítica criada e disseminada pelo grupo de pesquisadores da Escola de Frankfurt – Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Habermas - que acreditavam que os meios de comunicação exerciam influências negativas sobre a cultura e educação. Segundo Dalla Costa (2006) a teoria crítica não enxergava nas novas técnicas de comunicação, uma possibilidade de expansão da democracia, mas uma forma de alienar as pessoas da realidade opressiva em que viviam. A autora ressalta a importância da teoria crítica como herança cultural para os latino-americanos, visto que contribuiu significativamente para a construção de sua

identidade.

Contextualizando o momento político, econômico, social e cultural em que os frankfurtianos escreveram a maior parte de suas obras - na época, caracterizadas como pensamentos ainda não estabelecidos e arrojados – conclui-se que o momento de guerra, de tensão política, opressão e perseguição aos judeus, obviamente são fatores que influenciaram suas teorias, que se analisadas por um outro prisma, que não o da crítica pela crítica, podem ganhar novos significados.

A Teoria Crítica, que teve como um de seus conceitos mais ilustres a indústria cultural, cumpriu e cumpre muito bem, o seu papel de analisar as relações sociais e culturais oriundas de um processo de dominação típico da sociedade capitalista, assim como a necessidade da crítica permanente, mas ao mesmo tempo, já não dá conta de explicar alguns aspectos culturais, sociais e econômicos presentes na atualidade, o que fez com as pesquisas nessa área ganhassem novos rumos.

O pesquisador Jesus Martín-Barbero foi um dos primeiros autores a tratar a recepção como um espaço de interação e de negociação de sentidos. Ele criticou o *mediacentrismo*, ou seja, a responsabilidade de tudo o que é bom ou ruim recair sobre a mídia, e deixou evidente o fato de que os receptores das mensagens são sujeitos ativos, portanto, com capacidade de discernimento, e não tábula rasa como no período Iluminista.

(...) os caminhos que as Teorias da Comunicação têm percorrido, demonstram como a cultura e o cotidiano vão ganhando importante destaque para que se compreenda como o sujeito está inserido no processo comunicacional e como as implicações econômicas e políticas atuam e compõem, na atualidade, as arenas das relações sociais, onde se reconhece que a luta pelos sentidos se dá de forma mais estreita e próxima ao cotidiano. (PAULINO, 2001, P.56)

Martín-Barbero (1997) introduziu seus conceitos sobre os estudos de recepção afirmando que deveríamos estudar não só o que os meios de comunicação fazem com as pessoas, mas também o que as pessoas fazem com elas mesmas e com as mensagens propagadas pelos meios de comunicação. Ao apresentar a recepção como um lugar novo de onde se deveria iniciar qualquer estudo e pesquisa que envolvesse comunicação e educação, o autor tenta quebrar o ciclo etapista que as teorias anteriores propunham e ao mesmo tempo chamar a atenção para a importância das mediações e dos sujeitos nas pesquisas.

Para não correr o risco de ser mal interpretado, o próprio autor alertou para os riscos de passar de um extremo a outro. Ou seja, de a responsabilidade que era antes atribuída aos meios de comunicação chamada de *mediacentrismo*, ser totalmente transferida ao receptor, como se os meios não tivessem nada a ver com isso e como uma espécie de “sujeitocentrismo”. Nem um extremo, nem outro, apenas a análise mais profunda de todo o contexto, do pólo emissor, do pólo receptor e de tudo o que os cerca.

Em outras palavras, sua abordagem não tem a intenção ingênua de afirmar que não existe qualquer influência dos meios de comunicação, mas quer alertar para o fato de que o sujeito receptor tem capacidade de pensar criticamente e de refutar conteúdos e opiniões. Nesse contexto, os Estudos de Recepção começam a se consolidar na década de 80 na América Latina, juntamente aos estudos etnográficos e ao olhar mais apurado acerca das práticas sociais e culturais.

Jesus Martín-Barbero (1997, p.292), também deu grande contribuição à temática em sua obra “Dos meios às mediações”. Ele define mediações em relação à televisão, como sendo “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. A partir dessa definição, apresenta três lugares de mediação, não necessariamente relacionados à TV: **a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural**. Abordagens mais detalhadas de cada lugar de mediação, não serão feitas nesta pesquisa, mas fez-se questão de citá-las, pela importância e contribuição teórica do autor para os estudos que seguem nessa área.

Há quem defenda a ideia de que o Brasil passou da cultura oral para a cultura visual, como por exemplo, a autora Maria Aparecida Baccega (2001), que afirma que nosso país pulou uma etapa vivenciada por outros países: a cultura do ler. Se isso é verdade, em parte explica o motivo de a televisão ser a principal propagadora de informações. O risco que aí se instala, é o de que as pessoas podem aceitar sem questionamentos, o “mundo editado” que assistem diariamente em suas telinhas por meio dos telejornais e outros programas.

Percebe-se que a grande maioria das pessoas não dialoga com os meios de comunicação, em especial com a televisão, dada rapidez com que veicula seus conteúdos. Isso contribui de certo modo para que esses conteúdos sejam absorvidos e aceitos com maior passividade, o que não é o ideal. A autora Isabel Travancas (2007, p.17) afirma que “um país não se faz só de homens e livros, por

certo, mas também não se faz apenas com uma emissora e uma multidão de telespectadores”. Em outras palavras, o que a autora quer dizer, é que seria muito melhor que as pessoas se informassem por diversas fontes que não fossem só as dominantes, que fizessem comparações editoriais, que entendessem as entrelinhas e que pudessem a partir disso, se posicionar.

Mas se essa situação já é difícil de acontecer com adultos, o que dizer das crianças? A primeira pergunta que vem à cabeça é: as crianças apreciam o gênero informativo? Assistem telejornais? É óbvio que não deve ser o programa de sua preferência, mas como a maioria das famílias está com a televisão ligada nos horários das refeições matutinas, vespertinas e noturnas, por vezes a criança arrisca uma “olhadela” para a telinha. Agora, de uma simples “olhadela” para um olhar mais crítico, existe um caminho a ser percorrido, e que passa a ganhar viabilidade a partir da intervenção e mediação de um adulto, seja ele da família ou da escola.

Sobre a recepção televisiva das crianças, Orózco-Gomez (1991), afirma que o público infantil não está condenado a consumir passivamente as mensagens da TV, e que é possível formá-lo como receptor crítico. Mas para que isso aconteça, ainda há muito para aprimorar nas práticas de mediação que competem aos pais e professores dessas crianças.

Orozco também apresentou um importante conceito utilizado atualmente por pesquisadores da área, que é o das **Múltiplas Mediações**. Ele explica que as mediações podem ser percebidas nas ações e discursos que são oriundos de várias fontes, e que se entrecruzam no processo de recepção. A partir disso, o autor divide as mediações em quatro tipos:

- 1 A mediação individual - associada ao fator cognitivo e mais subjetivo;
- 2 A mediação situacional – avalia os cenários onde acontecem as interações;
- 3 A mediação institucional – apresenta os papéis das instituições que influenciam as interações. Neste caso, a família e a escola, mas poderia ser a igreja, o estado, os grupos de amigos, etc.
- 4 A mediação vídeo-tecnológica – por fim, a mediação vídeo-tecnológica estuda as características de cada meio.

A autora Maria Isabel Orofino é uma defensora da obra de Orózco-Gomez e a defende como metodologia para as pesquisas que aproximam as áreas de comunicação e educação:

(...) nenhum outro autor encontrou tamanha ressonância em nosso país como a obra de Orozco e sua proposta de mediações múltiplas. No âmbito dos estudos qualitativos de audiências, um número significativo de dissertações de mestrado e teses de doutorado tomaram como referencial a sua proposta. Isso se deve ao fato de que Orozco não trabalha apenas conceitual e teoricamente a problemática das mediações, mas, acima de tudo, propõe uma abordagem metodológica que foi aplicada em diferentes projetos de pesquisa empírica sob sua coordenação, sobretudo com o público infantil e familiar. Este autor trouxe também uma importante contribuição para trabalhos que buscam uma conexão entre a mídia e ações culturais no espaço escolar, identificando – uma vez mais – através da pesquisa empírica, as diferentes formas com que a instituição escolar habitualmente aborda e medeia os discursos públicos. (OROFINO, 2005, pág. 63)

A literatura não apresenta muitas pesquisas de recepção de notícias e telejornais, mas algumas delas, como por exemplo, a de Isabel Travancas (2007), mostram que mesmo as mensagens dos telejornais sendo homogêneas e veiculadas da mesma forma para um grande número de pessoas, a maneira com que são percebidas e internalizadas pelos receptores é muito particular, e que essa recepção varia não só em termos individuais, mas socioculturais.

### 3 METODOLOGIA

Sempre houve uma inquietude por parte da pesquisadora em entender mais profundamente, as relações dos professores e da escola com a mídia. Nunca se teve uma segurança em afirmar que “sim, os professores rejeitam”, como também nunca houve segurança para afirmar o contrário. No setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, onde a pesquisadora concluiu sua graduação, especialização e onde agora vislumbra concluir o Mestrado, sempre houve um discurso crítico em relação aos meios de comunicação e às empresas detentoras desses meios, o que aumentava a cada dia essa inquietude, que se dava em parte porque a pesquisadora trabalha em um Grupo de Comunicação que realiza projetos de educomunicação, e somado a isso, o fato de ter uma percepção diferenciada daquilo que sempre ouviu em sua trajetória acadêmica.

A oportunidade da pesquisa veio com o lançamento do projeto Televisando o Futuro em 2008, pois como já havia feito uma investigação na especialização sobre jornais impressos, a ideia agora era de conhecer um pouco mais sobre a televisão dentro da sala de aula. A iniciativa do Grupo de Comunicação no qual a pesquisadora trabalha era inovadora, e pode-se dizer pioneira no caso da televisão aberta. Pois até o momento, no Brasil não há registros de iniciativas similares nem com TVs comerciais, nem com TVs educativas.

Foi nesse cenário que também nasceu o interesse pela pesquisa. Além disso, uma enorme curiosidade de saber, até pela novidade em que se constituía o projeto Televisando o Futuro, de que forma os professores, que são os responsáveis por levar o projeto para dentro da sala de aula, estavam dando encaminhamento a essas ações. E esta se tornou a principal questão da pesquisa. Será que usavam a televisão apenas como pretexto para discutir os conteúdos curriculares, ou será que aproveitavam para inserir uma discussão mais crítica sobre os meios de comunicação, suas linguagens e até sobre a programação da televisão? Só indo até as escolas para saber.

Para atender ao objetivo principal desta pesquisa, foi escolhida como metodologia a pesquisa qualitativa, que de acordo com Lessard-Hérbert (1990,

p.168) “utiliza técnicas variadas de coleta de dados, como observações, entrevistas e documentos, a fim de abranger a totalidade de uma situação”.

Marli André reforça esse conceito sobre a pesquisa qualitativa ao afirmar que:

Se os temas e referenciais se diversificam e se tornam mais complexos entre os anos 80 e 90, as abordagens metodológicas também acompanham essas mudanças. Ganham força os estudos chamados “qualitativos”, que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises, compreendendo desde estudos do tipo etnográfico, pesquisa participantes, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e de narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral. (ANDRÉ, 2001, pág.54)

O estudo realizado se propõe a fazer exatamente isso, usando um aparato de métodos e técnicas que deem conta de uma questão complexa. Como já citado anteriormente a mudança das pesquisas que envolvem educação e comunicação, que passaram a dar um enfoque maior ao sujeito, mudaram também as abordagens de pesquisa.

A partir da década de 80, os estudos de recepção - técnica mais comumente usada na área da comunicação – ganharam notoriedade entre os pesquisadores da área. Essa metodologia permite investigar o que está por detrás dos resultados, o antes e o depois do ato de assistir televisão, as mediações a partir das quais os significados são construídos pelos sujeitos.

Orofino define os Estudos de Recepção como:

(...) uma área na pesquisa internacional de comunicação que possui uma longa trajetória histórica, ainda que esta designação seja um pouco nebulosa. Em termos gerais, trata-se de pesquisa que tem na atividade das audiências e suas relações com os meios de comunicação o seu foco principal. (OROFINO, 2005, p.54)

Após a leitura sobre o assunto, constatou-se que o estudo de recepção era o ideal para a pesquisa, mas uma escolha um tanto difícil para o Mestrado, devido ao curto tempo que os mestrandos dispõem para desenvolver a pesquisa e devido à complexidade de sua metodologia. Também havia dificuldades para verificar a recepção do projeto com os professores, pois eles assistiam as reportagens em suas casas e não na escola, e esta última era o principal alvo da pesquisadora.

Por esses motivos anteriormente citados e para não correr o risco de não atender com rigor o passo a passo exigido pela pesquisa em recepção, optou-se pela pesquisa qualitativa, que se aplicada nas escolas usando algumas das técnicas

dos estudos de recepção, sem dúvidas traria um olhar mais apurado sobre a investigação proposta.

### **3.1 Questão e sub-questões de investigação**

Para darmos continuidade a esse estudo, relembramos que a questão central já apresentada anteriormente, pretende averiguar como os professores da rede municipal de Foz do Iguaçu, desenvolvem o projeto televisando o futuro no ambiente escolar. Essa questão logo se desdobrou e novas questões complementares se fizeram necessárias. A primeira delas pretende verificar de que forma as atividades que são realizadas em sala de aula, a partir do projeto, se relacionam ou não com o conceito de educomunicação.

Quem são esses docentes que inovam e arriscam inserir os meios de comunicação em suas aulas, e o que eles têm em comum, tornou-se a terceira questão proposta para a investigação. E por último, mas não menos importante, a quarta questão pretende conhecer quais são as influências da televisão na cultura da escola, além de apontar as dificuldades e benefícios que os professores encontram ao inserir o Televisando o Futuro em suas aulas.

### **3.2 Técnicas de pesquisa**

Método escolhido, questões de investigação definidas, partiu-se então para a escolha das técnicas e de como os dados seriam coletados.

A respeito da escolha dos métodos, técnicas, instrumentos e demais aparatos utilizados na pesquisa científica, Alves-Mazzotti afirma que:

De fato, já contamos hoje, no campo das ciências sociais e da educação, com uma variedade de modelos próprios de investigação, bem como com certos critérios que servem tanto para orientar o desenvolvimento da pesquisa, como para avaliar a confiabilidade de suas conclusões. Admitir que esses critérios são decorrentes de um acordo entre pesquisadores da área, em um dado momento histórico, em nada compromete sua utilidade e relevância. (ALVES-MAZZOTTI, 2001, pág.48)

Considerando a citação acima, foram escolhidas as técnicas de pesquisa tradicionais, mas que atendiam às demandas da pesquisa e a metodologia prevista para a pesquisa qualitativa. O inquérito, que segundo Lessard-Hérbert (1990, p.145) “(...) pode tomar uma forma oral (a entrevista) ou escrita (o questionário)” foi escolhido para a coleta de dados, pois acredita-se que com a junção dessas

técnicas complementares – questionário e entrevista - aplicadas nas escolas, pode-se obter uma visão parcial, porém mensurável, do tema da pesquisa, bem como um mínimo esclarecimento das questões e sub-questões de investigação.

O questionário é citado por Brandão (2002, pág. 34) como um instrumento limitado, mas que se associado à entrevista, pode fornecer ao pesquisador, resultados interessantes em uma pesquisa. Sobre os questionários e entrevistas, Brandão (2002, pág.39) diz que “(...) quando bem definidos, asseguram a consistência dos dados e potencializam a densidade de análise e interpretação dos mesmos”.

Somando-se aos questionários e entrevistas, optou-se por fazer uma análise documental, verificando os trabalhos enviados por professores para o concurso cultural do projeto Televisando o Futuro e os dados coletados pela coordenação do projeto por meio de relatórios respondidos pelas escolas ao término de cada ano em que o projeto acontece. Lessard-Hérbert (1990, p.143) diz que “a análise documental, espécie de análise de conteúdo que incide sobre documentos relativos a um local ou a uma situação, corresponde, do ponto de vista técnico, a uma observação de artefatos escritos”, e complementam a informação, enfatizando que os documentos analisados pelo investigador não são, evidentemente, da sua autoria. Com essa técnica complementar, pretendeu-se coletar mais dados para enriquecer a pesquisa e auxiliar nas respostas às questões e sub-questões propostas para a investigação.

### **3.3 Delimitação do ambiente de estudo**

Para que a pesquisa que tem um grau significativo de complexidade fosse viável em um curto espaço de tempo - período de 6 meses - definiu-se que deveria ser limitada a um único município em que o Televisando o Futuro estivesse presente, e o critério utilizado para a escolha de Foz do Iguaçu, foi o tempo de permanência no projeto, afinal é o único dos 22 municípios, que participou das 4 edições, marcando presença desde 2008, o que lhe confere maior conhecimento e familiaridade com o projeto para responder e observar as questões propostas para análise nesta pesquisa.

Já o recorte das escolas, foi feito a partir dos seguintes critérios: representatividade do município e tempo de permanência no projeto. O critério de representatividade baseou-se na divisão que é feita pela Secretaria de Educação da cidade de Foz em cinco grandes regiões: Centro, Porto Meira, Vila C, Morumbi e Três Lagoas. Assim, foram levantadas em cada uma das regiões, todas as escolas que participaram do projeto em duas ou mais edições.

Foi quando se chegou ao número de 21 escolas, o que era inviável para pesquisa diante do tempo para a conclusão da mesma e das dificuldades de acesso. Dessa forma, para garantir a representatividade e viabilizar a pesquisa empírica, foi escolhida uma escola por região, ou seja cinco escolas, usando como critério as que tiveram maior número de professores inscritos no projeto em anos anteriores. Esse dado leva a crer que a participação dessas escolas pudesse ser mais rica e portanto mais significativa para a pesquisa. As escolas são: Jardim Naipi, Cora Coralina, Frederico Engel, João Adão da Silva e Altair Ferrais da Silva. Todas as escolas participaram de quatro edições do projeto, exceto a escola Frederico Engel, que participou apenas das duas últimas edições, mas que foi escolhida por não haver na região que representa nenhuma outra escola com mais tempo de projeto.

### **3.4 Relato da coleta de dados**

Para realizar a coleta de dados, foram usadas 3 estratégias. A primeira foi um questionário (ver apêndice A) e a segunda foi um roteiro de entrevistas (ver Apêndice C). Além disso, para complementar as estratégias e visando resultados de pesquisa mais confiáveis, fez-se uma avaliação dos trabalhos enviados pelos professores de Foz do Iguaçu para o concurso cultural Televisando o Futuro em 2011 e das pesquisas e documentos cedidos pelos coordenadores do Televisando o Futuro também no ano de 2011.

O questionário contém 22 questões objetivas de caráter quantitativo e uma questão aberta de caráter qualitativo que foram respondidas por professores das cinco escolas escolhidas. A primeira questão não foi contabilizada para efeitos de tabulação, pois apenas pretendia averiguar se o professor realmente havia participado do projeto, ou não. Alguns professores chegaram a responder o questionário, mas suas respostas não foram consideradas por não atenderem ao

critério de participação no projeto, afinal, ao entregar os questionários nas escolas, pediu-se aos gestores das mesmas que os entregassem para serem respondidos apenas pelos professores que participaram do projeto em 2011, ou em anos anteriores.

O questionário foi dividido em dois blocos, sendo que o primeiro traça linhas gerais sobre o perfil do professor e o segundo apura questões sobre o projeto Televisando o Futuro. As primeiras questões sobre o perfil do educador, buscaram identificar seu tempo de experiência, hábitos de consumo da televisão, familiarização com equipamentos audiovisuais, entre outros dados. Já as questões sobre o Televisando o Futuro, buscaram identificar as opiniões dos professores acerca do mesmo, as dificuldades e benefícios que encontraram ao inserir o projeto em suas aulas, o conhecimento prévio sobre o conceito educação, e as atividades que costumam realizar em sala de aula a partir do projeto. A última questão foi aberta para que os professores deixassem suas considerações sobre o Televisando o Futuro.

Os questionários foram entregues nas escolas dentro dos critérios estabelecidos, no dia 13 de Junho de 2011. Ao todo foram distribuídos 86 questionários, que corresponde ao total de professores das cinco escolas pesquisadas. A data limite para resposta dos mesmos foi 2 de julho, pois após esta data, a maior parte das escolas estaria fechada devido ao período de férias do município. O período de três semanas para a realização dessa fase pode parecer um tanto apertado, mas não foi escolhido à toa, afinal nesse mesmo período as escolas estavam acabando de assistir às reportagens do projeto da edição de 2011 e estariam com a memória avivada. Caso houvesse a necessidade de antecipar o período, os dados coletados refletiriam ações dos anos anteriores.

As entrevistas foram aplicadas nas escolas entre os dias 26 e 28 de outubro. Passou-se um período – manhã ou tarde – nas escolas a fim de conhecer seu projeto político pedagógico, conhecer sua estrutura e entrevistar um professor que foi escolhido pela direção para colaborar com a pesquisa. O critério solicitado para entrevista foi o mesmo do questionário com um ponto a mais. Além de ter participado do projeto em 2011 ou em anos anteriores, o professor precisava ser um dos respondentes do questionário.

A entrevista caracterizada como semi-estruturada, teve em média 40 minutos de duração e seu roteiro tinha 25 perguntas divididas em 4 blocos para atender os

principais objetivos da pesquisa (Ver apêndice C). As perguntas não foram feitas na mesma sequência, pois dependiam do desenrolar da conversa, já que a intenção era a de garantir mais flexibilidade e espontaneidade aos entrevistados.

Optou-se por não entrevistar os coordenadores do projeto e da Secretaria de Educação, pois a pesquisadora faz parte da coordenação do projeto, o que poderia influenciar as respostas.

Já a análise documental foi feita a partir de dois documentos cedidos pelos realizadores do projeto: pesquisa realizada com professores da região da RPC TV Foz e envio de trabalhos para o concurso cultural realizado anualmente.

Para facilitar a visualização dos objetivos da pesquisa e do que foi feito para atingi-los, fez-se o quadro a seguir:

<b>Quadro 2 – Sistematização de objetivos e ações</b>	
<b>Como os professores da rede Municipal de Foz do Iguaçu desenvolvem o projeto Televisando o Futuro na escola?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questões 20 a 24 do questionário;</li> <li>• Questões 1 a 8 do roteiro de entrevistas;</li> <li>• Pesquisa realizada pela Coordenação do projeto na região de Foz, análise dos trabalhos enviados para o concurso e Projeto Político Pedagógico das escolas.</li> </ul>
<b>As atividades realizadas pelos professores a partir do projeto têm relação com a educomunicação.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questões 19 a 21 do questionário;</li> <li>• Questões 9 a 13 do roteiro de entrevistas;</li> <li>• Pesquisa realizada pela Coordenação do projeto na região de Foz, análise dos trabalhos enviados para o concurso e Projeto Político Pedagógico das escolas.</li> </ul>
<b>Quem são esses professores que inserem os meios de comunicação em suas aulas, o que eles têm em comum?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questões 2 a 16 do questionário;</li> <li>• Questões 14 a 19 do roteiro de entrevistas;</li> <li>• Pesquisa realizada pela Coordenação do projeto na região de Foz, análise dos trabalhos enviados para o concurso.</li> </ul>
<b>Quais são as influências da televisão na cultura da escola? E os pontos positivos e negativos do projeto Televisando o Futuro nesse contexto?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questões 15, 21, 22, 23 e 24 do questionário;</li> <li>• Questões 20 a 25 do roteiro de entrevistas;</li> <li>• Pesquisa realizada pela Coordenação do projeto na região de Foz, análise dos trabalhos enviados para o concurso e Projeto Político Pedagógico das escolas.</li> </ul>

### 3.5 Etapas da pesquisa

A pesquisa foi realizada em 5 etapas. A finalidade foi a de atender os objetivos propostos por meio da pesquisa qualitativa. Na primeira etapa fez-se um estudo bibliográfico sobre o tema a fim de relacioná-lo às teorias que aproximam as áreas de educação e comunicação. Em seguida, na segunda etapa, foram feitos os recortes, as escolhas dos locais e sujeitos a serem pesquisados. A partir disso, foi escolhido todo o ferramental para a aplicação da pesquisa empírica, que foi a terceira etapa. A pesquisa empírica e análise de documentos para coleta de dados consistiu na quarta etapa, e para finalizar, a quinta e última etapa cuidou da tabulação e análise dos dados de toda a pesquisa.

Esta última etapa se desdobrou em mais seis subetapas. A saber:

- a) desenvolvimento de um sistema para tabulação dos questionários;
- b) tabulação de todos os questionários por escola e no total;
- c) atribuição de cálculos percentuais para os dados quantitativos obtidos por meio dos questionários;
- d) análise dos dados obtidos nas entrevistas e na análise documental;
- e) comparação dos dados obtidos por meio dos questionários, entrevistas e documentos analisados;
- f) destaque às evidências da pesquisa.

## 4 CONTEXTO

A classificação do estudo como qualitativo pede um maior aprofundamento e detalhamento sobre o contexto mais amplo do local onde foi realizada a pesquisa. Não basta dizer que escola é, mas em que bairro está, em que município, quais as características socioeconômicas e culturais da região, afinal, um dado fora de contexto é apenas mais um dado.

Por esse motivo, as linhas a seguir trazem as informações mínimas para que o leitor desta pesquisa consiga se situar e contextualizar seus resultados.

### 4.1 O MUNICÍPIO

O município de Foz do Iguaçu está localizado no Oeste do Paraná, na região da Tríplice Fronteira, fazendo divisa com a Argentina e com o Paraguai. Atualmente é um dos principais destinos turísticos brasileiros. Conhecido pelas belezas naturais, principalmente pelas Cataratas do Iguaçu, o município que é formado por imigrantes de todo o mundo, também configura na lista de altos índices de exploração sexual infantil, evasão escolar, tráfico de drogas, contrabandos e homicídios.

Dados extraídos do site da prefeitura de Foz do Iguaçu indicam que atualmente a cidade tem mais de 325 mil habitantes, e uma média de 504 habitantes / km<sup>2</sup> e 3,4 pessoas por família. Esses dados representam um crescimento populacional bastante significativo nos últimos anos, visto que na década de 80, a população não ultrapassava 150 mil habitantes.

Boa parte dos problemas que a cidade enfrenta é explicada pelo rápido crescimento populacional, que concentrou moradores com baixa renda e com pouca qualificação profissional. As tabelas a seguir dão uma ideia geral do perfil da população de Foz, e confirmam alguns dos dados citados acima no que diz respeito à baixa escolaridade e desqualificação profissional. Como se pode observar nas tabelas a seguir, também extraídas do site da prefeitura de Foz do Iguaçu, chama a atenção o fato de a maioria dos eleitores (33,26%) não possuir sequer o 1º grau completo.

<b>Tabela 1 - Perfil dos eleitores de Foz do Iguaçu</b>			
<b>Idade</b>	<b>Total (%)</b>	<b>Grau de instrução</b>	<b>Total (%)</b>
16 a 17 anos	1,01	Não informado	0,18
18 a 20 anos	6,3	Analfabeto	4,2
21 a 24 aos	10,23	Lê e escreve	11,82
25 a 34 anos	24,74	1º grau completo	33,26
35 a 44 anos	22,71	1º grau incompleto	9,12
45 a 59 anos	23,6	2º grau completo	21,21
60 a 69 anos	6,96	2º grau completo	13,17
70 a 79 anos	3,17	Superior completo	3,33
Mais de 79 anos	1,28	Superior incompleto	3,71

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral

Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

<b>Tabela 2 - Perfil da população de Foz do Iguaçu por idade</b>							
<b>Idade</b>	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos
	10,80%	11,10%	10,81%	6,38%	3,95%	9,75%	9,27%
	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 a 69 anos	70 a 79 anos	80 ou mais	Total
	16,50%	11,09%	5,73%	2,98%	1,28%	0,37%	100,00%

Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

<b>Tabela 3 - Perfil da População de Foz do Iguaçu</b>		
<b>Sexo</b>	<b>Habitantes</b>	<b>Percentual</b>
Masculino	160.650	49,41
Feminino	164.487	50,59
Total	325.137	100

Fonte: IBGE

Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

No que se refere à economia, a maior parte da população (29,32%) sobrevive com uma renda de um a dois salários mínimos, conforme mostra a tabela abaixo. Os empregos formais também são escassos na região, fator que acaba contribuindo para que muitas pessoas vivam na informalidade e até no crime.

<b>Tabela 4 - Economia Familiar em Foz do Iguaçu</b>	
<b>Rendimento familiar</b>	<b>Percentual</b>
Até 1 salário mínimo	15,56%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	29,32%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	15,42%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	15,25%
Mais de 5 a 10 salários mínimos	14,32%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	5,38%
Mais de 20 salários mínimos	2,72%

Fonte IBGE / Censo Demográfico de 2000

Fonte: Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

Alguns dados educacionais como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) refletem as contradições desse município, que ao mesmo tempo em que carrega o estigma da baixa escolarização, tem o melhor Ideb do Paraná e extrapola as metas em nível nacional. O Ideb - indicador criado para medir a qualidade de ensino no país - que saltou de 4,8 em 2008, para 6,2 em 2010, fez com Foz do Iguaçu conquistasse o primeiro lugar do país entre as cidades com mais de 300 mil habitantes e que ficasse muito acima da média nacional, que no mesmo ano foi 4,6.

Para conhecer melhor o perfil da população do município, a RPC TV de Foz do Iguaçu realizou uma pesquisa em 2009, em parceria com o Instituto ETHOS de Pesquisa Aplicada. A pesquisa da qual foram extraídos dados relevantes para uma melhor contextualização do município e do perfil do telespectador iguaçuense, foi feita em dois momentos, sendo o primeiro qualitativo, e o segundo quantitativo.

A primeira parte reuniu oito grupos de discussão, compostos por estudantes do Ensino Médio, universitários, pessoas casadas com e sem filhos e aposentados. Já a segunda parte, foi realizada por meio de 800 entrevistas com amostra representativa da população entre 16 e 75 anos de idade, cujos resultados foram analisados de acordo com gênero, faixa etária e classe econômica e possuem estimativa de erro em 3,4%.

Como síntese dessa pesquisa, os dados mais relevantes para uma caracterização da população iguaçuense, são apresentados abaixo em seis tópicos:

- Foz é uma cidade em que a classe média e a baixa predominam. A maioria da população é pobre, tem baixo nível de escolaridade e acesso restrito à tecnologia.

- Quase metade dos jovens entre 16 e 17 anos já está fora da escola, 18% já estão casados e 14% já têm filhos, o que na opinião dos entrevistados dificulta a continuidade dos estudos.
- A estrutura educacional de Foz é muito boa, e 88% dos entrevistados concordam que se estudarem terão melhores perspectivas profissionais.
- 44%, ou seja, menos da metade dos entrevistados se declara praticante de alguma religião. Entre os jovens de 16 a 24 anos, esse número cai ainda mais e vai para a casa dos 30%.
- Existe um predomínio do trabalho informal, sem vínculo empregatício e o contrabando de mercadorias do Paraguai é considerado um “trabalho normal” para 75% das pessoas, que aliás, consideram que o lado bom de morar em Foz é poder fazer compras nos países vizinhos.
- O conjunto de dados sociodemográficos mostra que Foz do Iguaçu é uma cidade altamente tolerante em relação ao contrabando, visto que apenas 15% dos entrevistados declaram que o contrabando é uma ação antiética. E por outro lado, a população se preocupa com a violência crescente na cidade e com o tráfico de drogas, sem fazer qualquer relação dessa violência com o contrabando.

## **4.2 As regiões**

A cidade de Foz do Iguaçu é dividida em cinco grandes regiões: Três Lagoas, Vila C, Porto Meira, Morumbi ou São São Francisco e Centro. Ao andar por todas elas e conversar com alguns moradores para realizar a pesquisa, quatro pontos que infelizmente são comuns às cinco regiões são: o desemprego, a violência, as drogas e a desocupação das crianças e adolescentes. A breve descrição dessas regiões pretende dar um panorama da cidade onde aconteceu a pesquisa e contextualizar a localização das escolas representadas por essas regiões.

### **4.2.1 Região Central**

Região que concentra os Poderes Legislativo e Executivo e também o maior comércio da cidade. Durante o dia é um local tranquilo, mas assim que as lojas e bares fecham, se transforma em ponto de drogas e prostituição. A região central de Foz é que concentra o maior número de empresas do município, que são muito mais

numerosas na área de comércio, do que de indústria. De cada dez empresas da cidade, quatro ficam na região central. Apesar de a cidade ser bastante turística, os moradores de Foz se queixam de a região central não ter informações turísticas e de não ser enfeitada em datas comemorativas. Em entrevistas realizadas pela RPC TV com os moradores da cidade, a maior queixa em relação à região central, que tinha tudo para ser um forte atrativo turístico, é a dependência política e econômica que a cidade tem para praticamente tudo da Hidrelétrica Itaipu Binacional, que arca com grandes despesas que deveriam ser da prefeitura.

#### **4.2.2 Região de Porto Meira**

Região de comércio forte, com vinte e oito bairros e cerca de 40 mil moradores de Foz. Uma das regiões com menor índice de violência da cidade, Porto Meira abriga a fronteira entre os três países. Lá é que está o Marco das Três Fronteiras, construído em 1903.

A ocupação desordenada do bairro, fez com que as moradias construídas nas margens dos rios Iguaçu e Paraná – que se encontram na região - se tornassem uma ameaça para os moradores. Os alagamentos são frequentes nas áreas menos desenvolvidas e a região ainda apresenta uma infraestrutura precária, com muitas ruas sem asfalto.

Porto Meira tem uma forte veia cultural. O artesanato e o carnaval da região são muito conhecidos e valorizados pelos iguaçuenses.

#### **4.2.3 Região da Vila C**

Localizada na região Norte da cidade, a Vila C foi construída pelos primeiros trabalhadores da Itaipu Binacional. Os primeiros trabalhadores da hidrelétrica se alojaram em barracões e por ali ficaram, formando uma grande comunidade de trabalhadores e ex-trabalhadores da construção civil de Foz, bem como trabalhadores do comércio informal do Paraguai. A região abriga duas importantes universidades, a Hidrelétrica de Itaipu, Furnas, e boa parte da infraestrutura que fornece energia elétrica.

#### **4.2.4 Região de Morumbi / São Francisco**

Um dos primeiros grandes loteamentos da cidade. Foi formado por ex-funcionários da Itaipu Binacional e da construção civil, que de alguma forma foram

responsáveis pelo desenvolvimento de Foz do Iguaçu. Nesta região estão localizados o mini-distrito industrial, a subestação da Copel e pequenas áreas de agricultura. A região mais populosa de Foz do Iguaçu é também uma das menos seguras. Com altos índices de violência, o vandalismo e a depredação dos espaços públicos podem ser facilmente percebidos ao percorrer as ruas da região. Apesar disso, é um local em expansão, e em crescente valorização, afinal, abrigará em breve 26 empresas que aumentarão o distrito industrial e que prometem gerar muitos empregos formais – coisa rara em Foz – para a comunidade.

A região é bastante visada por políticos, visto que dali também sai o maior número de votos da cidade de Foz.

#### **4.2.5 Região de Três Lagoas**

Porta de entrada e de saída da cidade, Três Lagoas é região com maior número de bairros, porém não a mais populosa, perdendo apenas para a região de Morumbi.

Caracterizada pela sua área náutica, pois é lá que estão o late Clube e a Base Náutica da cidade, e também conhecida por ainda conservar um certo ar rural, devido às chácaras de lazer que são muitas na região. É também a região onde se localizam as penitenciárias da cidade, por isso leva a fama de região “penal” de Foz, apesar de os moradores não gostarem dessa titulação.

Os moradores da região acham que Três Lagoas poderia ser um município independente de Foz do Iguaçu, dada a sua independência da área de comércio e o seu potencial logístico na área de transportes e cargas. Mas apesar dessa percepção, Três Lagoas ainda é uma região com índice elevado de desemprego e subempregos, visualmente marcada pela quantidade de loteamentos e residências humildes e por muitas ruas ainda sem asfalto.

A violência na região é denunciada por comerciantes locais, que alegam sempre serem assaltados por adolescentes desocupados. A Polícia Militar e a Associação de Moradores trabalham em projetos de esportes e educação profissional para retirar esses adolescentes das ruas e fazer de Três Lagoas um bairro tranquilo como era há anos atrás.

### **4.3 AS ESCOLAS**

Os dados das escolas descritos a seguir, foram extraídos de três fontes: Projetos Políticos pedagógicos (PPPs) fornecidos pelas próprias escolas; observação da pesquisadora durante as visitas às escolas; dados coletados pela pesquisadora durante as entrevistas com os professores das escolas.

#### **4.3.1 Escola Municipal Jardim Naipi – Região Central**

A Escola Municipal Jardim Naipi fica na região central de Foz do Iguaçu, à Rua Vicente Celestino número 100. A escola oferta o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, foi criada em 1994 e participa do Televisando o Futuro desde 2008, ano em que o projeto iniciou na cidade. Pode ser considerada uma escola de pequeno porte, visto que possui apenas 10 salas de aula, 11 turmas, 330 alunos e 13 professores. Somam-se ao quadro de profissionais da escola, mais um pedagogo e um diretor.

A escola atende a uma clientela variada, mas com predominância de classe baixa. Cerca de 40% dos alunos são moradores de uma favela vizinha à escola (Favela Guarda Mirim), local de altos índices de tráfico de drogas e violência. Muitos dos alunos vivem em condições precárias de higiene e moradia, e seus pais, quando estão exercendo alguma função que gere renda, não possuem estabilidade em seus ganhos, visto que grande parte trabalha como coletor de materiais recicláveis, ou em serviços domésticos informais. Os demais alunos moradores de bairros próximos à escola, mas não da favela, também são de classe baixa devido à pouca oportunidade de emprego característica do município, que vive quase que totalmente do turismo e hotelaria.

A escola disponibilizou seu projeto político pedagógico (PPP), documento em que é possível perceber as convicções e bases pedagógicas em que foi construído. Uma das concepções explicitadas no PPP e que merece destaque, é a concepção de Tecnologias, que diz:

Toda tecnologia que pode ser adaptada à educação é bem vinda e aplaudida, porém, sem estardalhaços ou endeusamentos, visto que nada substitui um bom professor, sua fala, suas experiências e seu discernimento no trato dos mais variados acontecimentos educacionais. As TICs, associadas à educação, devem fazer o papel de parceiras e não de substitutas. Cada professor deve aliar-se a elas e não lhes dar suas tarefas, eximindo-se da sua doação pela educação. (PPP, p. 8)

Vale também um destaque sobre a abertura da escola para a realização de projetos, no entanto, existem critérios para o desenvolvimento dos mesmos. Além do Televisando o Futuro, a escola desenvolve mais sete projetos permanentes e contínuos, como por exemplo o de patriotismo, o de valorização da escola e o de leitura, todos realizados pela própria escola. Uma exigência a todos os projetos, independente de serem iniciativa da própria escola ou de parceiros, é que devem ser operacionalizados de forma contextualizada, interdisciplinar e complementar à aprendizagem.

Os professores da escola Jardim Naipi são em grande parte experientes, com mais de 5 anos de atuação no magistério e com média de idade de 35 a 45 anos. A maior parte dos professores que participam do projeto, ou seja, 4 dos 5 que responderam ao questionário, já tiveram alguma formação sobre o uso das mídias em sala de aula, além disso, todos os professores disseram assistir televisão.

#### **4.3.2 Escola Municipal Frederico Engel – Região Porto Meira**

A Escola Municipal Frederico Engel, está localizada na Rua Enseadas número 41 do Bairro Copacabana, que fica na região de Porto Meira. É uma escola antiga, que começou a funcionar em 1936 ainda como escola rural. O nome da escola deve-se a um dos pioneiros da cidade de Foz, o Sr. Frederico Engel, que doou o primeiro terreno para que a escola fosse construída.

Também de pequeno porte, a escola que oferta o Ensino Fundamental 1, ou seja, do 1º ao 5º ano, possui dez turmas, sendo que cinco funcionam no período da manhã e cinco no período da tarde. O quadro de funcionários da escola é composto por dez professores, um diretor, um supervisor e uma secretária na parte administrativa, mais um vigia, quatro merendeiras e quatro auxiliares de serviços gerais.

A clientela atendida pela escola é de alunos oriundos de vários bairros da região (cerca de 7 bairros, além da zona rural próxima à escola). Seu perfil socioeconômico é de classe média-baixa. Os pais dos alunos são em grande maioria trabalhadores da construção civil, empregados do comércio formal e informal, ou trabalhadores da zona rural. Ao contrário do que acontece em outras

escolas, os pais são bastante participativos na vida escolar de seus filhos, e sempre que podem comparecem à escola, seja para as reuniões pedagógicas ou para realizar algum trabalho voluntário durante a hora do intervalo.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, qualquer ação realizada na escola, deve ter caráter social e educativo, promover novas oportunidades de aprendizagem, acesso a conhecimentos necessários ao exercício da cidadania e à compreensão da realidade. A escola é aberta à realização de projetos e os professores são bastante participativos. Dos dez docentes da escola, sete participam do Televisando o Futuro. São professores pós-graduados e experientes, a maioria com mais de dez anos de atuação no magistério e com idade entre 26 e 45 anos. Todos dizem assistir televisão diariamente.

Além do Televisando o Futuro, projeto do qual participa há dois anos, a escola realiza mais cinco projetos com as seguintes temáticas: higiene, saúde, dengue, trânsito e reciclagem. Todos eles são iniciativas da própria escola e coordenados pelos próprios professores, com a participação de alguns voluntários da comunidade e/ou de Instituições de Ensino Superior parceiras.

#### **4.3.3 Escola Municipal Altair Ferrais da Silva “Zizo” – Região Vila C**

A Escola Municipal Altair Ferrais da Silva, mais conhecida como Zizo, está situada à Avenida Andradina, número 2.290, quadra 38 no bairro Ipê, que fica região da Vila C. É uma escola nova, fundada em março de 2002, e leva esse nome em homenagem a um político e empresário do ramo hoteleiro de Foz do Iguaçu, o Sr. Altair, que popularmente era chamado de Zizo.

Com onze turmas de Ensino Fundamental que vão do 1º ao 5º ano, a escola possui atualmente 277 alunos devidamente matriculados, número um pouco superior ao previsto para atendimento, tendo em vista o tamanho e infraestrutura da escola. As salas de aula são amplas e arejadas e a escola conta com um aparato tecnológico diferenciado, pois além de ar condicionado em todas as salas, possui duas televisões, 2 DVD's, 3 computadores, 4 impressoras e um projetor. O corpo docente da escola é composto por onze professores, e o corpo técnico e administrativo é composto por 10 pessoas, sendo uma diretora, uma secretária, seis auxiliares de serviços gerais e duas merendeiras.

A clientela da escola tem um perfil socioeconômico de classe média-baixa, e as famílias dos educandos trabalham na construção civil e no comércio formal e informal. A escola sofre com a ausência dos pais e percebe que seus alunos possuem problemas emocionais e de disciplina em função dessa ausência, que se refletem em dificuldades de aprendizagem e de leitura.

A escola também cedeu seu Projeto Político Pedagógico que apresenta uma concepção interessante a respeito da tecnologia ao afirmar que:

A sala de aula deixou de ser único lugar disponível para a aprendizagem do saber construído e que hoje o acesso à informação via televisão e internet está anos luz a frente daquilo que se faz e se discute em sala de aula. (PPP, p. 15)

Além do Televisando o Futuro a escola desenvolve mais 15 projetos, sendo que apenas o Televisando e o Agrinho são projetos de coordenação externa à escola. Esse fato demonstra uma abertura bastante grande da escola para a realização de projetos e uma concepção pedagógica diferenciada.

O perfil dos professores da escola levantado por meio dos questionários, mostra que eles acham a influência da televisão mais negativa que positiva, porém todos os docentes acreditam na importância de levar as discussões da mídia para dentro da sala de aula. Todos são professores pós-graduados e que atuam no magistério há mais de 5 anos. A maioria tem idade entre 36 e 45 anos e assiste televisão diariamente.

#### **4.3.4 Escola Municipal Cora Coralina – Região Morumbi / São Francisco**

Criada em abril de 1986, a Escola Municipal Cora Coralina, referência em estrutura e em bons resultados para a Secretaria Municipal de Educação, atende atualmente 670 alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos. Com 26 turmas a escola é uma das maiores pesquisadas, contando hoje com um quadro de pessoal composto por vinte e um professores, uma diretora, três supervisoras, 5 cozinheiras, três vigias e dez auxiliares de serviços gerais.

Devido à localização na periferia urbana da cidade e pelo número de habitantes da região, a escola atende um público muito variado. Os dirigentes da escola dizem que ainda prevalecem alunos com baixas condições socioeconômicas,

e que a ausência dos pais na escola é um problema que agrava a indisciplina e a aprendizagem, mas em relação às demais escolas pesquisadas, a Cora Coralina parece estar está em condição privilegiada.

A escola possui um pequeno auditório com capacidade para mais de 100 pessoas (onde foi realizada a primeira formação de professores para o projeto Televisando o Futuro), e uma associação de pais, mestres e funcionários (APMF) muito participativa e engajada nas ações escolares. Os professores são em grande maioria pós-graduados, e dentre as cinco escolas pesquisadas, são os mais jovens, com idade entre 21 e 35 anos e com menos tempo de atuação no magistério. Todos assistem televisão diariamente. Interessante pontuar que nesta escola os docentes acham que a influência da televisão é mais positiva que negativa, e todos os que responderam ao questionário acreditam que as discussões da mídia devem ser levadas para a escola.

A concepção de tecnologia apresentada no Projeto Político Pedagógico cedido pela escola diz que:

Cabe à escola organizar um movimento global de renovação cultural para fazer uso de todo arsenal tecnológico que tiver ao seu dispor, tentando sempre acompanhar as inovações, apesar das limitações, a fim de propagar a circulação do conhecimento, elemento libertador, e de promover uma sociedade democrática e menos excludente. (PPP, p. 11)

A escola realiza o projeto Televisando o Futuro há quatro anos, ou seja, desde que foi lançado no município, e além dele, realiza mais sete projetos que, segundo a direção da escola, agregam ao processo de ensino-aprendizagem.

#### **4.3.5 Escola Municipal João Adão da Silva – Região de Três Lagoas**

Com sede na Rua Oscar Alfredo Franco, número 65, no Jardim Santa Rita, que fica na Região de Três Lagoas, a Escola Municipal João Adão existe desde fevereiro de 1983. Seu patrono era membro da comunidade que doou o terreno para a construção da escola. João Adão da Silva nascido em 1920 foi um dos fundadores do bairro Jardim Santa Rita e participou do projeto de urbanização da região.

A clientela da escola, assim como em todas as outras pesquisadas, é de classe média-baixa, com a vantagem de estar muito presente. Atualmente o quadro funcional da escola conta com trinta e um professores, duas supervisoras, uma

diretora, treze auxiliares de serviços gerais, um assistente administrativo, quatro merendeiras e duas secretárias. A escola se orgulha de ter a comunidade muito participativa nas ações educativas, o que garante um melhor acompanhamento dos pais na vida escolar de seus filhos.

A escola atende o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, realiza sete projetos internos e seis com parcerias externas. Entre os seis externos está o Televisando o Futuro, que acontece desde 2008. A escola João Adão já foi premiada pelo Televisando o Futuro pela sua atuação e engajamento no ano de 2009 e os dirigentes têm grande simpatia pelos projetos que envolvem Televisão, pois acreditam que é importante que a escola apareça na telinha mostrando o que faz de bom. Além do Televisando o Futuro a escola participa do projeto Amigos da Escola que é uma iniciativa da Rede Globo de Televisão, e que tem como objetivo incentivar o voluntariado a fim de melhorar a educação.

Esta escola teve o maior número de professores que respondentes do questionário aplicado para a pesquisa e os dados que valem a pena ressaltar para comparação com as demais escolas são: os professores são de idades e níveis de formação variados, indo desde a formação em magistério, até a pós-graduação. Todos eles assistem televisão e acreditam na influência positiva da televisão e são unânimes em afirmar que as discussões da mídia devem chegar às salas de aula.

## 5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão expostas as análises e interpretações dos dados coletados por meio dos questionários, entrevistas, visitas às escolas e leitura de documentos cedidos pela coordenação do concurso e pelas escolas.

### 5.1 Resultados da aplicação dos questionários

Neste sub-capítulo são apresentadas as análises dos resultados obtidos a partir dos questionários respondidos pelos professores que participaram do projeto Televisando o Futuro em 2011, ou em anos anteriores. Como já citado no item 3.4, foram entregues 86 questionários e 41 professores responderam, mas apenas 32 foram contabilizados porque os demais não atenderam ao critério de participação no projeto.

Dos 86 questionários enviados, 41 foram respondidos e 32 estavam de acordo com os critérios estabelecidos. Em dados percentuais, a pesquisa obteve 47% de retorno dos professores e 37% de aproveitamento de todos os questionários enviados, conforme mostra o quadro a seguir:

<b>Quadro 3 – Aproveitamento dos questionários</b>			
<b>Escolas</b>	<b>Questionários enviados</b>	<b>Questionários respondidos</b>	<b>Questionários contabilizados</b>
EM Frederico Engel	10	8	7
EM João Adão da Silva	31	10	9
EM Cora Coralina	21	7	6
EM Altair Ferrais da Silva	11	8	5
EM Jardim Naipi	13	8	5
<b>Total: 5 escolas</b>	<b>86</b>	<b>41</b>	<b>32</b>

Fonte: dados da pesquisa (2011)

As respostas dos questionários foram compiladas de duas formas: primeiramente fez-se uma análise e compilação por escola, e depois uma análise geral do município. A análise dos resultados apresentada a seguir corresponde apenas aos dados gerais do município, ou seja, reflete as respostas das cinco

escolas pesquisadas, e seguirá a sequência dos dois blocos do questionário: primeiro o perfil do professor, que são retratados nos gráficos 1 a 15, depois os dados do projeto Televisando o Futuro que são representados nos gráficos 16 a 22.

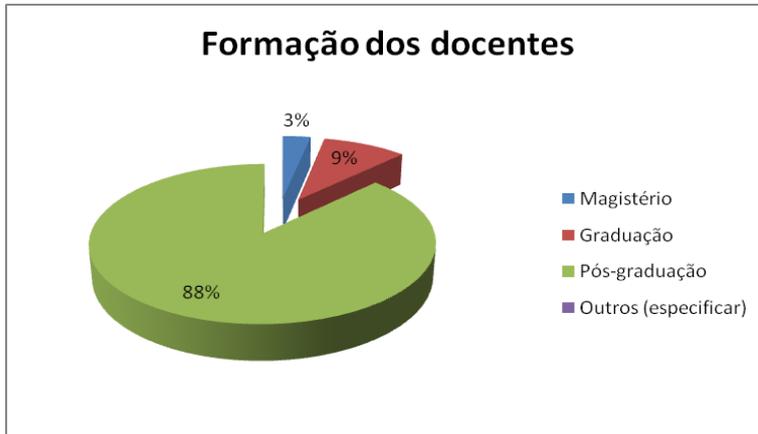


GRÁFICO 1 – FORMAÇÃO DOS DOCENTES  
 FONTE: a autora (2011)

O primeiro gráfico mostra que a grande maioria dos professores possui algum curso de Pós-graduação. Teoricamente, isso significa que os professores além de possuírem um bom nível de escolarização, compõem uma equipe qualificada de docentes da rede. Um dado que se associa a essa afirmação, é o elevado Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que o município possui, estando entre os melhores do país.

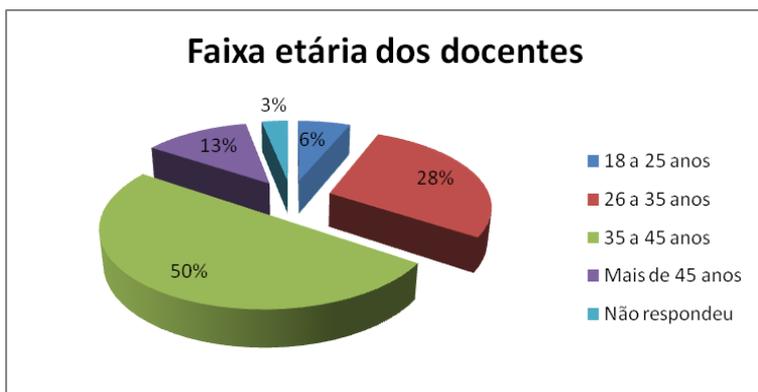


GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS DOCENTES  
 FONTE: a autora (2011)

Como mostra o gráfico anterior, a maior concentração da faixa etária dos professores está entre 26 e 45 anos. São professores jovens, mas que apesar da idade já possuem uma experiência significativa, como mostra o gráfico a seguir.



GRÁFICO 3 – TEMPO DE DOCÊNCIA  
FONTE: a autora (2011)



GRÁFICO 4 – TURMAS EM QUE LECIONAM  
FONTE: a autora (2011)

A maioria dos respondentes da questão representada pelo gráfico 4, ou seja 71% dos professores atua no 2º, 3º ou 4º ano do Ensino Fundamental. Essa dado é importante, pois será comparado com as atividades que os professores realizam, e se está em consonância com a faixa etária dos estudantes.



GRÁFICO 5 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES SOBRE MÍDIA E EDUCAÇÃO.  
FONTE: a autora (2011)

A questão do gráfico 5, pretendia averiguar se alguma vez durante a graduação, pós-graduação ou cursos de formação continuada, os professores tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as mídias na educação e aproximação entre as áreas de comunicação e educação. Como se vê, a grande maioria diz ter tido essa oportunidade.

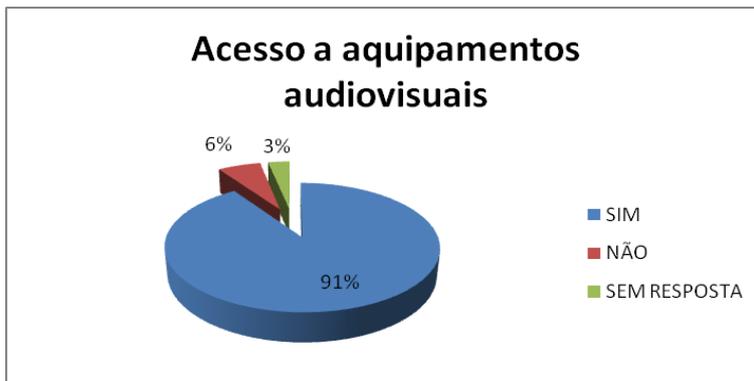


GRÁFICO 6 – ACESSO A EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS.  
FONTE: a autora (2011)

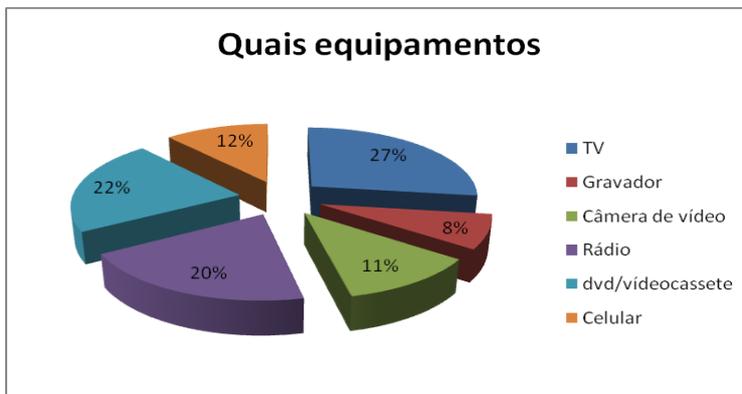


GRÁFICO 7 – EQUIPAMENTOS AOS QUAIS OS DOCENTES MAIS TÊM ACESSO.  
FONTE: a autora (2011)

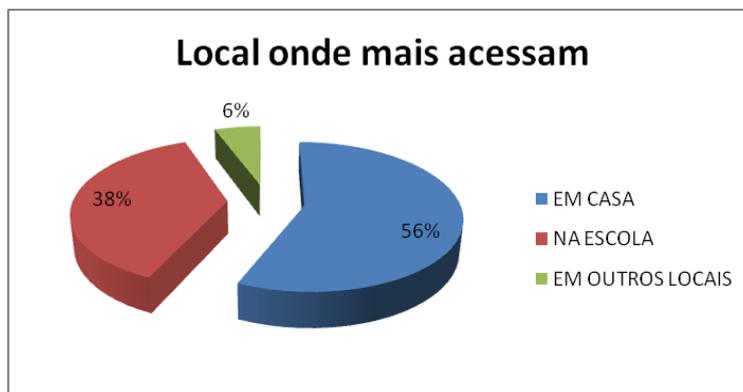


GRÁFICO 8 – LOCAIS ONDE ACESSAM OS EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS.  
FONTE: a autora (2011)

Os três gráficos anteriores – 6, 7 e 8 - mostram que a maioria dos professores têm acesso a equipamentos audiovisuais, ou seja, existem recursos, mas ao mesmo tempo, a maioria mostra que o acesso acontece mais em casa que na escola. Os “campeões de audiência” são a TV, o rádio e o DVD, seguidos do aparelho de celular, câmera de vídeo e gravador.

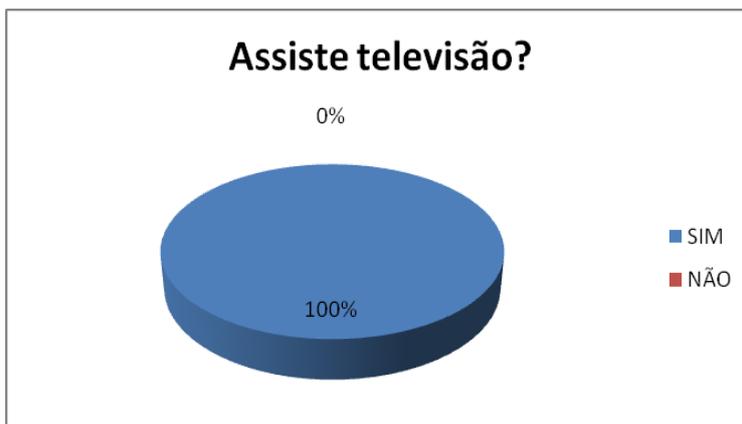


GRÁFICO 9 – OS PROFESSORES ASSISTEM TELEVISÃO?  
 FONTE: a autora (2011)

As repostas sobre o hábito e frequência de assistir televisão e ainda sobre os canais e programas preferidos dos professores, conforme explicitam os gráficos 9, 10, 11 e 12 são de certa forma reveladoras. Por ser um público bastante feminino, supunha-se que a frequência seria maior e que a preferência seria pelo gênero telenovela, o que não se confirmou.

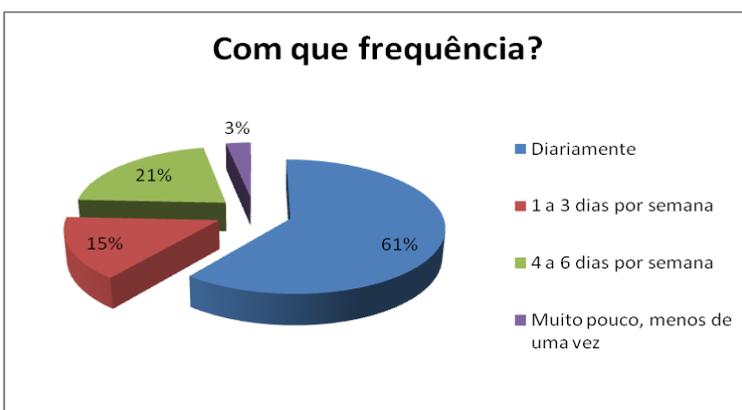


GRÁFICO 10 – COM QUE FREQUÊNCIA?  
 FONTE: a autora (2011)

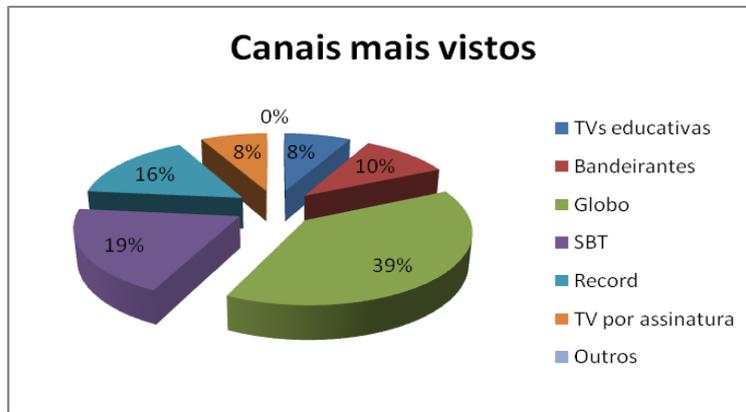


GRÁFICO 11 – CANAIS MAIS VISTOS  
 FONTE: a autora (2011)



GRÁFICO 12 – GÊNEROS QUE MAIS GOSTAM  
 FONTE: a autora (2011)

Os dados indicam a preferência pela Rede Globo, que vem seguida pelo SBT e pela Record. Já o gênero que ficou no topo do ranking foi o telejornal, seguido de programas de entrevista e reportagem, novelas e filmes.

Os resultados do gráfico abaixo, também são de certa forma, reveladores. Ao mesmo tempo em que se acreditava haver um discurso crítico tanto sobre a presença da televisão no ambiente escolar, quanto sobre sua programação e seus conteúdos, a grande maioria dos professores acha que a escola sofre influências sim, e que elas são mais positivas, que negativas. Apenas 3% dos respondentes acreditam que a escola não sofre influências da TV.

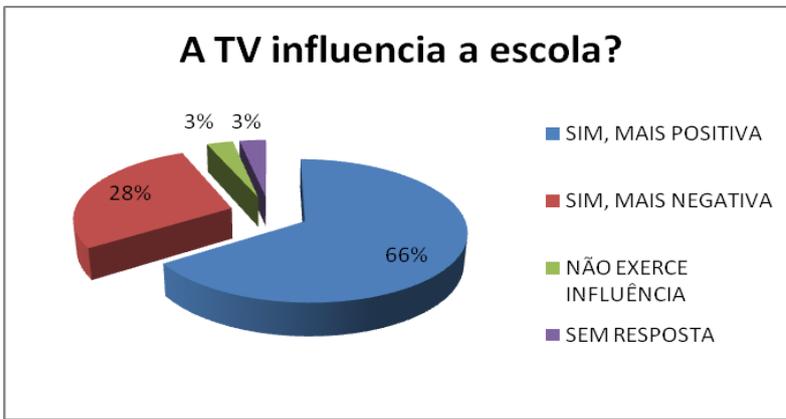


GRÁFICO 13 – A TV TEM INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLA?  
 FONTE: a autora (2011)

A segunda questão que obteve unanimidade nas respostas foi a que perguntou se os professores deveriam levar as discussões da mídia para dentro da sala de aula. Todos os professores responderam que sim, o que mostra que a escola não está alheia - e nem poderia – ao que se passa fora dos seus muros.

Esse dado também indica uma tendência a uma maior aceitação de que os meios de comunicação fazem parte do cotidiano das pessoas e que por esse motivo, também devem fazer parte do contexto educacional.

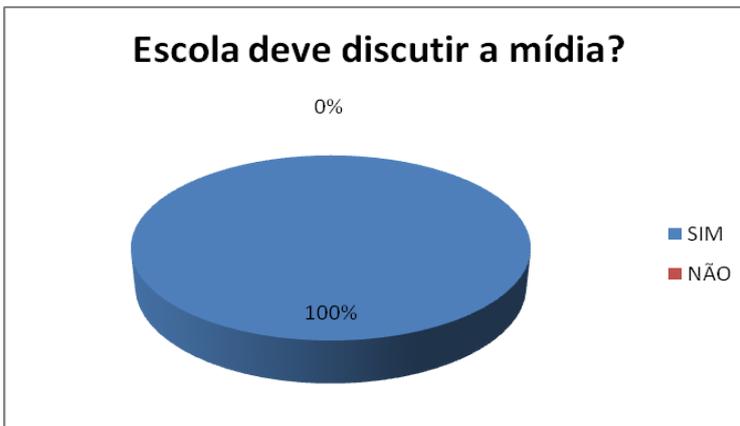


GRÁFICO 14 – A ESCOLA DEVE DISCUTIR A MÍDIA?  
 FONTE: a autora (2011)

Apesar de 69% dos professores afirmarem que já tiveram algum tipo de formação para trabalhar com as mídias em sala de aula, 66% admitem que ainda precisam de apoio para realizar esse tipo de trabalho, conforme mostra o gráfico a seguir. Esse dado reflete certa insegurança por parte dos professores em inserir novos métodos e ferramentas em suas aulas.

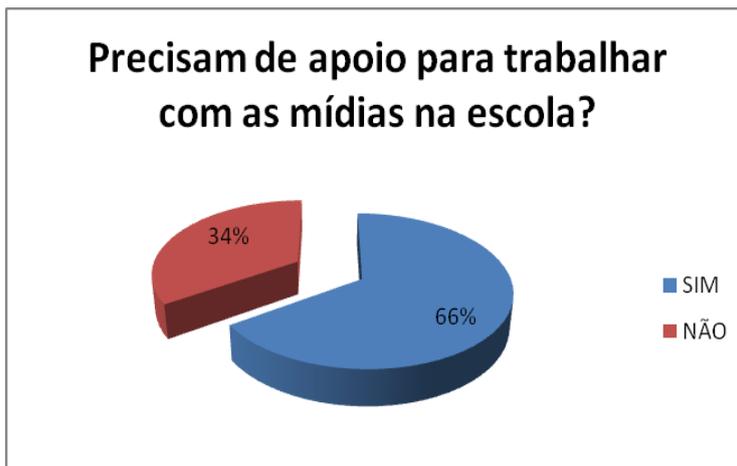


GRÁFICO 15 – PRECISAM DE APOIO PARA TRABALHAR COM AS MÍDIAS NA ESCOLA?  
 FONTE: a autora (2011)

Terminadas as questões sobre o perfil do professor, dar-se-á início aos resultados sobre o projeto Televisando o Futuro. A primeira questão pedia que os professores atribuíssem um conceito ao projeto, que variava de ruim a excelente. Os resultados demonstram uma grande satisfação, ou melhor, uma satisfação quase unânime em relação ao projeto, pois ninguém avaliou como ruim, 3% avaliaram como regular, e 97% dos respondentes acham que o projeto é bom ou excelente.

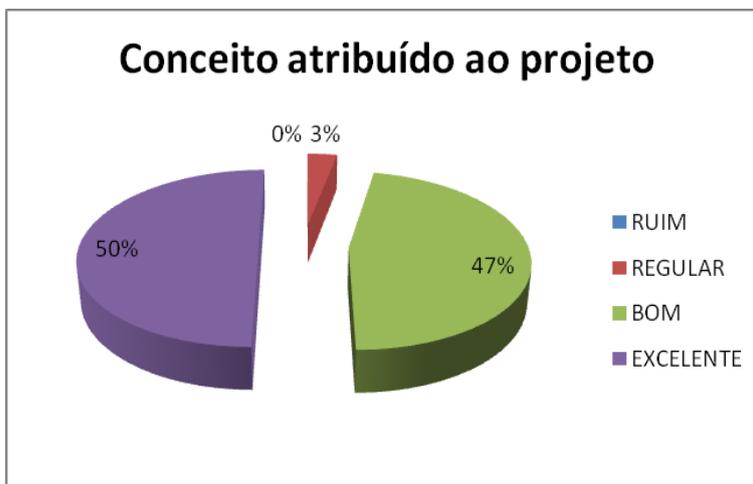


GRÁFICO 16 – CONCEITO ATRIBUÍDO AO PROJETO  
 FONTE: a autora (2011)

A intenção da pesquisadora com a questão a seguir foi a de comparar os resultados com o conhecimento sobre educomunicação. Afinal, o projeto oferta cursos e palestras sobre mídia e educação em que aborda e explica essa nova área de interface entre a educação e a comunicação.

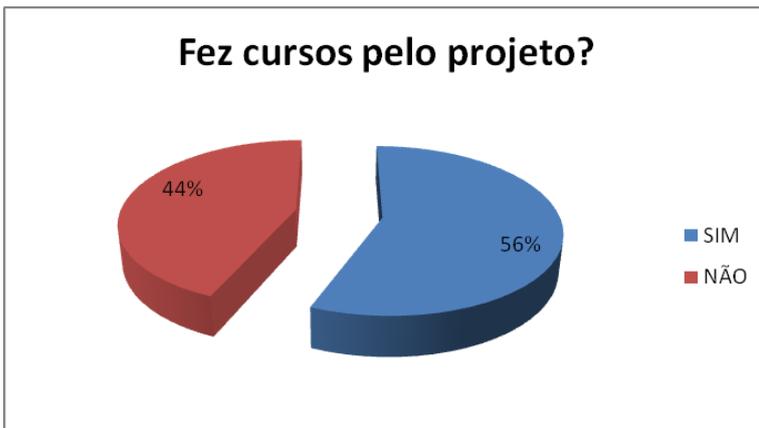


GRÁFICO 17 – FEZ CURSOS PELO PROJETO  
 FONTE: a autora (2011)

56% dos professores fizeram cursos ofertados pelo Televisando o Futuro que abordava a temática educomunicação, mas 78% afirmam saber o que é educomunicação, ou seja, pelo menos 22% dos respondentes, adquiriram esse conhecimento por outros meios e não pelos cursos do projeto.



GRÁFICO 18 – SABE O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO  
 FONTE: a autora (2011)

Ao responderem se realizavam práticas educacionais na escola, a grande maioria dos professores – 78% - respondeu que sim. Alguns não responderam a essa questão, pois ela estava condicionada a conhecer o conceito da palavra.



GRÁFICO 19 – FAZ EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA?  
 FONTE: a autora (2011)

O gráfico a seguir conflita de certa forma com a afirmação da maioria dos professores a respeito de desenvolverem práticas educacionais na escola. O que se percebe pelos percentuais é que três atividades prevalecem: fazer redações e desenhos para o concurso, associar as reportagens com os conteúdos curriculares, o que se chamou na revisão de literatura de educação *com a mídia*, e a terceira ação é a que pode estar mais voltada para a educomunicação, afinal, trata-se da realização de debates sobre os conteúdos veiculados, mas isso depende de sua abordagem. Para caracterizar que as práticas fossem de fato educacionais, a análise crítica, o papel da TV e a produção dos alunos deveriam ter percentuais mais altos.

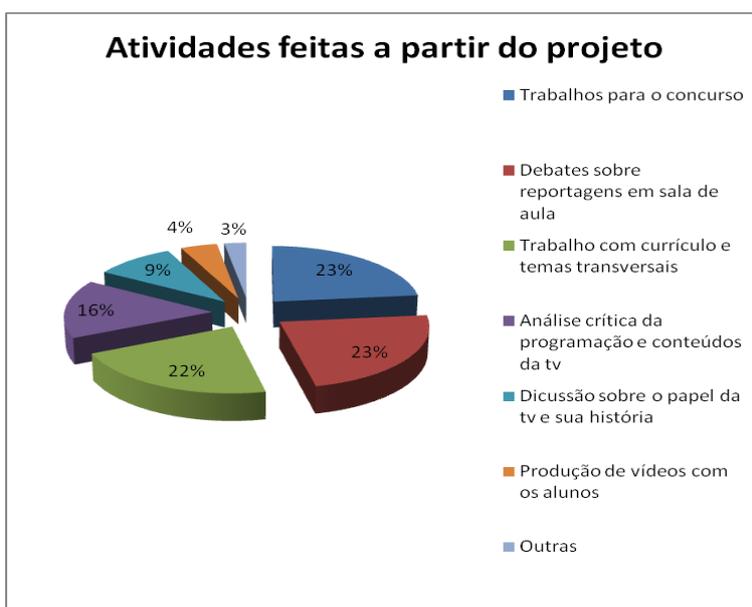


GRÁFICO 20 – ATIVIDADES FEITAS A PARTIR DO PROJETO  
 FONTE: a autora (2011)

Os benefícios do projeto e as dificuldades encontradas pelos professores para desenvolvê-lo, são mostrados nos próximos gráficos, que são também os últimos.

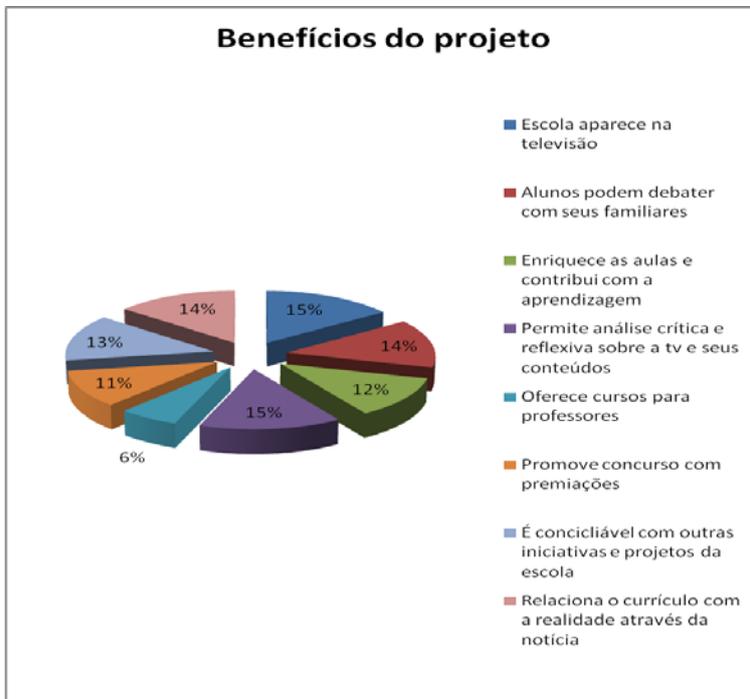


GRÁFICO 21 – BENEFÍCIOS DO PROJETO  
 FONTE: a autora (2011)

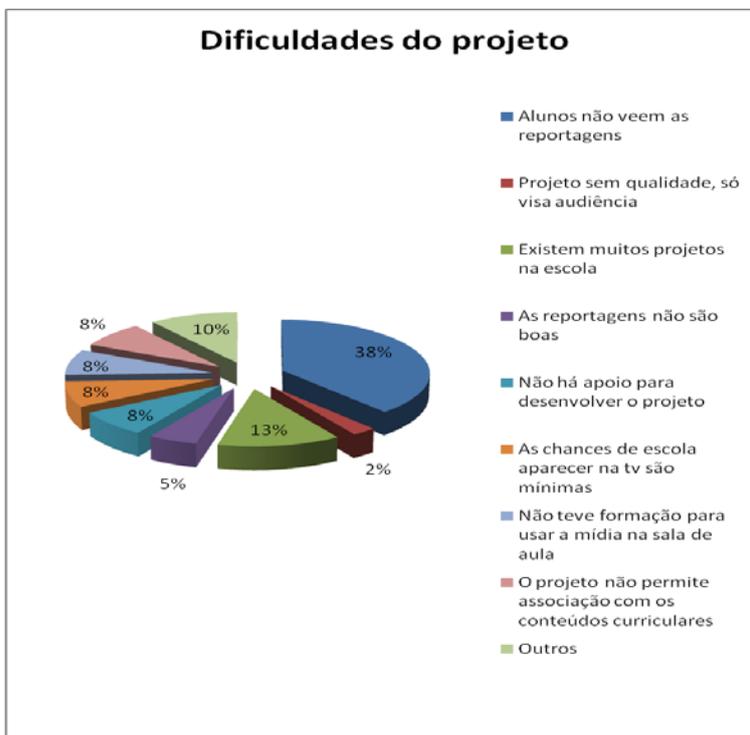


GRÁFICO 22 – BENEFÍCIOS DO PROJETO  
 FONTE: a autora (2011)

Vê-se que os benefícios estão bem distribuídos em termos de percentuais, mostrando apenas uma pequena vantagem sobre a escola aparecer na televisão e o projeto permitir análise crítica e reflexiva sobre os conteúdos da TV. Vê-se também, que apesar de ser uma prática muito valorizada pelos professores, a análise crítica não liderou o ranking das atividades mais desenvolvidas a partir do projeto.

Quanto às dificuldades, o que se percebe é que uma das alternativas – que os alunos não assistem as reportagens e o trabalho se inviabiliza – teve bastante vantagem em relação às demais, ficando com 38% da fatia do bolo. Na sequência, com apenas 13% está o número de projetos da escola, juntamente com a falta de tempo para desenvolver o projeto. Além disso, 7% dos respondentes demonstram uma insatisfação com o projeto, seja pela qualidade das reportagens, ou porque em suas opiniões, o projeto só visa audiência.

O encerramento dos resultados dos questionários foi feito com a análise e explicitação dos comentários que faziam parte da questão aberta. Essa questão pedia que os professores deixassem suas considerações, críticas ou elogios ao projeto. Dos 32 questionários, 12 tinham comentários que estão descritos na íntegra no Apêndice B. Apenas a escola Altair Ferrais da Silva não enviou nenhum comentário sobre o projeto. A seguir será apresentada apenas uma análise geral de todos os comentários feitos pelos professores na questão aberta do questionário.

A grande maioria dos professores avalia o Televisando o Futuro como sendo um projeto importante e de boa qualidade. Os comentários trazem alguns elogios à equipe gestora do projeto, ressaltam os resultados obtidos, a saída da rotina por parte de professores e alunos, a importância de ir além dos conteúdos da sala de aula, o estímulo que o projeto dá para a aprendizagem e a riqueza das novas oportunidades e metodologias diferenciadas.

Por outro lado, muitos apontaram como dificuldade a falta de tempo tanto para assistir as reportagens, quanto para realizar atividades do projeto em sala de aula. Um dos comentários afirma que apesar de trazer temas importantes para a escola, o projeto nada mais é do que uma jogada de marketing dos realizadores, e que visa obter maiores índices de audiência para a RPC TV.

A partir dos resultados do questionário e seus comentários, conclui-se que os professores não só aceitam, mas reconhecem a importância de aproximar as áreas de educação e comunicação. Se não o fazem, ou fazem de forma limitada, é por desconhecimento das possíveis abordagens, falta de tempo, de apoio ou de

recursos. Também fica evidente a satisfação dos professores em relação ao projeto, assim como a preocupação de conciliá-lo com a rotina da sala de aula, aproveitando para explorar os conteúdos curriculares que estão de acordo com a temática das reportagens. Dificuldades como a falta de tempo dos professores e desconfianças sobre as reais intenções dos realizadores do projeto, também são importantes nesta análise.

Mais considerações comparando os resultados do questionário, das entrevistas e da análise de documentos do projeto, serão feitas no último capítulo desta pesquisa.

## **5.2 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Neste sub-capítulo são apresentadas as análises dos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com cinco professores que participaram do projeto *Televisando o Futuro em 2011*, ou em anos anteriores e que responderam ao questionário. As cinco entrevistas em cada uma das escolas das cinco regiões que representam o município tiveram em média 40 minutos e estavam divididas em 4 blocos para atender aos quatro objetivos da pesquisa.

A descrição mais completa das entrevistas consta no Apêndice C da pesquisa, dessa forma, a descrição abaixo refere-se aos dados mais importantes relatados pelos professores e que foram mais decisivos para as conclusões da pesquisadora e para a relação com os objetivos propostos na pesquisa.

Como já citado no item 3.4, as entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado, mas todos os professores responderam às mesmas perguntas. Todos os professores também assinaram termos de consentimento livre e esclarecido para que a pesquisadora pudesse divulgar os dados coletados durante as entrevistas.

Antes de começar as perguntas, a pesquisadora exibiu uma reportagem sobre meio ambiente veiculada pelo projeto no município de Cascavel, portanto, inédita para os professores de Foz do Iguaçu. Como não foi possível acompanhar o trabalho dos professores na escola, pois as reportagens eram assistidas em suas casas, a ideia de trazer uma reportagem nova com a mesma temática: meio ambiente, foi a de criar uma simulação do projeto acontecendo na escola e evitar que os professores tivessem “respostas prontas” para a primeira questão.

As análises que serão apresentadas a seguir estão divididas em quatro blocos relativos aos quatro principais objetivos da pesquisa.

**Bloco 1 – Questões 1 a 8 do roteiro de entrevistas – Objetivo 1:  
Verificar como os professores da rede Municipal de Foz do Iguaçu desenvolvem o projeto Televisando o Futuro na escola**

O que se percebe a partir dos dados coletados nas entrevistas é que os professores ainda trabalham o projeto Televisando o Futuro numa perspectiva acentuadamente didática e conteudista. Esse dado é comprovado pela unanimidade nas respostas à questão 1, que perguntava como o professor levaria a reportagem que assitiu para trabalhar em sala de aula. Todas as respostas permearam os conteúdos curriculares sobre biodiversidade, meio ambiente, solo, animais, reaproveitamento de resíduos sólidos. Nenhum professor citou a análise crítica da programação, da edição, dos conteúdos e linguagem da televisão ou a expressão de opinião dos alunos por meio de produções próprias.

A maior parte dos professores afirmou que o Televisando o Futuro aconteceu como uma atividade complementar àquelas que a escola já vinha desenvolvendo sobre meio ambiente, e, também, que os alunos gostam muito de participar do projeto. Uma das respondentes fez um comentário interessante sobre o fato de as crianças gostarem de assistir às reportagens do Televisando o Futuro, devido ao fato de terem como protagonistas, crianças de outras escolas. Também foram apontados o envolvimento dos familiares e o aprendizado dos alunos para a vida. As entrevistadas afirmam que os alunos gostam do projeto e que sempre querem participar, pois têm a expectativa de aparecerem na televisão ou de serem premiados no concurso cultural.

Ao serem questionados sobre o seu papel enquanto docentes, os professores em geral reconheceram a importância de sua função. Os destaques do papel do professor, segundo os entrevistados, ficaram com a formação de opinião, diálogo e intercâmbio entre a comunicação e educação.

Já no que se refere à opinião dos professores sobre a iniciativa e o papel da emissora de televisão, as respostas enfatizaram que é importante mostrar a escola sob um ângulo mais positivo, é importante mostrar para a comunidade o que a escola faz de bom. Também tiveram comentários sobre a relevância dos temas

abordados pelo projeto e sobre a motivação que as reportagens trazem para que professores e alunose sejam mais atuantes em seu contexto social.

A sexta questão que perguntava se a escola já havia aparecido na televisão ao longo do projeto, deixou claro que as escolas que apareceram, ou seja, que tiveram uma maior atenção da emissora local, estavam mais envolvidas e empolgadas com o projeto devido à repercussão provocada pela exposição, enquanto as que não apareceram, lamentaram.

No que diz respeito à participação das escolas, o item que mais apareceu nas respostas foi a premiação do concurso cultural, apesar de duas escolas terem citado a cidadania e o desenvolvimento dos alunos.

Nesse sentido, conclui-se que os professores desenvolvem o Televisando o Futuro na escola prioritariamente trabalhando os conteúdos curriculares e dando ênfase ao concurso cultural promovido pelo projeto. A hipótese levantada na introdução desta pesquisa de que a mídia ainda era pouco explorada frente as suas possibilidades, se confirmou, assim como a certeza de que ainda há um campo enorme a ser explorado de possíveis ações que aproximem as áreas de comunicação e educação de forma produtiva e emancipadora.

**Bloco 2 – Questões 9 a 13 do roteiro de entrevistas - Objetivo 2:**

**Verificar se as atividades realizadas pelos professores a partir do projeto têm relação com a educomunicação.**

As questões desse bloco pretendem verificar a relação das atividades feitas nas escolas com a educomunicação na abordagem de Soares (2011) e Citelli (2011). É tentador afirmar logo nas primeiras linhas, que a educomunicação realmente não acontece nas escolas, mas essa afirmação vai depender da ótica sob a qual é analisada.

Explicando melhor, se levarmos em conta que a educomunicação não acontece espontaneamente, e sim intencionalmente, e que é preciso primeiramente garantir que os professores conheçam mais sobre ela e sobre as suas possíveis abordagens, pois só assim poderão construir um ambiente dialógico, mais propício à comunicação de forma horizontal e ao envolvimento de toda a escola, a conclusão é de que não, a educomunicação não aconteceu nas escolas pesquisadas.

Se for levado em conta o fato de que o trabalho que os professores se sentem mais seguros para realizar com a mídia é o didático, e ainda, o desconhecimento dos mesmos sobre o conceito educomunicação, diríamos que não, a educomunicação não aconteceu nas escolas pesquisadas.

Mas se o olhar estiver voltado para a unanimidade de professores que aprova os projetos que aproximam as áreas de educação e comunicação, para a facilidade de acesso a equipamentos audiovisuais e recursos disponíveis nas escolas, ou ainda para algumas iniciativas isoladas que foram abordadas nas entrevistas, como jornal da escola, gravação de vídeo sobre eleições, varal de notícias com opiniões dos alunos, e expressão por meio da arte, da música e do teatro, a resposta é sim. Existe uma fagulha de educomunicação acesa nas escolas. Essa fagulha possui elementos que favorecem o início de uma enorme labareda.

A proposta desse objetivo nunca foi a de uma mera constatação, de obter um sim ou não para a educomunicação nas escolas. Ela pretendeu vislumbrar caminhos possíveis de se trabalhar o diálogo, a expressão, a comunicação horizontal, a formação de opinião, a compreensão da mídia, entre outros aspectos que não cabem só à escola, mas também a ela.

O que se percebe é que o trabalho com a didatização dos meios de comunicação, constatado por meio das entrevistas e questionários, pode ser a porta de entrada para um trabalho educacional em sua plenitude.

**Bloco 3 – Questões 14 a 19 do roteiro de entrevistas - Objetivo 3:**

**Verificar quem são esses professores que inserem os meios de comunicação na escola, suas relações com a TV e opiniões sobre o projeto.**

Os professores pesquisados são docentes de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em grande maioria pedagogos, que assistem televisão quase que diariamente, porém por poucas horas (média 1 hora e meia). Eles gostam de dançar, passear, assistir um bom filme, ler e ficar com seus familiares. Em geral esses professores são jovens, porém experientes, e estão abertos à presença das novas tecnologias da informação e comunicação na escola.

Um dado que se destacou no percurso de traçar o perfil dos professores, foi a opinião dos mesmos sobre a programação da televisão aberta. Todos os respondentes tiveram restrições em relação à programação, e comentários como:

“não deixaria meus filhos assistirem TV”; “fui obrigada a colocar uma TV por assinatura”; ou “o Programa do Ratinho, por exemplo, é uma vergonha”, confirmam a insatisfação dos docentes em relação aos conteúdos da televisão.

Esses professores também têm em comum a “simpatia”, se é que se pode dizer assim, pelo Televisando o Futuro, pois todos disseram que recomendariam o projeto para outros professores e outras escolas que ainda não estivessem participando. As coisas boas do projeto são ressaltadas em comentários como: “é preciso fazer com que as crianças sejam menos robôs”, “o projeto proporcionou mudanças positivas”, “ele veio somar com o nosso trabalho”, “não é um projeto que a gente faz por fazer” demonstram que as opiniões são positivas.

Já no que se refere às dificuldades que os professores encontram para desenvolver o projeto - que encerram as questões do terceiro objetivo - as respostas foram variadas. Foram levantadas desde questões financeiras e falta de recursos materiais, até a ausência da emissora de televisão e o fato de os alunos nem sempre assistirem às reportagens. Algumas sugestões de melhoria foram apresentadas, como por exemplo: ter mais visitas da emissora de televisão às escolas; um acompanhamento mais de perto por parte dos realizadores; uma maior mobilização da comunidade, para que a responsabilidade de ensinar a cidadania não recaia só sobre a escola; o aumento do número de reportagens a serem exibidas pelo projeto e que a linguagem usada nas matérias sejam mais acessíveis aos estudantes.

**Bloco 4 – Questões 20 a 25 do roteiro de entrevistas - Objetivo 4:**

**Quais são as influências da televisão na cultura da escola? E os pontos positivos e negativos do projeto Televisando o Futuro nesse contexto?**

O quarto e último objetivo pretende verificar como a televisão está presente na escola e como influencia sua cultura. Os pontos positivos e negativos do projeto, também são apontados na análise feita a seguir.

Todos os entrevistados disseram que é normal existirem comentários e discussões, tanto de alunos quanto de professores, sobre assuntos da mídia no ambiente escolar. Novela, jornal e violência são os assuntos que ocupam lugares de destaque no *ranking* dos mais comentados. Uma entrevista chamou a atenção, pois a professora afirmou discutir assuntos da mídia diariamente com seus alunos em

uma roda de conversa logo no começo da aula. Ela conta que no início da atividade, quando os comentários se tornaram parte da aula e foram “formalizados”, era difícil alguém querer falar, mas que com o passar do tempo, os alunos foram se soltando cada vez mais. Essa mesma entrevistada afirmou que restringe comentários a certos assuntos, como por exemplo, mortes e violências extremas. E esse desconforto não é somente dela, pois outras entrevistadas disseram que não se sentem confortáveis em falar sobre assuntos polêmicos ou de difícil abordagem com crianças, como a homossexualidade, desigualdade social, famílias desestruturadas, riquezas mostradas nas novelas, entre outros.

Realmente os meios de comunicação invadem a escola sem pedir licença e geram comentários em alguns momentos inoportunos. Mais de uma professora reclamou de ter que chamar os alunos para a realidade, pois eles tendem a comentar demais o que veem na televisão. Em nenhum momento foi citado por nenhum dos entrevistados, que os alunos são alertados sobre o fato de a televisão não exibir a verdade, mas uma versão editada dos acontecimentos.

Um outro ponto que merece destaque é o da participação no Televisando o Futuro. Os professores comentam que existem diferenças entre os alunos que participaram do projeto e os que não, e dizem que essas diferenças vão desde um maior domínio sobre o tema e maior aproximação com a televisão, até melhorias na autoestima e autonomia dos alunos, e pequenas mudanças de comportamento. Apenas uma entrevistada não percebeu nenhuma mudança na escola.

Os alunos das pessoas entrevistadas foram descritos como sendo ativos, interessados, curiosos, “antenados”, carentes no aspecto socioeconômico, mas que apesar disso, possuem acesso aos meios de comunicação e navegam pela internet em suas casas e até pelo aparelho de celular. Uma professora disse até se preocupar com a falta de atividade física das crianças, pois saem da frente da televisão para a frente do computador.

Em relação às dificuldades para realizar o projeto e as sugestões para melhoria, os entrevistados apontam a falta de tempo, a prioridade ao ensino dos conteúdos e o fato de os alunos não assistirem as matérias em casa, como os principais obstáculos. Sugerem que tenham mais reportagens ao longo do ano, que emissora tente envolver mais a comunidade e que esteja mais presente nas escolas e pedem que o trabalho da emissora continue, tanto para motivar as escolas e

outras emissoras, quanto para que a educação seja mostrada à sociedade de forma mais positiva.

A conclusão desse objetivo é que a escola e sua cultura sofrem a influência dos meios de comunicação, em especial da televisão, queira ela ou não, e que os professores ainda não se sentem preparados para debater certos assuntos. Nesse sentido, a proposta inovadora de levar a televisão para a sala de aula, apesar de ainda não ser uma prática comum e que por isso as vezes assusta, pode ser o ponto de partida para que a referida influência seja cada dia mais positiva.

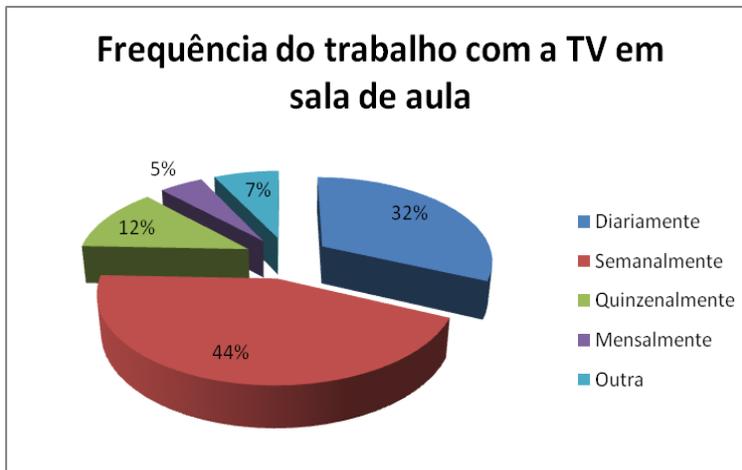
### **5.3 RESULTADOS DA ANÁLISE DOCUMENTAL**

Desde o início a pesquisadora tinha como objetivo inserir na pesquisa os dados estatísticos de questionários enviados às escolas pelos coordenadores do projeto e dados dos relatos de professores enviados para o Concurso Cultural. Infelizmente os dados não são tão ricos como o esperado, pois no caso da primeira fonte de coleta, o município de Foz do Iguaçu não respondeu aos questionários enviados pela coordenação do projeto a tempo de serem considerados nesta pesquisa, e no caso da segunda fonte, a participação dos professores de Foz do Iguaçu no Concurso foi muito pequena. Apenas três escolas enviaram trabalhos e nenhuma delas está entre as pesquisadas.

Diante desse cenário desfavorável para a terceira fonte de coleta de dados que é a análise documental, optou-se por apresentar os dados estatísticos obtidos com os municípios vizinhos a Foz do Iguaçu – Pato Branco e Medianeira, atendidos pela mesma emissora e pelo mesmo projeto - até como um dado mais abrangente a ser comparado com os dados coletados pela pesquisadora. Optou-se também por descrever a experiência da pesquisadora, que durante os quatro anos de existência do projeto, foi membro das bancas de avaliação dos trabalhos de professores enviados para o Concurso Cultural Televisando o Futuro.

De todos os documentos analisados (compilação de relatórios das escolas da região de Foz do Iguaçu, e trabalhos enviados para o concurso), muitos resultados coincidem com os observados pela pesquisadora, principalmente os relacionados ao perfil dos professores (já apresentados nos questionários e nas respostas entrevistas), à relação que têm com a TV e forma com que trabalham na escola.

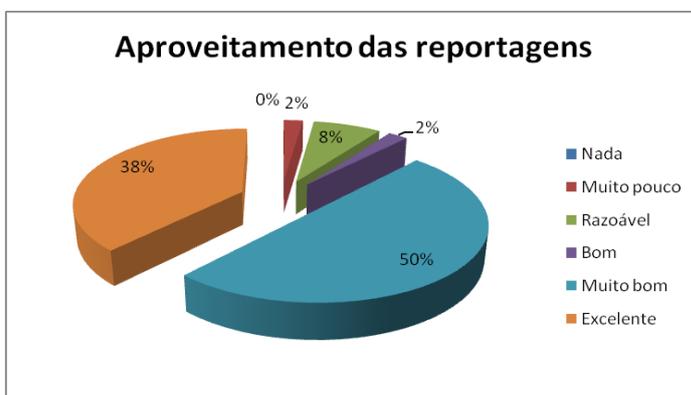
Optou-se por apresentar a seguir, apenas os itens que trouxeram novas informações, que tiveram divergências com os dados já constatados pela pesquisadora e que ajudem na conclusão e interpretação dos dados como um todo.



**GRÁFICO 23 – FREQUÊNCIA DO TRABALHO COM TV EM SALA DE AULA**

Fonte: Relatório Anual Televisando o Futuro (2011)

O gráfico acima mostra que a frequência com que os professores levam a TV para dentro da sala de aula superam as expectativas. A frequência de 77% de professores discutindo a TV semanalmente ou diariamente está muito acima das expectativas da pesquisadora, que acreditava ser quase que impossível que os professores trabalhassem diariamente conteúdos da televisão em sala de aula. Os índices de 32% para trabalho diário e de 44% de trabalho semanal merecem uma maior investigação, pois podem retratar uma realidade um tanto distorcida, se comparada aos resultados obtidos com a análise das entrevistas e questionários.



**GRÁFICO 24 – APROVEITAMENTO DAS REPORTAGENS**

Fonte: Relatório Anual Televisando o Futuro (2011)

Os 88% de aproveitamento muito bom ou excelente, mostram que a maioria dos professores está satisfeita com os conteúdos das reportagens e que conseguem aproveitá-los para a sala de aula. Esse dado coincide com o coletado na questão 19 do roteiro de entrevistas, que mostra que todos eles recomendariam o projeto para outras escolas e professores que ainda não participam.

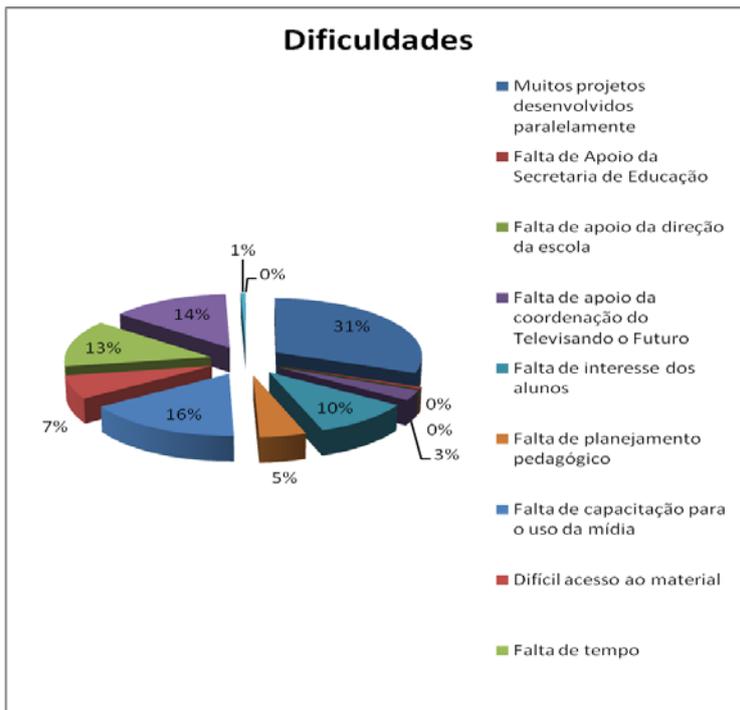


GRÁFICO 25 – DIFICULDADES PARA DESENVOLVER O PROJETO

Fonte: Relatório Anual Televisando o Futuro (2011)

Já no quesito dificuldades para executar o projeto, os resultados também foram um pouco diferentes do que os apontados nas entrevistas e questionários aplicados pela pesquisadora. Os professores apontam como maior problema, o fato de a escola desenvolver muitos projetos paralelamente. Esse dado vem seguido da falta de interesse dos alunos e da falta de apoio da coordenação do projeto.

Com a participação nas bancas de avaliação do Concurso Cultural promovido anualmente pelo projeto, a pesquisadora concluiu que os relatos enviados pelos professores, não só de Foz do Iguaçu que foi o município pesquisado, mas de todas as outras regiões em que o projeto está presente, ainda privilegiam o trabalho que associe os conteúdos curriculares com os conteúdos das reportagens. Os relatos de educação para a mídia e de expressão dos alunos são praticamente escassos ou

inexistentes. Muitos trabalhos até relatam o envolvimento da comunidade e melhora no diálogo entre professores e alunos sobre o que veicula nos meios de comunicação, mas de forma geral pode-se afirmar que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que a educomunicação faça parte do dia a dia das escolas.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa procurou analisar a proximidade da comunicação e da educação por meio do projeto Televisando o Futuro. De que forma a televisão era abordada no contexto educacional, se interferia na cultura da escola, quem eram e o que o que faziam os professores, suas opiniões acerca do projeto e a presença da educomunicação nesse contexto, foram as questões norteadoras de todo o estudo.

Esse caminho levou em conta o público pesquisado, o perfil dos envolvidos, e considerou a influência da televisão no universo escolhido para a pesquisa. Partiu-se do pressuposto que as escolas não exploravam o potencial da mídia no ambiente escolar por diversos fatores, mas principalmente pelo desconhecimento de suas possíveis abordagens.

Com a análise dos dados coletados, o que se verifica é que os professores não só percebem a importância de estarem mais próximos da comunicação, como fazem suas tentativas, a fim de formar alunos mais críticos, participativos, que conheçam a realidade em que vivem e nela possam interferir enquanto cidadãos em pleno exercício. Eles admitem que os alunos obtêm informações e aprendem muito com a televisão.

É óbvio que vários aspectos negativos da televisão foram constatados na pesquisa, como por exemplo, a qualidade, ou melhor, a falta de qualidade da programação da TV aberta, mas não se pode negar o fato de ser um veículo acessível e um dos principais meios de propagar informação e formar opiniões.

A dúvida sobre a rejeição ou aceitação por parte dos docentes à presença da mídia na escola, foi absolutamente surpreendente. A pesquisadora não esperava que a rejeição fosse tão grande, mas também não esperava que aceitação fosse grande. Afinal, foram 66 % dos docentes dizendo que a influência da televisão na escola era positiva e 100% dos professores afirmando que a mídia deve sim ser levada para o ambiente escolar. Isso confirma que o discurso crítico em relação aos meios de comunicação ao qual a pesquisadora se referiu na abordagem teórica, não se confirmou, e pelo menos nas escolas de Foz do Iguaçu, já não prevalece.

Um conflito entre o pensar e o agir dos educadores também foi observado na pesquisa. Os dados do questionário apontam que os professores acham importante introduzir a mídia no ambiente escolar numa perspectiva mais crítica e analítica, mas o que se observou a partir da análise documental, das entrevistas e até de outros

itens do questionário, é que a cultura escolar e a acomodação didática e sistematizada dos conteúdos programáticos (FORQUIN, 1993) ainda imperam nas escolas e na forma de agir dos docentes. Apesar de reconhecerem a importância de sua atuação para uma abordagem mais crítica da mídia na escola, as atividades realizadas que priorizam a abordagem de conteúdos, não privilegiam em meu ponto de vista, a formação de opinião, a criticidade, ou a expressão dos alunos.

Os professores têm consciência de que são fundamentais para o projeto e também de seu papel enquanto mediadores, porém dão a percepção de que ainda se sentem inseguros para abordar a mídia e seus conteúdos em sala de aula. Parece haver um entendimento de que a mídia deveria exibir apenas coisas educativas e culturais, e não de que é uma empresa, que depende de anunciantes para se manter no ar e que está, como todas as outras, batalhando pela audiência.

O concurso cultural - que a princípio seria apenas mais uma das atividades do projeto - ganhou evidência tanto nas entrevistas, quanto nos questionários. Esse fato causa a impressão que a adesão ao projeto, está de certa forma vinculada a uma possível premiação.

No que se refere à educomunicação, as ações que podem ser consideradas educacionais ainda são minoria e não estão sistematizadas como algo que faz parte da rotina da escola, ou seja, ainda não fazem parte da cultura escolar e nem da cultura das escolas pesquisadas. Algumas práticas relatadas nas entrevistas e que podem ser consideradas são o jornal varal, a expressão por meio das artes, a discussão sobre o que acontece antes e depois de uma notícia ser exibida na televisão, uma espécie de grêmio estudantil e a própria participação dos alunos como protagonistas das reportagens exibidas. Talvez isso se deva ao pensamento de alguns professores de que as crianças por serem pequenas ainda não têm muito a dizer. Várias vezes durante a realização das entrevistas os professores disseram que a formação de opinião é mais trabalhada com os alunos maiores, de 4º ano para cima.

A partir disso chegou-se à conclusão de que a educomunicação até foi percebida, mas de maneira ainda muito tímida, muito discreta, espontânea e inconsciente, não de forma planejada. Se a análise considerar as dimensões propostas por SOARES (2010) que são gestão escolar, âmbito disciplinar e âmbito transdisciplinar, pode-se dizer que:

No âmbito da *gestão escolar*, pelo que foi analisado nos projetos políticos pedagógicos e observado nas escolas, há indícios de que a escola começa a se preocupar com isso, e está aberta à inserção das tecnologias, mas que ainda não avalia as práticas comunicativas em seu ambiente e não norteia suas ações a partir desse diagnóstico.

No âmbito *disciplinar*, vê-se que a televisão em nenhum momento foi trabalhada em suas características, linguagens e facetas, e que muito menos faz parte das prioridades curriculares nas escolas.

O âmbito *transdisciplinar* foi o único percebido na pesquisa. Na opinião da pesquisadora é o que tem mais chances de progredir nas escolas, e na prática foi representado pelo jornal mural, pelo envolvimento da comunidade, pela análise e discussão das reportagens e pela expressão através da arte.

Sobre o Televisando o Futuro verificou-se que há uma aprovação significativa por parte dos pesquisados, visto que 97% dos docentes atribuíram conceito bom ou excelente ao projeto. Se forem analisados os objetivos do projeto, que são: colocar a força da comunicação a serviço da comunidade escolar; promover a reflexão sobre temas educacionais e sociais relevantes no ambiente escolar, incentivar a expressão de alunos professores por meio de concurso de cultural e aproximar as áreas da educação e da comunicação explorando o potencial pedagógico da TV, pode-se perceber que tais objetivos são parcialmente cumpridos. Parcialmente, porque apesar de todos eles estarem presentes nas escolas, são abordados de forma limitada, predominantemente didática e superficial.

A formação de professores a qual a pesquisadora teve acesso, mostra diversas oportunidades de abordagem da televisão no ambiente escolar, que se fossem conhecidas e colocadas em prática pelos professores, certamente atenderiam aos requisitos de uma proposta educ comunicativa e mais emancipatória do ponto de vista educacional..

Ainda sobre o projeto, as possibilidades de melhoria são muitas, tanto as que foram apresentadas na pesquisa e sugeridas pelos professores nas questões abertas do questionário e nas entrevistas, quanto as que a pesquisadora percebeu e repassará aos envolvidos. São ideias para a emissora de televisão, para a equipe de jornalismo, para a coordenação do projeto e para as Secretarias de Educação e escolas participantes, a fim de que superem os obstáculos apresentados na

pesquisa e de que ampliem o diálogo entre os meios de comunicação e a educação, de forma a favorecer a prática da educomunicação.

Já não há mais dúvida de que a televisão impacta e muito a cultura da escola, pois os assuntos da mídia são comentados pelos corredores, na hora dos intervalos e até durante as aulas quando não se tinha qualquer intenção de discuti-los. Institucionalizar aquilo que já acontece nas escolas como sugere SOARES (2010), sem dúvidas traria contribuições à educação. Não coube nesta pesquisa a análise sobre o que é mais importante: a permanência do currículo atual, ou a inserção de temas latentes na sociedade, mas (FERRÉS, 1996) tinha razão quando há quase uma década afirmou que apesar de a televisão ser um fenômeno cultural e fazer parte do dia a dia da população em geral, é a prática para a qual as pessoas estão menos preparadas.

Diante desse cenário, a escola que pretende exercer seu papel educativo, construir valores sociais e estreitar as relações entre a mídia e a educação, pode aproveitar os discursos da mídia para exercer seu papel mediador e formador de pontos de vista mais críticos em relação aos acontecimentos locais, regionais, nacionais e até mundiais. É importante ainda, que a escola faça os alunos se perceberem como criadores e não apenas como receptores de informação.

Como citado no capítulo introdutório, a pesquisadora continua acreditando que utilizar a televisão na escola na perspectiva da educomunicação, pode contribuir para a formação de receptores mais críticos e autônomos frente aos conteúdos veiculados pela televisão, exercendo, portanto, influências positivas tanto no ambiente escolar, quanto fora dele.

Sabe-se que ainda há um caminho a ser percorrido para que os meios de comunicação não sejam usados apenas nas dimensões didática e instrumental, mas as iniciativas começaram a se multiplicar e a tendência é de que a partir dessa multiplicação também aconteça uma evolução. A didatização dos conteúdos nesse sentido, pode ser considerada uma aposta positiva, visto que pode ser a porta de entrada para uma maior familiarização da comunidade escolar com a mídia, e que esta prática pode evoluir para ações mais significativas e emancipadoras.

Por esse tema ser bastante complexo, as questões apresentadas não se esgotaram nem foram decisivas, deixando espaço para que outras questões sejam esclarecidas e um vasto campo de investigação seja explorado.

Inserir a televisão ou qualquer outra mídia na escola é uma escolha, e essa escolha vem acompanhada de uma série de desafios. É com base nesses desafios e na atualidade do tema, que sugere-se dar continuidade e aprofundamento à presente pesquisa. O impacto da televisão na aprendizagem dos alunos, a formação de professores educadores, a presença da mídia no currículo formal e os programas que levam a televisão para o ambiente escolar, são algumas das possibilidades futuras de estudo.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Relevância e Aplicabilidade da pesquisa em educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 39-50, jul.2001.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. In: **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 51-64, jul.2001.

BACEGGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Editores Associados, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? In: **Educação e Sociedade**. V.19, n.65. Campinas, 1998.

BRAGA, José Luiz, CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo, Hacker, 2001.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BUCCI, Eugenio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. In: **Educ. Soc.**, Abr 2006, vol.27. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>.> Acesso em: 23 Set. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, NÉSTOR GARCIA. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e Educação. A linguagem em Movimento**. 3ª Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

CITELLI, Adilson Odair, COSTA, Maria Cristina Castilho (organizadores). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

COGO, Denise Maria. **Televisão, escola e juventude**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

DALPÍCOLO, Sandro. **Uma nova luz na sala: Histórias da TV paranaense**. Curitiba: Autores Paranaenses, 2010.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **A História da Televisão no Paraná: um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino. **Diálogos e Perspectivas de investigação**. Ijuí: Unijuí, 2008, p.95-119.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **Teoria da Comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria**. Curitiba, Editora UFPR, 2006.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. In: **Revista**

**Brasileira de Educação.** mai/jun/jul/ago, set/out/nov/dez, n. 5 e 6, 1997, p. 222-231  
Disponível em:  
<[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_19\\_ANGELINA\\_E\\_MARILIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_19_ANGELINA_E_MARILIA.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2011.

ESCOLA MUNICIPAL CORA CORALINA. **Projeto Político Pedagógico.** Foz do Iguaçu, 2010.

ESCOLA MUNICIPAL ALTAIR FERRAIS DA SILVA “ZIZO”. **Projeto Político Pedagógico.** Foz do Iguaçu, 2009.

ESCOLA MUNICIPAL FREDERICO ENGEL. **Projeto Político Pedagógico.** Foz do Iguaçu, 2009

ESCOLA MUNICIPAL JARDIM NAUPI. **Projeto Político Pedagógico.** Foz do Iguaçu, 2009.

ESCOLA MUNICIPAL JOÃO ADÃO DA SILVA. **Proposta Político-Pedagógica.** Foz do Iguaçu, 2011.

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fruir e Pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura : as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre, RS : Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre Educação, volume 2: diálogos**. São Paulo: Paz e Terra, 2003

GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola: discursos em confronto**. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO ETHOS – **Pesquisa Qualitativa Aplicada sobre o perfil do telespectador de Foz do Iguaçu**. 2010.

INSTITUTO GRPCOM – **Relatório de Sustentabilidade**. Disponível em: <<http://www.institutogrpcom.org.br/relatorio-de-sustentabilidade>>. Acesso em 15 jun.2011.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** Disponível em < <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>>. Acesso em 5 jun.2011

LESSARD-HÉRBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: Fundamentos e Práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de, MELO, José Marques de, MOREIRA, Sônia Virgínia, BRAGANÇA, Anpibal (orgs.). **Pensamento Comunicacional Brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUSA, Mauro Wilton de (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995: 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, German. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: editora Senac, 2001.

MAZÂNEK, Renato. **Ao vivo e sem cores: O nascimento da Televisão no Paraná**. Curitiba: Guiatur, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – **Mídias na Educação**. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681&id=12333&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681&id=12333&option=com_content&view=article)>. Acesso em 21 Fev. 2011

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – **Mais Educação**. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=586&id=12372&option=com_content&view=article)>. Acesso em 6 Fev. 2012

MICROFONE – **A história da televisão brasileira**. Disponível em <<http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm>>. Acesso em 22 Fev. 2012.

MORÁN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

ORÓZCO-GOMEZ, Guillermo. Mediaciones familiares y escolares em La recepción televisiva de los niños. In: **INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo: ano XIV, nº 64, pág. 8-19, jan/jun. 1991.

\_\_\_\_\_. **La Investigación em Comunicación desde la perspectiva cualitativa.** Seminário de pós-graduação: Metodologias Cualitativas de Investigación. Universidad Nacional de La Plata: Novembro, 1995.

PAULINO, Roseli A. Fígaro. **Comunicação e Trabalho: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação.** São Paulo: A. Garibaldi, 2001.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e Escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortes, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Dados Socioeconômicos.** Disponível em < <http://www.pmfi.pr.gov.br/portal2/home/> >. Acesso em 02 Fev. 2011.  
RPC TV – **Projeto Televisando o Futuro.** Disponível em: <<http://www.rpctv.com.br/televisando>>. Acesso em 26 Mar. 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Comunicação/Educação:** A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: Contrato. Brasília, ano 1, n.2, jan/mar 1999, p. 19-74.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas.** Rio de Janeiro, FGV, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Teses dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos.** Curitiba, Editora UFPR, 2007.

VIZEU, A.E.P.; MOTA, C.; PORCELLO, F.A.C.(orgs). **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis: Insular, 2006.

## APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORES.....

APÊNDICE B – COMENTÁRIOS DOS QUESTIONÁRIOS.....

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....

APÊNDICE D – RESUMO DAS ENTREVISTAS.....

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM PROFESSORES



Universidade Federal do Paraná  
Setor de Educação  
Mestrado em Educação – Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino

Caro(a) Professora(a),

Ao responder este questionário você estará contribuindo com uma pesquisa do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, realizada em forma de dissertação/estudo de recepção por uma aluna do Curso de Mestrado em Educação da linha de Cultura, Escola e Ensino. Sua participação e sinceridade nas respostas ajudarão a retratar a realidade sobre o projeto Televisando o Futuro, mais especificamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O questionário está dividido em dois blocos, sendo o primeiro sobre o perfil do professor e o segundo sobre a inserção da televisão no ambiente escolar. As informações coletadas no questionário são confidenciais.

### BLOCO 1 - PERFIL DO PROFESSOR

Escola: \_\_\_\_\_

**1 – Você está participando ou já participou do projeto Televisando o Futuro?**

( ) Sim ( ) Não

**2 – Qual a sua formação para atuar como professor(a)**

( ) Magistério

( ) Graduação

( ) Pós-Graduação

( ) Outros. Favor especificar \_\_\_\_\_

**3 – Há quanto tempo trabalha como professor(a) nas séries iniciais deste município?**

( ) Até 5 anos ( ) De 5 a 10 anos

( ) De 10 a 20 anos ( ) Mais de 20 anos

**4 – Sua idade está entre:**

( ) 18 e 25 anos ( ) 26 e 35 anos

( ) 36 a 45 anos ( ) 45 ou mais

**5 – Em que turma leciona atualmente?**

- 1º ano do Ensino de 9 anos  
 2º ano do Ensino de 9 anos ou 1ª série do ensino de 8 anos  
 3º ano Ensino de 9 anos ou 2ª série do ensino de 8 anos  
 4º ano Ensino de 9 anos ou 3ª série do ensino de 8 anos  
 5º ano Ensino de 9 anos ou 4ª série do ensino de 8 anos

**6 – Sua formação – graduação, pós, ou formação continuada - contemplou alguma abordagem sobre o uso das mídias em sala de aula?**

- Sim  Não

**7 – Você tem acesso a equipamentos audiovisuais?**

- Sim  Não

**8 – Se você respondeu sim à questão anterior, favor marcar x nas opções às quais têm acesso.**

- TV  Câmera de vídeo  Gravador  
 Rádio  DVD/Vídeo cassete  Celular com acessórios audiovisuais

**9 – Se você respondeu sim à questão 7, onde mais acessa esses equipamentos?**

- Em casa  Na escola  
 Em outros ambientes. Favor especificar: \_\_\_\_\_

**10 – Você assiste televisão?**

- Sim  Não

**11 – Com que frequência?**

- Diariamente  De 1 a 3 dias da semana  
 De 4 a 6 dias da semana  Muito pouco, menos que uma vez por semana

**12 – Marque X na opção que você mais assiste.**

- ( ) TVs Educativas (É TV, Futura, etc.)      ( ) SBT  
 ( ) Globo      ( ) Record  
 ( ) Bandeirantes      ( ) Canais de TV por assinatura  
 ( ) Outros (favor especificar) \_\_\_\_\_

**13 – Na sua opinião a TV exerce alguma influência sobre o cotidiano da escola?**

- ( ) Sim, mais positiva      ( ) Sim, mais negativa      ( ) Não exerce nenhuma influência

**14 – Marque um x nas opções que mais gosta de assistir na televisão.**

- ( ) Telejornais      ( ) Desenhos animados  
 ( ) Seriados      ( ) Documentários  
 ( ) Programas de entrevistas e reportagens      ( ) Novelas  
 ( ) Programas humorísticos      ( ) Programas educativos e culturais  
 ( ) Filmes      ( ) Documentários

**15 - Acredita que a escola deve levar as discussões da mídia para a sala de aula?**

- ( ) Sim      ( ) Não

**16 – Você sente necessidade de receber apoio de materiais ou cursos para trabalhar com a mídia em sala de aula?**

- ( ) Sim      ( ) Não

**BLOCO 2 – PROJETO TELEVISANDO O FUTURO****17 – Que conceito você atribui ao projeto Televisando o Futuro?**

- ( ) Ruim (não agrega nenhum valor à educação)  
 ( ) Regular (até agrega valor, mas precisa ser aprimorado)  
 ( ) Bom (agrega valor ao processo ensino-aprendizagem e à educação)  
 ( ) Excelente (oportunidade de discutir temáticas relevantes dentro e fora da sala de aula)

**18 – Participou de algum curso sobre televisão e educação ofertado pelo projeto?**

- Sim  Não

**19 – Sabe o que significa o conceito “Educomunicação”?**

- Sim  Não

**20 – Se respondeu sim à questão anterior, desenvolve práticas educacionais na escola?**

- Sim  Não

**21 – Que tipos de atividades realizou com os alunos em sala de aula a partir do projeto Televisando o Futuro? Marque x em todas as que realizou:**

- Produção de textos e ilustrações para o Concurso Cultural realizado pelo projeto
- Debates em sala de aula sobre os temas das reportagens exibidas pelo do projeto
- Trabalho com conteúdos curriculares, aproveitando as temáticas para ensinar as disciplinas e/ou relacioná-las aos temas transversais
- Análise crítica da programação da TV e/ou dos conteúdos das reportagens exibidas pelo projeto.
- História da televisão e seu papel na sociedade
- Produção de vídeos com os alunos para que os mesmos entendessem como a televisão funciona
- Outras. Quais? \_\_\_\_\_

**22 – Das alternativas indicadas abaixo, marque um X nos principais benefícios trazidos pelo projeto Televisando o Futuro.**

- As escola aparece na televisão de forma positiva, exibindo bons exemplos para a educação
- Os alunos podem assistir os programas em casa e debater os temas com seus familiares
- Enriquece as aulas e contribui para processo de ensino-aprendizagem
- Permite análise comparativa, crítica e reflexiva dos conteúdos exibidos pela televisão
- Oferece curso de capacitação de professores para o trabalho com a mídia na escola
- Relaciona os conteúdos escolares com a realidade dos alunos por meio das notícias
- O concurso cultural do projeto premia os melhores trabalhos



## **APÊNDICE B – COMENTÁRIOS DOS QUESTIONÁRIOS**

### **Comentário 1 – Escola João Adão da Silva**

“O projeto é de suma importância para o desenvolvimento e aprendizado, de forma, a inter-relacionar e a possibilitar que os alunos tenham oportunidades e metodologias diferenciadas. O problema é que ainda encontramos alunos desinteressados e a falta de tempo para organizar, elaborar e sistematizar com excelência todo o trabalho que gostaríamos de fazer, frisando que o clima chuvoso impediu visitas técnicas e outros...”

### **Comentário 2 – Escola João Adão da Silva**

“O projeto é muito bom, pena que não temos tempo suficiente para a preparação de aulas e material concreto para os alunos. Poderíamos organizar oficinas também para as crianças e envolver toda a comunidade”.

### **Comentário 3 – Escola Cora Coralina**

“ O projeto tem temas pertinentes que podem sim ser atrelados aos conteúdos. Falta um pouco de apoio e mais informação na área das mídias para que os professores possam ter mais segurança ao trabalhar esse projeto. Embora seja sim uma jogada de “marketing” para aumentar a audiência, os temas são realmente interessantes para debater com os alunos. O tempo também prejudica o andamento do projeto, mas dá pra conciliar devido aos temas serem adequados e de real importância.”

### **Comentário 4 – Escola Cora Coralina**

“ É um projeto muito bom que obriga o professor a ir além da sala de aula e ajuda a levar para dentro das salas temas que fazem parte da realidade dos alunos e que não estão no currículo escolar.”

### **Comentário 5 – Escola Cora Coralina**

“ Gostaria muito de assistir a todas as reportagens, mas infelizmente, no horário da reportagem estou preparando o almoço pra minha família, pois meu tempo é bem curto, trabalho de manhã, chego em casa, tenho que preparar o almoço e voltar à

tarde. Às vezes dá tempo pra assistir uma ou outra reportagem, mas é bem complicado nesse horário.

#### **Comentário 6 – Escola Jardim Naipi**

“Desenvolver o projeto abordando o papel do professor, relação com o ECA, visão da sociedade em relação à escola, papel dos pais X papel do professor”.

#### **Comentário 7 – Escola Frederico Engel**

“O projeto é excelente e contribui para a aprendizagem do aluno”.

#### **Comentário 8 – Escola Frederico Engel**

“Acredito que o Televisando o Futuro é um suporte eficaz para o professor perante o ensino-aprendizagem dos alunos, pois permite a associação aos conteúdos escolares, envolvendo toda a comunidade, seja ela escolar ou familiar (aluno, família e escola) todos com o mesmo objetivo de formar cidadãos capazes de atuar na sociedade de forma reflexiva, crítica e autônoma. Portanto, o projeto da RPC são ricas em temas para serem discutidos e analisados na escola e juntamente com os pais, pois o aluno relaciona o que é abordado em sala, juntamente com sua família, que também está participando através da mídia e isso permite a análise comparativa, crítica e reflexiva dos conteúdos abordados pela mídia.

#### **Comentário 9 – Escola Frederico Engel**

“O projeto é muito bom. Tem sido muito positivo com os conteúdos em sala de aula. Quero agradecer, parabenizar e ressaltar a importância na comunidade desse magnífico projeto”.

#### **Comentário 10 – Escola Frederico Engel**

“O projeto é excelente. Está dando com certeza resultados melhores em termos de aprendizagem”.

#### **Comentário 11 – Escola Frederico Engel**

“Os conteúdos vem de encontro com a nossa realidade. O projeto é ótimo e tem sido uma ferramenta a mais em sala de aula”.

**Comentário 12 – Escola Frederico Engel**

“Só posso parabenizá-los, pois esse tipo de projeto só faz enriquecer mais ainda o trabalho nosso nas escolas. Enriquecendo o conteúdo e levando mais conhecimentos aos professores e educandos.

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS (SEMI-ESTRUTURADAS)

**Objetivo 1 – Questão chave Verificar como os professores da rede Municipal de Foz do Iguaçu desenvolvem o projeto Televisando o Futuro na escola**

Exibir uma reportagem sobre meio ambiente (que o professor não tenha assistido).

Questão 1 – Agora que assistiu essa reportagem, o que faria com seus alunos? Como a levaria para a sala de aula?

Questão 2 – Como foi realizado o projeto aqui na escola?

Questão 3 – Como foi a participação dos alunos no projeto?

Questão 4 – Como você vê o papel do professor nesse projeto?

Questão 5 – Como você vê a iniciativa da emissora de televisão que realiza o projeto?

Questão 6 – Sua escola apareceu na televisão durante a existência do projeto? Se sim, como foi a experiência?

Questão 7 – Os alunos demonstram interesse pelo projeto? Por quê?

Questão 8 - Por que, em sua opinião, a escola participou do projeto nos últimos anos?

**Objetivo 2 – Verificar se as atividades realizadas pelos professores a partir do projeto têm relação com a educomunicação.**

Questão 9 - Qual a sua opinião sobre projetos que relacionam as áreas de educação e comunicação?

Questão 10 – Já ouviu falar em educomunicação? Se sim, o que sabe a respeito?

Questão 11 – A escola tem alguma iniciativa que trabalhe os meios de comunicação e suas linguagens?

Questão 12 - Existem recursos midiáticos na escola que possam ser usados pelos professores e alunos?

Questão 13 - Existem canais formais para que os alunos expressem suas opiniões?  
Ex.: jornal da escola, grêmio estudantil.

**Objetivo 3 – Verificar quem são esses professores que inserem os meios de comunicação em suas aulas e o que eles têm em comum.**

Questão 14 – O que mais gosta de fazer em seu tempo livre?

Questão 15 – Assiste TV? Se sim, quantas horas por dia costuma assistir TV?

Questão 16 – Qual a sua opinião sobre a programação da TV aberta?

Questão 17 – O que pensa a respeito de a televisão ser levada pra dentro da sala de aula?

Questão 18 – Encontrou dificuldades pra desenvolver o projeto na escola? Se sim, diga o que poderia melhorar.

Questão 19 – Recomendaria o projeto Televisando o Futuro para outras escolas e professores que ainda não participam?

**Objetivo 4 – Verificar quais são as influências da televisão na cultura da escola e os pontos positivos e negativos do projeto Televisando o Futuro.**

Questão 20 – Os professores e alunos costumam comentar na escola coisas que assistiram na televisão?

Questão 21 – Como são abordados esses conteúdos, quando chegam à sala de aula?

Questão 22 – Como são os alunos da sua escola? Como os descreveria? Fale sobre suas características e suas preferências.

Questão 23 – Você percebe diferença entre os alunos que participaram do projeto Televisando o Futuro e o que não participaram? Se sim, que tipo de diferença?

Questão 24 – Houve alguma mudança na relação entre a escola (professores e alunos) e a televisão após a participação no projeto? Se sim, que tipo de mudança?

Questão 25 – Quer comentar algo mais?

## APÊNDICE D – RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

**Questão 1 – Agora que assistiu essa reportagem, o que faria com seus alunos? Como a levaria para a sala de aula?**

### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora relatou que usaria o multimídia de escola para repassar a reportagem para os alunos em sala de aula e que depois trabalharia os conteúdos de água, solo e biodiversidade. Para concluir disse que pediria aos alunos uma produção de textos sobre o que aprenderam.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora relatou que primeiro trabalharia o meio ambiente, mostrando a diferença entre o saudável e o poluído, e depois conversaria com eles sobre a conservação do meio ambiente, faria pesquisas, perguntas e anotações e também envolveria a comunidade.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A entrevistada comentou que pela reportagem ser ampla, permitia uma série de abordagens em sala de aula. Primeiro ela assistiria junto com os alunos, trazendo as informações da reportagem para a realidade de Foz do Iguaçu e influência direta na vida dos alunos, no ambiente escolar ou no bairro. A partir disso discutiria o que estão fazendo de certo ou errado em relação ao meio ambiente. Comentou ainda, que não costuma fazer trabalhos a partir da reportagem porque não pode ficar inventando conteúdos e tem uma grade curricular pré-determinada a ser seguida, a menos que os conteúdos da reportagem coincidam com o que precisa ser ensinado.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora relatou que daria um passeio com seus alunos pela escola procurando bichinhos que fazem parte do meio ambiente, em seguida explicaria sua função e importância para o meio ambiente. Disse que faria isso, pois os alunos têm mania de matar os besouros, arrancar as patinhas e jogar nos amigos no intervalo.

No relato também disse quealaria das plantas, pra que as crianças aprendessem a amá-las, explicando que dão flores e frutos.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora disse que inicialmente exibiria a reportagem para os alunos e questionaria o que sabem sobre a biodiversidade. Depois iria até um bosque fora da escola para mostrar os animais, as plantas e ver de perto a biodiversidade. Também pediria que os alunos observassem o quintal de suas casas, faria reciclagem compostagem, e depois poria tudo no papel por meio de textos, desenhos, de repente até um teatro mostrando a importância dos seres vivos na natureza.

### **Questão 2 – Como foi realizado o projeto aqui na escola?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

Primeiro a escola ficou sabendo da premiação para alunos e professores, depois definiram em conjunto um tema para ser trabalhado dentro da temática meio ambiente, que foi água.

A escola já trabalharia esse tema independente do Televisando o Futuro, tanto que o trabalho começou antes e a escola fez diversas atividades como: passeata, envolvimento da comunidade para economia de água e acompanhamento das contas de água, cartazes, faixas, teatro, palestras para os pais e mostra pedagógica. No decorrer disso tudo vieram as reportagens do Televisando o Futuro, então a escola enviou bilhete para a casa dos alunos reforçando que assistissem as reportagens e disse que a diretora se empenhou muito nisso. Disse que o projeto enriqueceu aquilo que já vinha sendo trabalhado, e enfatizou que a participação da escola não foi só pelos prêmios do concurso, mas pelo aprendizado das crianças. Apesar de não ter esse foco, a escola acabou ganhando o concurso como escola mais envolvida com o projeto na categoria “Mobilização Social”.

A professora comentou que os pais, quando vinham até a escola, sempre falavam sobre as reportagens e tinham um assunto a mais com seus filhos. Além disso, o projeto conseguiu criar um vínculo entre os alunos, os assuntos da mídia, pais e professores.

A professora encerra dizendo que os alunos costumam assistir programas de violência (comuns na região) e que é muito bom que os alunos vejam reportagens educativas e menos sensacionalistas, pois aí sim, há uma contribuição para formar cidadãos mais críticos e que tenham conteúdo.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora conta que a escola fez um projeto de reciclagem. Disse que eles colocaram a mão na massa e ajudaram a fazer a reciclagem de papeis e cartões para suas famílias. Comentou sobre o envolvimento de todos os alunos nas atividades.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora comenta que os primeiros anos foram meio “no susto”, pois era tudo muito novo. Falou de sua própria experiência contando que escolhia as matérias com assuntos mais pertinentes para exibir na sala de vídeo e depois fazia discussões com os alunos, eles faziam desenhos e redações e basicamente era isso. Comentou ainda, que no ano passado houve um envolvimento maior da escola, um incentivo para que os alunos assistissem as reportagens em casa, um envolvimento dos pais e diversas atividades. Nesse ano (2011), por outras atribuições, a escola não se envolveu tanto apesar de terem participado e complementa que talvez tenha sido o ano de menor envolvimento desde que a escola participa do projeto.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora contou que a escola já tinha uma história de projetos de reciclagem e que o tema de 2011 veio a calhar para que ampliassem o projeto da escola e trabalhassem a reciclagem em todo o bairro. Disse que fizeram lembrancinhas com caixas de leite, separavam lixo para que os coletores viessem pegar na escola, e conclui dizendo que foi muito gratificante, pois os alunos não chamam mais de lixo, e sim de lixo que não é lixo.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora diz que a escola já desenvolvia um projeto sobre meio ambiente anterior ao Televisando o Futuro abordar essa temática. A escola já fazia reciclagem, separação de lixo e conscientização dos alunos e o Televisando veio pra

tornar esse foco ainda maior e deixar os alunos e seus pais mais entusiasmados e empolgados em realizar esse trabalho.

### **Questão 3 – Como foi a participação dos alunos no projeto?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

Os alunos participaram acompanhando as contas de água de suas residências e da escola, fazendo trabalhos em sala de aula, fazendo os materiais para a mostra pedagógica, indo à passeata. A professora comenta que mesmo com um frio de 2 graus os alunos não faltavam às aulas e que o projeto foi além da sala de aula, pois se estendia para suas casas, e para a comunidade. Diz ainda que os alunos tiveram um enorme compromisso e que ela pode ver que foi algo que formou opinião e os alunos vão levar pra suas vidas.

#### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora sentiu que os alunos gostaram muito de participar do projeto, pois fizeram atividades fora da sala de aula, com a participação de todos e aprenderam mais sobre o meio ambiente.

#### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora disse que os alunos assistem televisão, mas assistem menos o jornal, por isso o incentivo da escola e do professor é fundamental. Outra coisa que no caso do Televisando o Futuro atrai as crianças é o fato de as reportagens serem filmadas com crianças, pois elas se identificam. Disse também que sempre os pais cobram a participação da escola, pois veem as vinhetas na televisão.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora disse foi 100%, pois eles adoram fazer esse trabalho na escola. Nos dias em que sabem que isso vai acontecer ninguém falta. E os professores estão sempre trocando idéias e motivados para melhorar ainda mais seus trabalhos.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Os alunos assistiam as reportagens e discutiam primeiro em casa com seus pais e depois na escola. Aí faziam trabalhos com conteúdos e produção de textos, no sentido mais didático, de produção escrita e pesquisa.

#### **Questão 4 – Como você o papel do professor nesse projeto?**

##### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora disse que quando não tem prêmio os professores não levam muito a sério, não se comprometem e citou um exemplo de quando trabalhava numa creche, em que as professoras queriam saber antes se o projeto ofereceria coquetel, ou jantar e se não tinha, se desmotivavam. Ela acha que a participação da escola como um todo motiva, pois aí todos trabalham juntos como aconteceu em 2011. Antes de ser assim, em geral as professoras levavam as reportagens para a sala de aula, depois faziam as redações numa tarde, de forma muito pontual, e na opinião da professora, sem agregar muito pra criança. Ela acha importante a motivação do professor para cobrar os pais e as crianças, pois sem isso a desão ao projeto seria menor. Segundo a professora, o interesse das crianças não é por jornal, é por brincar. Ela vê no projeto um incentivo para os professores fazerem a diferença na aprendizagem e na formação de opinião.

##### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora diz que o professor é muito importante para fazer o intercâmbio, o intermédio do Televisando o Futuro na sala de aula, mas o problema é que não há muito tempo para participar de projetos, mesmo que eles sejam bons.

##### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora acha que é de ser um veículo do projeto. O papel da TV é mostrar e o do professor é ampliar a reflexão por parte da criança, mas isso só acontece se o professor estiver sempre falando e perguntando sobre o projeto.

##### **Escola 4 – João Adão da Silva**

Na opinião da entrevistada, o professor tem o papel mais importante de todos, afinal, se ele incentiva a criança vai. Se for um professor que não fala nada, a criança também não se interessa, porque não é normal que elas assistam jornal.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada diz que o professor tem que estar antenado. Pra que ele mostre a importância das reportagens, ele também tem que assistir e acompanhar não só a televisão, mas jornais, revistas e todo material que traga informações sobre o tema trabalhado. Os meios de comunicação são importantes, mas a TV é mais, porque seu visual chama mais a atenção dos alunos e os motiva mais. Encerra dizendo que a troca de informações é muito importante e que a TV facilita isso, pois estimula o diálogo.

**Questão 5 – Como você vê o papel e a iniciativa da emissora de televisão que realiza o projeto?**

### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora diz que não sabe quem idealizou o projeto, mas que a pessoa que o criou, deve ter o mesmo pensamento que o dela: dar motivação para o professor trabalhar os temas em sala de aula. Disse ainda, que apesar das críticas contra a mídia, de falar que a mídia é sensacionalista, que estimula o consumo, que incentiva a estereótipos e que passa o homossexualidade como algo comum, o Televisando o Futuro ajuda por seu cunho científico e por apresentar questões que a criança tem que saber até pra poder questionar o que é certo, o que é errado. A professora finaliza afirmando que a escola por ter o foco em conteúdos e vestibular perdeu um pouco essa ideia de formar opinião e isso na opinião da professora é muito importante também.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada acha a iniciativa da RPC TV muito importante. Porque eles divulgam o trabalho das escolas pra toda a população.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora acha que a emissora faz um trabalho muito importante, pois mostra pra sociedade o que acontece na escola. Além disso, o fato de as temáticas estarem relacionadas ao ambiente escolar, à família e à sociedade, de alguma forma isso estimula a cidadania, que também é o objetivo da escola. Para a entrevistada a emissora deve continuar esse trabalho de desenvolver a cidadania com os temas que aborda, seja meio ambiente, educação no trânsito, ou outros temas relevantes.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada acha que a mídia não deixa de ser importante, porque quando as crianças vêem algo na televisão, chegam à escola motivados e com vontade de fazer alguma coisa. A mídia acaba motivando o aluno a melhorar a sua qualidade de vida.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Para a entrevistada, o papel da emissora é o de expandir o conhecimento e a cultura. Ela afirma que na correria diária, muitos assuntos interessantes de se trabalhar na escola acabam passando batido e o projeto ajuda a manter o professor com foco em realizar essas atividades. Ela diz ainda que na família começa, mas é na escola que se formam pessoas críticas, pensadoras, que pensam sobre o seu papel na sociedade. A iniciativa é boa, pois forma cidadãos mais ligados ao mundo em que vivem. Finaliza dizendo que a televisão tem que mostrar o que acontece e as pessoas devem fazer a sua parte melhorar o que for possível na sociedade.

<p><b>Questão 6 – Sua escola apareceu na televisão durante a existência do projeto? Se sim, como foi a experiência?</b></p>
---

### **Escola 1 – Cora Coralina**

A entrevistada responde afirmativamente à pergunta e diz que ela inclusive foi uma das entrevistadas e sorri brincando que agora está chique e famosa. Sobre a experiência ela comenta que é muito difícil fazer coisas diferentes da rotina da escola, mas que quando o professor se propõe a fazer, a buscar recursos diferentes, o resultado é maravilhoso. Ela encerra dizendo que a televisão sozinha não faz

milagre, pois as vezes os alunos não farão a leitura ou terão a visão correta do assunto, por isso, pra que os resultados sejam efetivos, um encaminhamento por parte do professor é fundamental.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada lamenta por sua escola nunca ter aparecido na televisão, pois diz que isso seria muito importante para motivar o professor e a comunidade a participarem mais efetivamente do projeto.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que a escola não apareceu com um projeto específico, mas foi citada quando uma criança da escola ganhou uma categoria do concurso. Segundo a professora, só esse fato já deu uma repercussão muito positiva pra escola e gerou comentários dos funcionários, pais e alunos.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada responde que sim, com um projeto de eleições, em que fizeram uma grande votação na escola. Os alunos agiram como políticos, fazendo propostas, cuidando de suas campanhas e pedindo votos. A TV gravou tudo e depois exibiu, e a professora comenta que para os alunos foi maravilhoso. Eles se viam na televisão e gritavam: “olha eu lá!”. Depois disso a professora disse que percebendo o interesse de alguns alunos pelo jornalismo, até quis fazer um jornal da escola, mas que pela falta de tempo o projeto foi adiado.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora afirma que sua escola já apareceu na televisão. Ela não recordava o ano, mas sabia que tinha aparecido. Ela lembrava que os pais ficaram empolgados, as crianças também, pois era a escola que estava ali no foco da TV, mostrando seu trabalho.

**Questão 7 – Os alunos demonstram interesse pelo projeto? Por quê?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora afirma que sim, e que as crianças participam do projeto espontaneamente, sem visar prêmios, porque elas adoram desafios. Ela comenta que a escola precisou de depoimentos de alguns alunos pra mandar para o concurso e que todos queriam opinar. Ela disse que os alunos pedem para ver as reportagens na hora cívica (momento da escola para trabalhar temas de cidadania que acontece todas as sextas-feiras) e finaliza dizendo que até os pequeninos do 1º ano cobravam a participação no projeto.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada diz que os alunos demonstram muito interesse, principalmente porque envolve toda a escola e porque eles são bastante participativos.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que a partir do momento em que o professor começa a trabalhar o projeto, os alunos se interessam. Cita seu caso como exemplo, dizendo que ela estimulava a participação e que o fato de eles verem as reportagens com outras crianças também motivava.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora diz que sim, os alunos sempre querem participar. Eles não se importam se vão ganhar ou perder, o que eles não querem é ficar de fora. Ela conta ainda, que a escola sempre pede a opinião dos alunos, pois se não houver aceitação por parte deles, o projeto nem é desenvolvido pela escola. Ela diz que no caso do Televisando, até agora não teve nenhum ano em que os alunos não quisessem participar.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada diz que sim e que os alunos ficam empolgados quando ficam sabendo que o projeto vai começar a passar na televisão. Eles ficam animados e querem saber mais sobre os assuntos das reportagens. Assim como na escola Jardim Naipi, a professora comenta que eles gostam de ver outras crianças na televisão e que ficam perguntando se vão aparecer também.

<b>Questão 8 - Por quê, na sua opinião, a escola participou do projeto nos últimos anos?</b>
--

**Escola 1 – Cora Coralina**

Para a professora a escola participa para formar opinião dos alunos. Ela admite que a premiação do concurso incentive, mas diz que a prioridade da escola é com o compromisso social e com a cidadania, apesar de também terem professores que só pensam em se promover.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora acha que sua escola participou justamente para poder aparecer na televisão, para divulgar seus trabalhos.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A entrevistada acha que sua escola participa, pois o projeto é palpável. Ela comenta como fator positivo as reportagens serem locais, pois isso possibilita mostrar os trabalhos da região. Ela também diz que a participação é simples e que até com um desenho o aluno pode participar – bastando um trabalho por trás disso - e é por essa simplicidade, que o projeto se torna fácil de desenvolver.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

Na opinião da professora a escola participa para que os alunos vejam que são capazes de participar e até de vencer um concurso. E mesmo que não se ganhe prêmios com o projeto, se ganha em conhecimento e sabedoria.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Para a entrevistada a escola participa para desenvolver a criança e para mostrar as dimensões do conhecimento, da investigação e da televisão. Ela afirma que a escola tem interesse em desenvolver alunos curiosos, pesquisadores, que estejam atentos ao que acontece no mundo, e que por isso a escola participa.

<b>Questão 9 - Qual a sua opinião sobre projetos que relacionam as áreas de educação e comunicação?</b>
---

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora avalia como muito importante e positiva. Ela diz que há um desgaste devido ao currículo ser muito extenso, a terem muitos alunos em sala e que é preciso algo que motive, que dê um foco para o trabalho do professor. Ela diz que às vezes o trabalho do professor se resume em abrir o livro, ler um texto, responder as questões e pronto, mas que deveria ir muito além disso, que deveria ultrapassar as quatro paredes da escola e ajudar a formar a opinião e a identidade dos alunos. Ela afirma que apesar de vez ou outra as escolas arriscarem coisa novas, no geral ainda são muito tradicionais e que onde prevalece quadro negro e giz, não há lugar para a mídia, ou pra qualquer outra coisa apesar de sua importância.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora diz que acha uma boa ideia e que poderia sempre acontecer esse tipo de aproximação entre a escola e os meios de comunicação.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora respondeu que não utilizar esses apoios, esses projetos é remar contra a maré. A televisão é mais fácil porque praticamente todos têm. Ela comenta que esse acesso fácil de certa forma é ruim, pois as crianças não deveriam assistir sem um adulto supervisionando. Ela afirma que quando aparece um projeto em que há um incentivo à cultura e a cidadania, ele deve ser estimulado em detrimento de outros não adequados ao público infantil.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada acha muito bom, pois afirma que as crianças já estão convivendo com isso. Eles tem acesso ao computador, à televisão e muitas vezes chegam na escola comentando. Ela comenta que já faz isso há algum tempo com seus alunos por iniciativa própria, pedindo que uma vez por semana assistam a uma matéria para debater em sala de aula. A única exigência é que a matéria não seja

sobre crime. Segundo a professora eles discutem o papel do jornalista, o tema abordado e a imparcialidade da informação, já que muitos alunos querem ser jornalistas.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora acha que é mais um estímulo para as crianças, pois as deixa mais ligadas no que acontece ao seu redor. Diz que enquanto professores eles devem ensinar os conteúdos, mas sem esquecer de inserir os alunos no mundo em que vivemos. Diz também que os alunos estão até mais informados que os professores, e que cabe a esses professores não ficar para trás e acelerar o rendimento, pois não dá pra ficar bitolado. Conclui dizendo que os meios de comunicação são importantes, mas que também trazem muitos perigos e que portanto, cabe ao educador alertar os alunos e manter o foco naquilo que é importante.

**Questão 10 – Já ouviu falar em educomunicação? Se sim, o que sabe a respeito?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora comenta que em Foz existe o NTM – Núcleo de Tecnologias Municipal que oferece alguns cursos sobre tecnologias e que ela se lembra de ter sim ouvido falar. O que entendeu foi que educomunicação é a utilização das mídias, mas que não tinha certeza se o estava certa.

#### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora afirma que não tem conhecimento sobre o termo e que já até ouviu de relance, mas que não estava lembrada no momento.

#### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A entrevistada diz que participou de um curso ofertado pelo projeto e que foi uma pena a pessoa que deu o curso não ter se aprofundado no assunto. O que ela entendeu é que educomunicação é o desenvolvimento de atividades educativas com

a comunicação, ou seja, educação através dos meios de comunicação, que servem como apoio aos professores.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada respondeu que não conhecia o conceito.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora disse que apesar de nunca ter ouvido falar, acredita que seja algo importante, pois a educação e a comunicação podem ensinar muita coisa. Ela cita o exemplo do crescimento dos programas de educação a distância para falar sobre a interação das pessoas com os meios de comunicação.

**Questão 11 – A escola tem alguma iniciativa que trabalhe os meios de comunicação e suas linguagens?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora afirma que não. Que o que existe é uma preocupação grande da escola e da secretaria para que os professores tragam as mídias para a sala de aula, que usem rádio, máquina fotográfica, multimídia, mas que também não é nada obrigatório. Ela diz que a adesão dos professores a esse tipo de ação ainda é pequena e que por isso ainda não está presente no dia a dia das crianças.

#### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora disse que não era de seu conhecimento se a escola possuía ou não esse tipo de atividade.

#### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora relatou que não existe como projeto, mas como os meios de comunicação são conteúdos escolares, isso deve ser trabalhado pelos professores. A entrevistada conclui dizendo que os professores trabalham sim o conteúdo, mas não com essa abordagem.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada afirma que não tem uma fala para responder a essa questão.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora diz que acredita não ser trabalhado com esse foco de análise. O que os professores trabalham são os meios de comunicação e sua importância.

**Questão 12 - Existem recursos midiáticos na escola que possam ser usados pelos professores e alunos?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora diz que o município é privilegiado nesse sentido, pois todas as escolas têm multimídia e quase todas têm acesso a internet. Também afirmou terem máquina digital e rádio e finaliza dizendo que a escola dispõe sim de recursos. Ela diz que só tem problema quando mais de um professor quer usar o mesmo equipamento no mesmo dia ou hora.

#### **Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada diz que a escola não possui esses tipos de aparelhagens e que se tivessem, ajudaria muito a desenvolver projetos. Ela afirma ter na escola uma sala de informática que foi implementada em 2010.

#### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que tem possibilidades para fazer jornal impresso, pois a escola tem computadores, internet, impressoras e máquinas fotográficas, mas que os equipamentos para filmagem são relativamente “pobres”. Também citou o equipamento de multimídia como um dos recursos.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora diz que a escola tem recursos: filmadora, máquinas fotográficas, multimídia que é usado como cinema, internet, caixas de som, tudo isso. Diz ainda que se não usam é porque acabam se prendendo muito aos conteúdos, mas os recursos existem.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada diz que não existem recursos tão técnicos, mas que tem o básico. Citou que já fez uma gravação dos trabalhos dos alunos sobre eleições, mas que não foi nada profissional.

**Questão 13 - Existem canais formais para que os alunos expressem suas opiniões? Ex.: jornal da escola, grêmio estudantil).**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A entrevistada afirma que a expressão dos alunos acontece nas práticas de alguns professores e aleatoriamente. Cita como exemplo um varal de notícias com opiniões dos alunos, mas enfatiza que a participação deles não é obrigatória.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora diz que infelizmente a escola não tem.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora disse que existem canais nessa tentativa, de deixar os alunos se expressarem, mas não pela comunicação e sim pela arte, mais precisamente pelo teatro e pela música. Os espetáculos são feitos pelos próprios alunos e eles são os protagonistas. Foi uma ideia que partiu da televisão, mas que foi feita dentro do ambiente escolar.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada informou que não existem esses tipos de canais para os alunos se expressarem.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada relatou que isso vai depender muito do professor. Porque essa questão de autonomia com os alunos é trabalhada lá pelo 4º ou 5º ano. Ela informou ainda, que a escola não possuía um grêmio estudantil, mas tinha uma iniciativa similar em que os alunos detectavam as necessidades da escola e faziam suas

reivindicações à direção. Disse que era uma coisa simples e não era bem organizada, mas fazia com que os alunos se sentissem mais autônomos.

**Questão 14 – O que mais gosta de fazer em seu tempo livre?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A entrevistada da escola Cora Coralina disse que o mais gosta de fazer nas horas livres é dançar. Ela faz aulas de balé e castanhola.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada declarou que é muito difícil professor ter tempo livre para o lazer, mas quando tem, ela gosta de sair, de visitar seus parentes, de ficar com o neto e de ir a churrascos.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A entrevistada declarou gostar bastante de assistir televisão. Gosta de filmes, reportagens e também de ler. Mas lê coisas prazerosas e não relativas ao trabalho, pois isso já faz na escola. Concluiu dizendo que gosta de estar com seus filhos.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora disse que gosta muito de ler, de ver um bom filme e de sair com seus filhos.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Como tem dois filhos pequenos o que mais gosta de fazer é ficar com eles e lhes apresentar o mundo. Disse também que gosta muito de passear em parques e que a família é o foco do seu lazer.

**Questão 15 – Assiste TV? Se sim, quantas horas por dia costuma assistir TV?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora disse que assiste sim, em média uma hora por dia, não mais que isso, pois como também é psicopedagoga, muitas vezes faz atendimentos fora da escola e seu tempo em casa é bem restrito. Disse ainda que assiste muito filme e que jornal é sagrado, pois seu marido é administrador. Concluiu resumindo que o tempo de TV em casa é dividido entre jornal e filmes e que muito raramente vê novelas. Quando assiste a novela é pra poder ter opinião sobre o que outros comentam e pra ter uma percepção sobre o assunto que a novela está tratando.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevista declarou que adora assistir televisão antes de dormir. Disse que assiste jornais, que adora o programa do Jô Soares e alguns como Globo Repórter. Disse que a televisão ajuda a relaxar, a pegar no sono e a sair um pouco daquela preocupação de escola, de matéria que tem que ser cumprida. A professora disse que assiste em média duas horas de televisão por dia.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A entrevistada declarou que o fato de a TV estar ligada não é mesmo de a pessoa estar prestando atenção. Então o tempo de TV ligada é grande, mas que ela senta pra assistir, não mais que uma hora por dia.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora disse que assiste o jornal do meio dia, novela e alguma programação da noite, o que dá em média 2 horas, duas horas e meia por dia.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora declarou que ser mãe e duas crianças ocupa muito o seu tempo por isso consegue assistir pouco, mais quando as crianças dormem cedo. As vezes consegue ver um jornal, mas comentou que tem momentos em que tem tempo e não tem nada interessante na programação.

**Questão 16 – Qual a sua opinião sobre a programação da TV aberta?****Escola 1 – Cora Coralina**

A professora declarou não ter uma opinião positiva, pois é mais tradicional em relação aos costumes. Disse que acha que a TV banaliza assuntos polêmicos e os mostra como sendo naturais, como por exemplo, a homossexualidade. Reafirmou não ser preconceituosa, mas disse que ainda segue os princípios de que família tem que ser de pai e mãe. Critica a mídia dizendo que a TV mostra que as mulheres são interesseiras, que todo mundo tem que ser ambicioso, que as famílias tem que ser destruídas. E acha que o que mais pesa na TV aberta é a novela, pois é o que as crianças mais assistem e o que as famílias mais comentam. A professora conclui dizendo que os melhores programas passam muito cedo e que a programação cultural deveria estar mais acessível à população, apesar de que, na opinião da professora, deixar a população mais culta e mais crítica não é interesse do governo.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A opinião da professora é que poderia melhorar a programação, pois tem muito programa ruim que nem deveria estar no ar. Cita como exemplo o programa do Ratinho que, a seu ver é uma vergonha. Também criticou programas violentos que as crianças assistem muito e finaliza dizendo que algumas programações não trazem cultura nenhuma.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora contou que foi obrigada a colocar TV por assinatura porque tem dois filhos e prefer eabrir mão de outras coisas pra que eles não tivesse acesso livre à programação aberta. Ela conclui dizendo que como eles passam muito tempo em frente à TV e isso ela não pode evitar, pelo menos ela pode escolher uma programação melhor e estabelecer regras quanto aos horários para assistir TV.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada diz que não gosta muito da programação e que se tivesse crianças menores não deixaria assistir novelas. Ela disse que incentivaria a assistir filmes (passam alguns bons na sessão da tarde) e jornal.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Na opinião da entrevistada alguns programas são interessantes, como jornais ou outros de cultura e conhecimento, mas esses bons geralmente passam em horários em que as pessoas não conseguem assistir. Ela lamenta o fato de que quando as pessoas têm tempo, não tem nada interessante para ver.

**Questão 17 – O que pensa a respeito de a televisão ser levada pra dentro da sala de aula?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

Segundo a entrevistada a TV pode ser usada pelo professor como uma fuga pra que ele ponha um vídeo, descanse 50 minutos, ou corrija os cadernos. Ela admite que as vezes os professores usam essas armas. Ela acha que a TV ou qualquer outro recurso tecnológico encanta a criança, então se o professor tiver tempo que faça isso, pois será recompensado com o aprendizado de seus alunos.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada disse que acha muito importante que projetos como o Televisando o Futuro sejam levados pra sala de aula. Assim as crianças poderiam ver mais e participar mais, mas isso não acontece.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

Segundo a professora, levar a TV pra sala de aula é mais um meio de ensinar, afinal as vezes se aprende mais facilmente com a televisão do que com a explicação do professor. O estímulos da imagem do movimento e do som, são muito estimulantes para as crianças, na opinião da professora.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora acha que é ótimo levar a TV para a sala de aula. Ela disse que antes levavam. Passava-se um filme e depois pediam a interpretação ou uma resenha, mas isso ficava muito vago, afinal tem muito mais coisas que podem ser exploradas.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

Segundo a professora é mais um meio de comunicação que as crianças gostam e que chama a atenção, além da internet que elas também gostam muito. Ela acha importante pela relevância desse veículo no mundo em que vivemos.

**Questão 18 – Encontrou dificuldades pra desenvolver o projeto na escola? Se sim, diga o que poderia melhorar.**

### **Escola 1 – Cora Coralina**

Segundo a professora uma das maiores dificuldades é a questão financeira, pois desenvolver projetos sempre gera custos. Para fazer o Televisando por exemplo, teve o custo das faixas, das camisetas, coisas que poderiam sair de uma verba específica de ajuda de custo.

Como sugestão para melhorar o projeto a professora diz que a emissora precisa estar mais próxima, ir mais vezes até a escola, pois assim os alunos sentem que não é aquela coisa distante que a gente vê só de casa. Ter mais visitas da emissora seria ótimo, pois as crianças se encantam com os repórteres e com o microfone.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada diz que o projeto poderia ter um acompanhamento mais de perto.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora disse que a maior dificuldade é garantir que os alunos assistam as reportagens em casa, pois se eles não assistem, ou a escola precisa repassar as matérias na escola, ou inviabiliza o trabalho. E a outra dificuldade acaba sendo da própria escola mesmo, pois segundo a professora, tudo o que foge do âmbito da sala de aula nem sempre é fácil. Ela também cita a falta de tempo como um dos obstáculos e a cobrança não só do Televisando, mas de todos os projetos recaírem sobre a escola. Sugere que a comunidade também seja participativa, pois a escola precisa se ocupar dos conteúdos. Ela encerra perguntando: “Se eu me preocupar

em ensinar só cidadania, o conteúdos escolar como é que fica?”. As sugestões da professora são envolver mais a comunidade e sempre conciliar com os conteúdos da escola para que o professor possa aproveitar bem o projeto, favorecer a criança e estimular a cidadania, afinal o projeto é importante, mas ela não pode fugir da missão da escola.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A dificuldade segundo a professora é a falta de materiais para informar o aluno. Ela acha que só a reportagem não dá condições pra que eles produzam textos e expressem sua opinião. Ela sugere que aumente a quantidade de reportagens do projeto e que as informações sejam mais ricas e detalhadas com linguagem mais acessível para as crianças.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora diz que a dificuldade está em fazer com que as crianças assistam as reportagens e esse trabalho acaba tendo que ser refeito pela escola mais tarde. Além disso, diz que os pais não auxiliam seus filhos por também não terem assistido às matérias, ou por falta de tempo. Ela sugere o aumento no número de reportagens e elogia a emissora por mostrar coisas boas que acontecem nas escolas e na educação, mas diz que seria bom se isso não acontecesse apenas uma vez por ano, e que fosse mais frequente.

**Questão 19 – Recomendaria o projeto Televisando o Futuro para outras escolas e professores que ainda não participam?**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

A entrevistada diz que recomendaria por dois motivos: o primeiro porque ele traz um novo incentivo tanto para o professor quanto para os alunos. O segundo porque os professores já trabalham mesmo as temáticas propostas na escola, e o projeto traz mais uma chance de mostrar o trabalho do professor, afinal as reportagens mostram as práticas dos professores na escola e isso vai inspirar e motivar outras pessoas. Ela conclui dizendo que é preciso sair do tradicionalismo, de deixar as crianças serem mais críticas e menos robôs.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora disse que recomendaria sim, pois o trabalho com projetos é uma coisa boa e importante pra escola.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que sim e que o projeto acrescentou para ela no aspecto pessoal e para o desenvolvimento das crianças. A professora reafirma que o projeto é palpável e possível, e comenta que as coisas chegam bem certinhas, bem determinadas por parte dos organizadores, além de proporcionar mudanças positivas.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora diz que recomendaria com certeza. Ela afirma que o projeto é tudo de bom e que veio somar com o trabalho do professor, que veio de encontro ao que eles precisam em sala de aula.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora diz que é um trabalho a mais, mas que é importante e não deve ser feito por fazer, afinal é um meio de comunicação importante e as próprias crianças pedem pra participar.

**Questão 20 – Na escola costumam haver comentários de professores e alunos sobre assuntos da TV?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora afirma que hoje não tem quem não chegue em casa e não ligue a televisão, então diz que comentam sim e muito os assuntos da TV, principalmente sobre novela, jornal e assuntos de política. Os alunos também comentam muito e a professora diz que isso não acontece só na escola, mas em qualquer lugar onde tenha mais de uma pessoa.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevistada afirma que existem muitos comentários e sobre assuntos variados, como reportagens, filmes, novelas e programas que interessam. Ela acha

que os alunos dos quartos anos que já são um pouco maiores comentam mais. Afirma ainda que seus alunos sempre comentam com ela, e ela com eles.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora responde afirmativamente e diz que tanto alunos quanto professores comentam bastante. Até cita um exemplo ocorrido no dia da entrevista em que uma aluna fez uma comparação do que estava sendo ensinado com um planeta fictício de uma novela. Como a professora não assistia novela, teve que pedir pra aluna explicar do que se tratava a comparação, e a aluna ficou impressionada porque a professora não via a novela. Ela conclui dizendo que a TV interfere na aula, mesmo sem o professor pedir.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

Sim, comentamos bastante, foi a resposta da professora. Ela contou que na escola existe uma roda de conversa na primeira hora da manhã, em que os alunos trazem assuntos que viram na mídia para discutir em sala. A professora diz ainda, que no início era difícil alguém querer falar, mas que quando passa a a reportagem do Televisando o Futuro eles falam.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora conta que os alunos comentam sim e que assim como disse a professora da Escola Frederico Engel, os alunos maiores do 4º ano que são mais antenados comentam e questionam mais. Segundo a entrevistada os professores têm o tempo mais curto e não comentam diariamente como as crianças, mas na hora dos intervalos sempre surge um comentário.

**Questão 21 – Como são abordados esses conteúdos, quando chegam à sala de aula?**

### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora diz que dependendo do tema é complicado abordar em sala de aula e cita como exemplos alguns assuntos mostrados na novela e em programas

sensacionalistas: muita riqueza, famílias separadas, homossexualidade, homicídios. Ela conta que na escola foi criado um projeto de teatro para trabalhar essas questões sociais que são muitas vezes trazidas pela TV, e enfatiza a responsabilidade da TV para a formação da opinião das crianças.

### **Escola 2 – Frederico Engel**

A entrevista diz que eles conversam sobre o que assistiram na televisão, mas que as vezes tem que dar uma paradinha e os chamar para a realidade, deixando o assunto um pouco de lado, afinal é preciso retomar o conteúdo em sala de aula.

### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que isso acontece e que a abordagem é muito pessoal de cada professor, mas que quando o comentário é negativo, o melhor é escutar (pois não adianta fingir que não existe), mas sem incentivar a continuidade. A entrevistada diz que quando é coisa ruim ela escuta, os faz refletir sobre o assunto, e as vezes pergunta se realmente aquilo era ideal para a faixa etária deles. Se é um bom exemplo até é bom discutir.

### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora cita o exemplo de um homicídio do tio de uma aluna e de como foi difícil abordar isso pra que ela não ficasse magoada com o que os outros alunos estavam falando. Ela diz ter feito um combinado de não trazer assuntos de crimes e violências para a escola, mas quando isso acontece procura encaminhar de forma mais particular.

### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada diz que dependendo do assunto os alunos ficam bem empolgados, até mesmo os que não assistiram. Ela diz que certos assuntos são bastante delicados e que o professor tem que manter um foco em que lição quer que os alunos aprendam daquele comentário. Ela diz também que recomenda que os alunos vejam programas mais interessantes e apropriados a sua faixa etária e que contribuam para o seu futuro como bons cidadãos.

**Questão 22 – Como são os alunos da sua escola? Como os descreveria? Fale sobre suas características e suas preferências.**

#### **Escola 1 – Cora Coralina**

A professora conta que a escola tem uma clientela carente, mas que muito privilegiada, pois a direção faz a diferença procurando sempre dar oportunidades para que as crianças sejam mais participativas, os professores mais ousados e menos tradicionais.

#### **Escola 2 – Frederico Engel**

A professora disse que os alunos são bastante participativos, de uma comunidade com poder aquisitivo até mais ou menos. Diz que os alunos gostam de ir a escola, gostam de ajudar e de estar em contato com outras pessoas.

#### **Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora diz que é uma escola bastante mista. Tem alunos com grau de pobreza sim, mas também tem o contrário. Ela diz que alguns alunos se divertem indo no cinema, no shopping, ou no computador, já algumas mais soltas ficam brincando na rua em função da situação social.

#### **Escola 4 – João Adão da Silva**

A entrevistada diz que os alunos gostam muito de ler e brincar. E que pela escola ser um Centro de Convivência (fica aberta o dia todo com atividades pedagógicas e de lazer), eles gostam muito de ficar na escola.

#### **Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora diz que os alunos são internautas. Que falam muito sobre e-mails e Orkut. Disse que até se preocupa com a falta de atividade física das crianças por passarem muito tempo na TV e na internet, e que sempre incentiva para tenham outros tipos de diversão, como por exemplo a leitura.

**Questão 23 – Você percebe diferença entre os alunos que participaram do projeto Televisando o Futuro e o que não participaram? Se sim, que tipo de diferença?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora diz que sim e que os alunos que não participam querem saber o porquê de não terem aparecido na TV e porque não fizeram as atividades que os outros fizeram. Afirmou também que a uma coisa que se percebe é a formação de opinião.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora afirma que os que participam do projeto acabam aprendendo mais e tendo mais esclarecimento sobre o tema em questão.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora salienta que não é uma exclusividade do Televisando o Futuro, mas que os alunos que participam de qualquer projeto que envolva a escola e a família, têm um maior envolvimento com o tema abordado. Ficam mais preocupados com as questões sociais, e têm maior consciência, enquanto os outros ficam mais alheios.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora disse que os alunos que não fizeram o projeto esse ao jogam lixo no chão, papel de bala, de bolacha e as que participaram acabando cobrando mais consciência das outras crianças. Citou o exemplo de uma reportagem de anos anteriores que falava sobre alimentação saudável, e contou que depois que os alunos assistiram, resolveram proibir o consumo de doces e chicletes na hora do recreio. A professora comemora o fato de terem passado a comer mais a merenda da escola e diz que eles aprendem o que é melhor pra eles.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A professora notou uma melhora na autoestima dos alunos, pois diz que passaram a se sentir mais importantes e que querem parecer na televisão. Ela diz que não dá pra comprara muito porque na escola todos participam.

**Questão 24 – Houve alguma mudança na escola após a participação no projeto? Se sim, que tipo de mudança?**

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora fez questão de dizer que o seu comentário sobre essa questão foi baseado na sua turma e não nas da escola como um todo. Ela afirma que houve mudança de comportamento dos alunos em relação ao meio ambiente, que houve mudança na sua prática, pois agora ela tem cobrado mais que os alunos assistam e discutam os assuntos da mídia e por fim, mudou a participação dos pais, que estão mais presentes na escola.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora disse que não houve um antes e depois do projeto. Que se teve alguma mudança foi tão pequena que nem dava para perceber e disse que isso pode ser porque a escola só participa há dois anos do projeto.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora comenta a mudança na participação dos pais e conta que basta começarem a vinhetas na TV que já tem um outros pai perguntando se a escola vai participar. Ela também comenta que o projeto conseguiu uma novidade: que os alunos assistissem jornal.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora disse que houve uma mudança muito grande. A escola criou uma afinidade maior com a TV e disse que quando é chamada, a emissora vem e filma, o que é importante para dar exemplos para outras escolas.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada diz que mudou a visão das pessoas de que a escola só ensina português e matemática. É importante mostrar pra sociedade que a escola ensina o aluno a ser pesquisador, a ser crítico, a ser mais atencioso a respeito do que

acontece no mundo. A escola faz com que o alunos cresça mais autônomo, mais humano, mais capaz de criticar, analisar e não receber as coisas prontas.

<b>Questão 25 – Quer comentar algo mais?</b>
--

**Escola 1 – Cora Coralina**

A professora comentou que estavam felizes porque a escola ganhou o prêmio no concurso cultural, e ao mesmo tempo chateados pois a RPC só deu brindes para os alunos do turno da manhã.

**Escola 2 – Frederico Engel**

A professora quis aproveitar para pedir uma maior divulgação do projeto para que haja uma maior adesão nos próximos anos.

**Escola 3 – Jardim Naipi**

A professora disse que esperava uma continuidade do projeto, pois ela já havia estimulado outras emissoras a começarem a falar bem da educação e isso é muito importante.

**Escola 4 – João Adão da Silva**

A professora comentou que o projeto enche os participantes de gás e dá uma motivação. Ela acha o projeto muito bom q quer continuar participando.

**Escola 5 – Altair Ferrais da Silva (Zizo)**

A entrevistada comenta que a emissora deveria produzir mais reportagens para exibir ao longo de todo ano, pois quanto mais a televisão mostrar a importância da educação, melhor.